



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JONATHAN REGINNIE DE SENA LIMA

**AS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS E O FORTALECIMENTO DA
IDENTIDADE NEGRA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM
RECORTE DAS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008**

RECIFE

2017

JONATHAN REGINNIE DE SENA LIMA

**AS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS E O FORTALECIMENTO DA
IDENTIDADE NEGRA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM
RECORTE DAS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito de obtenção de título de licenciado em Pedagogia, orientada pela Prof.^a Dr.^a Denise Maria Botelho.

RECIFE

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**AS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS E O FORTALECIMENTO DA
IDENTIDADE NEGRA NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM
RECORTE DAS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008**

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado(a) em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Prof.^a Coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia

Data da Defesa: 17 de Fevereiro de 2017

Horário: 11:00 horas

Local: Sala de Seminários – Bloco A - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^a Denise Maria Botelho
(Orientadora)

Prof. José Nunes da Silva
(Examinador(a) Interno(a)a)

Prof.^a Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira
(Examinador(a) Externo(a))

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

L732r Lima, Jonathan Reginnie de Sena
As religiões afro-indígenas e o fortalecimento da identidade
negra nas comunidades tradicionais: um recorte das leis
10.639/2003 e 11.645/2008 / Jonathan Reginnie de Sena Lima. –
2017.
121 f.: il.

Orientadora: Denise Maria Botelho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Educação, Recife, BR-PE, 2017.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Identidade negra 2. Religiões afro-indígenas 3. Lei
10.639/03 4. Lei 11.645/08 I. Botelho, Denise Maria, orient.
II. Título

CDD 370

Feiticeiro Negro – Carlos Buby

Por que tantos desamores
Contra os feiticeiros negros
Que só querem levar flores
Para Iemanjá

Rebater nos seus tambores
Os açoites da vida
E com a alma redimida
Fazer festa no mar

Iemanjá Sobá, Miregun, Iyabá
Senhora das Candeias, Odoiya

Por que tantas palavras
Contra os feiticeiros negros
Que só querem liberdade
Pra saudar Xangô

Relembrar nos seus tambores
A história perdida
E com a alma redimida
Cantar em seu louvor

Xangô Agodô é Justiça e Amor
Xangô Agodô, Kaô Kaô

Por que tantos preconceitos
Contra os feiticeiros negros
Se a cultura do amor
Não discrimina cor

O navio negreiro já miscigenou
E em cada negro tem um branco
Que a princesa libertou

É hora de dançar
Para o rei Nagô
É hora de cantar
O que Zumbi ensinou

Ojú Obá ô Zaze ê
Ojú Obá ô Zaze ê
Ô Zaze ê Ojú Obá
Ojú Obá ô Zaze ê

Ao povo brasileiro, para que aprendam a amar sem distinção, para que possam evitar o cometimento de outras atrocidades contra nossos irmãos e irmãs, sem credo, cor, sexo, gênero ou profissão de fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda paz e toda luz, manifestado em todas as suas formas, aclamado por todos os seus nomes, adorado em todas as liturgias e inspiração para todos os seus povos, por permitir que nossa evolução espiritual e material possam se desenvolver com tantas facilidades, à medida do importante binômio necessidade e merecimento, propiciando uma visão da Justiça e Providência divinas mediante um viés prático, aferido na vivência do cotidiano. Por nossa vida e por todas as experiências a que nos tem permitido lograr no sentido de, paulatinamente, irmos nos apropriando das afinidades e felicidades na convivência fraternal no caminho da evolução individual e na comunidade cósmica.

À espiritualidade amiga, em especial às divindades yorubanas (os sagrados orixás), aos Guias, Mestres e encantados, por, desde sempre, demonstrarem sua força e presença em minha vida, mesmo a tendo reconhecido tão tardiamente. A Tupi, Sol Nascente e, em especial, ao Mestre Tangirino da Jurema, meu mentor e guia, axé!

À minha avó, Severina Francisca de Sena, Dona Biu, *in memoriam*, exemplo de força e fé. Mulher de baixa escolaridade, parteira, mãe de 12 filhos biológicos e tantos outros a quem gentilmente fez vir ao mundo e àqueles que tão carinhosamente cuidou como filhos seus. Avó de tantos netos e bisnetos, que, com seu jeito simples e firme, e seu encanto pela educação (especialmente na admiração, honra e a satisfação do reconhecimento e da beleza em ser chamada “a mãe da professorinha”) formou duas gerações de professores, todos admiradores incontestes de sua sabedoria, carinho e afeto, mostrando a face amorosa do educar. A você, vó, meus sinceros agradecimentos e uma extrema felicidade por ter nesta raiz forte um dos maiores exemplos do que é perseverança, vitalidade e esperança no provimento das coisas do Alto. O poder do seu matriarcado é um elemento fundamental que sustenta nosso clã dos Sena. Muito obrigado por, há 25 anos, acreditar em meu potencial e ter sido, por todo esse período, uma biblioteca viva e fonte de vida a todos nós da família. Muito obrigado, vovó, por todos os ensinamentos em especial por todo amor que nos foi devotado ao longo dos seus 84 anos muitíssimo bem vividos. Daqui tenho a certeza de um breve reencontro e uma saudade amena, por saber que a senhora está sempre por perto cuidando de todos nós. Te amo, vovó!

Aos meus pais, José Reginaldo de Lima e Jucedí Batista de Sena Lima, grandes exemplos de desprendimento em doarem-se ao cumprimento dos seus papéis familiares, nas orientações, ensinamentos, encaminhamentos, no sustento das necessidades elementares, do cuidado, respeito e carinho. Professores de História por formação; educadores, por exemplo de vida e por missão, dando o melhor dos seus seres para que meu desenvolvimento se desse

de forma consciente, tranquila e amável. A vocês, meus agradecimentos sinceros e eternos, pela vida que conceberam, pelo provimento que deram, pelos exemplos, por tudo. Um grande e fraterno abraço com muito carinho. Amo vocês demais e todos os dias é uma ótima oportunidade de poder aprender mais com vocês

Aos meus irmãos, José Reginaldo de Lima Junior e à minha irmã gêmea Jenniffer Reginny de Sena Lima, por compartilharem dos laços de consanguinidade e por acreditarem tão piamente no desenvolvimento intelectual deste caminhante recém-integrado ao universo dos estudos. Reginho, a vida nos colocou em espaços diferentes mas o afeto perdura; Jenniffer, viemos a este mundo unidos para que pudéssemos enfrentar as agruras da vida contando um com o outro, tal qual os ibejis na mitologia yorubana, que venceram a morte pela perspicácia e união. Que saibamos ser um para o outro apoio e, ainda que nos períodos de tensão, sejamos conforto e respeito.

Aos meus cunhados, Sandrele e Rafael e meus sobrinhos Dianny e Douglas por compartilharem da maravilhosa experiência que é conviver. É inegável que o afincado dedicado às questões de ordem intelectual tem, de certa forma, contribuído em grande medida para a ausência de reuniões sociais de família ou para o não acompanhamento a determinadas saídas planejadas com carinho e, infelizmente, não retribuídas à altura em virtude das inúmeras demandas acadêmicas.

Aos meus familiares que têm vibrado positivamente para que meus estudos e minha vida pessoal pudessem dar conta não apenas do que é essencialmente necessário, mas que também permitisse uma caminhada com maior fluidez pelos espaços e convivências maravilhosas, nem sempre harmônicas, mas sempre importantes e edificantes. Que saibamos aprender mutuamente com essa experiência maravilhosa que é o compartilhamento da conta sanguínea e do espaço de vivências cármicas de resgate pelo amor

A Ednea Rodrigues de Albuquerque (Tia Néa), Ernani José de Souza (Tio Ernani), Aldenice Lima de Souza (Tia Nice), a Dona Cici Costa e Seu Naldo, Ed, Júnior e tantos outros amigos e companheiros que têm mantido um clima espiritualmente favorável ao meu desenvolvimento salutar nos estudos de aprofundamento das religiões, em especial na doutrina espírita. A vocês, todo meu carinho e fraternos abraços, contando com as mais proximais emoções que as leis da afinidade podem encher nossos corações e nos irmanar na difusão do amor de Cristo, nosso irmão maior, exemplo de amor exercitado em vida através de uma filosofia da prática.

A Expedita Helena (Tia Dita), *in memoriam*, por sua incansável vontade de lutar. Como militante do Movimento Negro e estudiosa das religiões e expressões de negritude na dinâmica sociológica nacional, pelo imenso afeto e grande influência na vida de pesquisador deste eterno aprendiz. Como Akelá, responsável pelo adestramento dos lobinhos (07 a 11 anos), no Grupo Escoteiro Guia Lopes, o qual tenho a honra de poder presidir hoje, tendo ela se constituído como marco na história ao ser a primeira mulher a se tornar Chefe, um belo exemplo das lutas feministas no lapso temporal da caminhada terrena, ora iluminada pelas luzes salutares do Orun. Axé, Tia Dita!

A minha companheira de caminhada, afetiva e acadêmica, Amanda Matias Pinheiro de Freitas, por sua paciência tão grande em suportar inúmeros debates religiosos e identitários, ora ferrenhos, ora amistosos, em que agregávamos, para ambos, uma grande gama de conhecimentos, sempre com muito respeito e admiração. Por sua confiança, sempre tão expressiva, por sua vontade de construir uma vida a dois, solidificada numa organização de igualdade, amor, fé e respeito, pela sua amabilidade, meus sinceros agradecimentos e um beijo muito especial. Você é parte fundamental para que esse trabalho pudesse ser cumprido de forma integral.

Às minhas crianças: meus afilhados Luiz Felipe, Daniela e Grazislayne por serem grandes inspirações em vida; à minha querida prima, Mariana Freitas dos Santos, que consanguineamente a Amanda tornou-se um raio de vitalidade para minha vida; ao meu primo Enzo Fernando, tão amado e esperado, pela beleza de seu amável (e aceleradíssimo) crescimento acompanhado à distância. A vocês que tanto sofreram com minhas ausências em virtude da pesquisa e (re)escritura deste trabalho, um agradecimento especial, tendo em mente que o tempo não para nem volta, mas assumindo um compromisso cada vez maior em compensar tudo o que foi perdido.

Aos companheiros de jornada acadêmica. Aos que concluíram, aos que se perderam pelo caminho em função das demandas cotidianas da vida aos que ainda trilham esta estrada comigo. Vocês, sem nenhuma dúvida, muito me ensinaram, contribuindo densamente para o desenvolvimento biopsicossocial deste jovem curioso. Vocês edificaram o significado de amizade, cimentaram tudo com uma boa dose de risadas, e com a percepção mais intensa da forte tensão das provas e trabalhos, com a felicidade das confraternizações e saídas e com aquele bom humor característico de sempre. Agradeço especialmente a Cristiane Oliveira, Roberta Serrano, Claudiane Caroline, Wyliane Claudia, Isabela Souza, Nathalia Villarim, Natália Duque, Juliana Santos, Danilo do Vale, Missilene Maria, Karla Larissa, Maria

Cristina Tavares, Gilmará Guimarães, Ana Victória, Romário Nunes, Edlenes Zózimo e Kevin Juan. Gratidão, amigos! Vocês são muito importantes na caminhada.


A Denise Botelho, Rebeca Duarte, Maria Janielly, Cleber Chagas, Tainá Lima de Oliveira, Sarah Regina, Webson Pereira, Alexandre L’Omi L’Odò, Juliana Bison e tantos outros companheiros que compartilharam comigo seus conhecimentos e reflexões sobre a identidade negra e sobre a religiosidade afro-indígena e contribuíram ricamente para o desenvolvimento deste trabalho. Axé, meus amigos, e que a força do Orun se faça presente em sua forma mais condensada para que possamos viver a comunhão dos orixás em nossas vidas.

Aos meus queridos irmãos escoteiros e irmãs escoteiras do mundo, especialmente a Saulo Ricardo e Jair Santos que compartilham comigo da maravilhosa experiência de dirigir o Grupo Escoteiro Guia Lopes. Sei que dirigir um grupo de 77 anos de fundação é algo muito difícil, mas creio que juntos somos mais fortes em prol do desenvolvimento de nossas crianças e jovens acrescentando sempre o ânimo de fazer o melhor possível para ilustrar nosso amor à causa. Aos irmãos da Associação Escoteira Baden-Powell (AEBP), um grato, grato, gratíssimo pela força empreendida em manter acesa a chama da prática tradicional (e, ainda assim, metodologicamente inovadora frente aos imensos invencionismos) do Movimento Escoteiro! Aos irmãos da União dos Escoteiros do Brasil, força e fé na caminhada para fazermos um mundo melhor. Aprendi com o Movimento Escoteiro a arte de viver uma vida simples, em contato com a natureza do mundo e dos indivíduos, respeitando sempre as individualidades e buscando fazer o melhor possível para tornar o mundo melhor através de boas ações. Aprendi que tornando a vida o verdadeiro palco no qual se desenvolvem os aprendizados mais significativos, urge a necessidade por construirmos um mundo coletivo que não padronize sob uma educação de massas, podando as raízes principais do sistema axiológico dos indivíduos, tornando-o improdutivo por inanição de criatividade mas que veja na diferença um elemento agregador. Pelo cumprimento das nossas Leis, pela força com que vivemos e defendemos diuturnamente nossa Promessa, a honra e o compromisso de servirmos indistintamente a fim de fazermos um mundo melhor, como nosso fundador, Baden-Powell (B.P.), nos ensinou: “Deixe o mundo um lugar melhor do que encontrou”. A todos e todas, meu forte aperto de canhoto e Sempre Alerta Para Servir o Melhor Possível!

Aos meus queridos lobinhos e lobinhas. Ser Akelá foi uma experiência essencialmente ímpar na vida desse Velho Lobo. Poder acompanhar o desenvolvimento das minhas queridas crianças (cuja faixa etária varia entre 6,5 anos (seis anos e meio) e 11 anos (onze anos)

incompletos) é um prazer inenarrável porque passamos a perceber que, nesta fase, o adestramento contribui positivamente para o desenvolvimento de muitas potencialidades dentre as quais destaco o respeito com os mais velhos e o compromisso em tornar-se cidadão consciente e produtivo dentro da sociedade mediante do uso da criticidade. Produtivo, nesse contexto, no sentido de promover uma sociedade melhor, uma comunidade mais tranquila, coesa, coerente e bem ajustada, sendo, desta maneira, um cidadão do mundo. Grato também por agora, como Baloo, poder assumir o compartilhamento, junto à Akelá Welma, do compromisso de auxiliar na resolução de esfera essencial ao desenvolvimento do caráter com a aceitação das Leis e da Promessa do Lobinho.

Aos meus queridos amigos e amigas de caminhada técnica com tanto esforço e amor à Segurança do Trabalho: Géssyca Sena, Eli Carlos, Josélia Silva, Fernando Lêdo, Aline Flor, Cecília Gouveia, Joely Monteiro, Natália de Paula, Patrícia Severina e tantos outros companheiros e companheiras por entenderem a importância das noções estruturais da saúde e segurança no ambiente de trabalho, além do entendimento sistemático da integralidade do ser nas suas relações sociais dentro e fora do espaço de trabalho. Empreender esta caminhada de valorização da vida, saúde e segurança dos profissionais em virtude do empreendimento do entendimento de um universo biopsicossocial, mediante uma abordagem que envolva a dimensão mais ampla e completa do ser humano objetivando a proporcioná-lo um sentido em que trabalho, saúde e bem estar devem ter sido complementados de tal maneira a garantir a segurança, higiene e saúde no espaço de trabalho a fim de que possam usufruir de suas vidas em diversos outros espaços com os seus familiares. A vocês, amados guerreiros e guerreiras pela saúde e bem estar alheios, meus sinceros cumprimentos!

Aos meus irmãos e irmãs que trilham a jornada de Gilwell, em especial aos irmãos Ko, Mysa e Shada. Que tenhamos sempre o compromisso de fazer o Movimento Escoteiro progredir em dados quantitativos e, mais fortemente na esfera qualitativa, para que possamos permitir aos membros infanto-juvenis um desenvolvimento alinhado com a literatura específica, com clareza no objetivo do cumprimento do Método Escoteiro. Grato também pela realização do IM, Akelá (Benjamin Andres Hoyos), Baloo (Saulo Ricardo), Kaá (Claudia Andrade), Bagheera (Manoel Ronan de Brito) e Mowgli (Agustin Houays), sem a supervisão e empenho de vocês, nada teria sido possível. Antiguidade é posto, conhecimento é importante e bons valores próximos do Escotismo é essencial assim sendo, agradeço fielmente aos Chefes Mario Greggio e Décio Zumbano, meus fraternos abraços e forte aperto de canhoto. Sempre Alerta Para Servir o Melhor Possível! 

Aos companheiros e companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde- GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq), por muito terem contribuído com o amadurecimento desta escrita nas incansáveis reflexões ao longo de todo processo, em especial às professoras Lilian Lira e Denise Botelho. Apesar das pouquíssimas contribuições efetivas, foi lendo muitos dos comentários tecidos pelo grupo no Facebook que consegui construir um fio de raciocínio que permitiram produzir uma belíssima teia minimamente lógica, este trabalho.

Aos queridos mestres, em especial à professora Doutora Denise Maria Botelho, orientadora desta produção, pelo carinho, comprometimento, respeito e confiança no desenvolvimento do tema e da minha intelectualidade. Tenho crido que, pela proximidade de nossas relações, acadêmicas e extra acadêmicas, sem dúvidas, construímos uma amizade que perdurará por toda a eternidade. Axé, mestra, e que os sagrados e amados orixás estejam sempre guiando seus passos para que, com seu sorriso, sua amabilidade e intelecto sem iguais possamos ser agraciados com a força que emana da sua alma. Abro um pequeno, mas expressivo, espaço para agradecer também às professoras Ana Paula Abrahamian e Aparecida Costa do Departamento de Educação por acreditarem na conclusão deste trabalho, em menos de um ano, com tranquilidade e serenidade permitiram o desenrolar a contento desta obra que, antes de tudo, simboliza ato ainda inconcluso, porque o tema nos faz refletir que a temática religiosa e sua correspondente conjectura etnicorracial urgem por serem desveladas e aprofundadas cada vez mais para que a contribuição feita à comunidade acadêmica e extra possa auxiliar de forma significativa no combate das desigualdades sociais e raciais. Ao professor Doutor Paulo de Jesus por me dar fôlego na pesquisa do tema, ao professor Doutor Moisés Santana por seu compromisso com o uso da filosofia contra as intolerâncias e a favor da amorosidade. A vocês, minha eterna gratidão.

Aos meus queridos amigos e amigas do Bacharelado em Direito que sempre mantiveram um clima amistoso para o desenvolvimento intelectual com algumas discussões profundas e acaloradas. Em especial aos colegas Julia Tenório, Sarah Pacheco, Kaline Silva, Selma Nascimento, Deise Vicente, Maria Auxiliadora (Dora), Everton Carlos, Gisele Nunes, Altair José, Ednaldo Elias, Micheline Menezes, Amanda Pontes, Edjanilson Edgar, Vanessa Lacerda, André Luiz, Anderson Santos, Dayane França, Nathália Vilela e Diego Mesquita. Aos mestres, Manoel Uchôa, Ricardo de Sá Leitão, Elma Lyra, Renato César, Renata Dayanne (minha eterna jus-orientadora e inspiração para meu ingresso ao universo do Direito Constitucional), Rafael Fonseca, Diego Nieto, Natália Barroca, Jefferson Dalamura, Elka

Freitas, Maxwell Medeiros, Marcela Leite, Emerson Leônidas, Fabiana Leite, Walter Lisboa, Silvania Carrilho, Eduardo Crucho, Sheila Régio de Secute e Fábio Paiva por ensinarem não apenas as disciplinas “puras” de um Direito caduco, quase morto, mas demonstrarem a necessidade de trabalhar incansavelmente a sensibilidade que todos nós precisamos ter em vida com o objetivo de nos despojarmos de muitos preconceitos e interditos a fim de que pudéssemos enxergar, de forma mais empática (e porque não simpática), a condição humana e, de posse destes conhecimentos, compreender o ser humano em sua necessidade pessoal. Vocês nos ensinaram a perceber que, em todos os momentos precisamos perceber a condição humana, inclusive naqueles em que sua vulnerabilidade beira a condição insuportável de um cárcere, precisamos ser justos, retos e amáveis, para que a condição de privação ou cometimento delitivo não extrapolasse a condição essencial de seres humanos com a imputação de condenação dupla mediante penalização social degradante e/ou vexatório.

Aos meus queridos amigos do TNB, Dra. Andreza Negromonte e Rodrigo Menezes além, é claro, da minha querida Amanda Matias. É inenarrável o prazer de ter uma amizade tão bonita e sincera e, com todos os nossos pontos de vista não raras vezes antagônicos, saibam do fundo do meu coração que vocês são muito importantes na minha vida, seus lindos. Amo muitíssimo vocês! Aguardo brevemente o reencontro com vistas à comemoração de nosso maior tesouro: a amizade simples, pura e crescente!

Aos demais amigos, em especial a Ingrid Danielle, Daniela Jamir, Naara Barros, Alexsandra Lima, Bianca Rodrigues, Flávia Hellen, Aline Figueirôa, Anne Beatriz, Dayane França, Rebeka Souza, Joyce Oliveira, Ayrton Diniz, Diego Maia, Rosecler Ribeiro, Helena Maria, Fernanda Sales, Mario Paulo, Olimpia Lino, Andreza Monteiro, Andrêtta Melo, Rebeka Lopes, Mirela Oliveira e Jéssica Santiago que muito têm ajudado pelo simples fato de existir e por permitir que este amigo se mantenha fisicamente distante, embora jamais afetivamente apartado. A vocês, um forte e fraterno abraço.

Aos leitores amigos, pela confiança e pelo interesse quanto ao tema, tão importante para aquele que o escreve e, ainda assim, academicamente silenciados, ressaltando que suas críticas, positivas ou negativas, denotam um amadurecimento do tema e da própria construção do conhecimento elencado até esta fase da pesquisa e o *feedback* se constitui como uma parte importantíssima do processo acadêmico. Salientando sempre a condição inconclusa inerente ao trabalho acadêmico que, muito mais preocupado do que fechar o assunto e esgotar a matéria, dá início a maiores discussões, servindo de ponto de partida, jamais de chegada, ao estudo pertinente do tema. Dar voz aos sujeitos historicamente silenciados é dar a visibilidade

merecida e necessária de produzir significado(s), discurso(s), e prática(s) além de fundamentar fértil campo de viagens acadêmicas, de pesquisas para demolir/implodir determinados preconceitos arraigados fortemente nessa matriz ideológica racista brasileira. A caminhada árdua nos faz enxergar possibilidades de construir e desconstruir muitas coisas a fim de que o mundo seja, realmente, um lugar melhor.

A todos e todas, um forte e fraterno abraço, sinceros votos de felicidade e muito axé!

MEMORIAL

Jonathan Reginnie de Sena Lima, nascido em 05/02/1991, aquariano, sou natural da Cidade de Jaboatão dos Guararapes. Filho dos professores de História José Reginaldo de Lima e Jucedí Batista de Sena Lima, sempre mantive grande paixão pelas noções de temporalidade, diversidade e sociedade, percebendo nessa relação tempo-espaco uma construção para além das simples técnicas de medição de tempo, mas um entrelaçamento entre passado, presente e futuro ocorrendo concomitantemente numa trama de fios tecidos segundo a segundo num vai-e-vem essencial à construção da nossa própria noção de vida. De formação, sou técnico em Segurança do Trabalho pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), finalizando esta em 2011, sempre tive a preocupação de, ao longo de minha formação técnica, manter o foco voltado às condições de trabalho e ser um agente mediador na relação empresa-trabalhador, no sentido de que, como Técnicos em Segurança do Trabalho (TST), podemos tornar o ambiente de trabalho cada vez mais seguro em cumprimento com as Normas Regulamentadoras (NR's) e demais normas técnicas. Concomitantemente ao nível técnico, iniciei meus estudos no curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade Metropolitana da Grande Recife (FMGR), vindo a concluir em 2014, enveredando pelo maravilhoso universo do Direito Constitucional, através de estudos sobre a igualdade material desenvolvida mediante as ações empreendidas pelo Poder Público através das políticas afirmativas de cotas. Atualmente é licenciando em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), local em que fui apresentado ao tema desenvolvido nesta monografia, em 2012, através da disciplina Educação Afro-brasileira, ministrada pela professora Denise Botelho, em que propôs em um dos trabalhos da disciplina que escolhêssemos um dos temas e o tema que mais me saltou aos olhos foi o das religiões de matrizes africanas e, desde então, marcou o início de uma caminhada feliz com a qual damos uma pequena interrupção em virtude do cumprimento de uma formalidade acadêmica, importantíssima, mas que não encerra os estudos na matéria da identidade negra. Pós-graduando em Direito Constitucional Aplicado pela Damásio Educacional, escreve sobre o princípio da moralidade administrativa e a invenção dos mecanismos político-jurídicos de forjamento do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma para acobertar um sistema político representativo falido em virtude das inúmeras funções administrativas desviadas através da desgovernança pelo paternalismo, coronelismo e outras tantas disfunções, contra um projeto de Estado empreendido nos governos cujo público-alvo distanciou-se da matriz original do eixo Sul-Sudeste, empreendido desde a instituição da República Velha.

Na vida profissional, atuo como professor técnico do curso técnico de Segurança do Trabalho. Atualmente estou como Diretor Presidente do Grupo Escoteiro Guia Lopes e, no meu Ramo de atuação sou Baloo (responsável pela formação do caráter e observação das normas de conduta e respeito com as crianças de 07 a 11 anos), tendo, anteriormente exercido o cargo de diretor jurídico e, concomitantemente, de Akelá (responsável pela Alcateia do Ramo lobinho). Compartilhar com os demais membros da Diretoria e da Chefia a importante missão de desenvolver o escotismo em Jaboatão dos Guararapes, no Grupo mais antigo de Pernambuco buscando, com a honra, manter a tradição de um dos mais antigos do Brasil é uma tarefa árdua e que exige estudo e dedicação, que sempre é dada com muita amorosidade.

Na vivência da religiosidade, apesar dos estudos empreendidos em inúmeras tradições, ainda mantenho um lado espiritual independente, tendo maior proximidade com as religiões e filosofia africanas, em especial à Jurema Sagrada com forte presença do Mestre Tangirino de Jurema, meu guia e protetor, que certo dia, incorporado, se apresentou a mim e, desde então, sempre é lembrado em minhas orações. Axé, Mestre Tangirino!

Este trabalho marca também um reencontro com as raízes da minha ancestralidade que, outrora, também era composta de juremeiros e juremeiras. Esse elo aparentemente perdido me faz reconectar com meus antepassados e firmar uma relação de respeito às tradições ao longo da minha vida. Ademais, reforça a ligação familiar que mantemos com nossos desencarnados em virtude da amorosidade e cuidado sempre presentes em nossa corporeidade e acompanhamento das práticas de vida.

LISTA DE ABREVIATURAS

CF/88 – Constituição Federal de 1988

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

GEPERGES - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades.

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PEPE – Planejamento Educacional, Pesquisa e Extensão

STF – Supremo Tribunal Federal

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Elementos geradores e seus respectivos orixás.....	29
Figura 2 Cores comumente ligadas às vibrações dos orixás.....	30
Figura 3 Sistema ecolitúrgico das religiões afroindígenas.	31
Figura 4 Zélio Fernandino de Moraes, fundador da Umbanda Sagrada.....	42
Figura 5 Pai Antônio, primeira entidade incorporado por Pai Zélio.	42
Figura 6 Caboclo das Sete Encruzilhadas.....	43
Figura 8 Árvore da Jurema Sagrada, fundamento sagrado da religião e símbolo da resistência do povo de terreiro.....	45
Figura 9 Defumação na cerimônia preparatória para abertura de gira de Jurema.	47
Figura 10 Malunguinho, entidade que é ao mesmo tempo caboclo, exu e orixá na lógica da Jurema Sagrada.	47
Figura 11 Intersecções e vulnerabilidades.....	55
Figura 12 Características de prestígio e de desprestígio no imaginário social brasileiro.....	56

Sumário

Resumo	19
Abstract.....	19
Introdução	20
Capítulo I – Delimitando o objeto de pesquisa: Religiões afro-indígenas	24
1.1. Do Candomblé.....	33
1.2. Da Umbanda Sagrada.....	38
1.3. Jurema Sagrada.....	43
Capítulo II – A identidade negra: concepções e construções no imaginário coletivo	49
Identidade negra e suas implicações socioeconômicas ao longo da história brasileira: fotografias recortadas no jornal da vida.....	50
Interseccionalidades e Vulnerabilidades.....	54
A negritude como fator de resistência ideológica.....	57
Capítulo III–Racismos e intolerâncias religiosas: o senhor de engenho que brada aos nossos ouvidos.....	59
O ranço escravista como elemento de estruturação do racismo e intolerâncias contra as populações afro-indígenas	59
A identidade transgressora: religiões tradicionais e resistência ao sistema.....	60
As leis 10.639/03 e 11.645/08 na luta em favor do fortalecimento da identidade negra..	62
Capítulo IV – Caminhando pela metodologia: uma viagem ao interior da pesquisa	66
O universo da pesquisa	68
Os sujeitos da pesquisa	69
Dos instrumentos da pesquisa e do método de análise.....	70
Capítulo V – Análise de dados: enegrecendo a discussão	71
Apêndice A: Protocolo de entrevistas.....	106
Apêndice B: Roteiro de Entrevistas semiestruturadas.....	107
Apêndice C: A poesia religada	108

Resumo

O presente trabalho monográfico, de abordagem qualitativa, tem por objetivo analisar a imbricada relação entre as religiões afro-indígenas e o fortalecimento da identidade negra, analisando o espaço social, isto é, o lugar de interesse e relevância que estas religiões ocupam na dinâmica e imaginário sociais, tendo por apoio os marcos legais que influenciam na percepção da negritude enquanto importante fator de identidade nacional. Esta abordagem, complexa em sua gênese, dada a relação da representação social dela decorrente, se coaduna na legislação nacional, em especial à legislação educacional vigente, no sentido de tentar promover uma realidade em que as tensões e preconceitos decorrentes das divergências ideológicas possam ser amenizadas perante uma abordagem multicultural que respeita as identidades e as concepções do mosaico pluriétnico e multicultural do País, concepção que, na prática, vem sendo tratada de forma diversa daquela preconizada pelo ordenamento jurídico pátrio. Apresenta, como estratégia de análise, uma metodologia de análise de discurso, buscando a compreender as idiosincrasias das experiências pertinentes aos sujeitos que compuseram a amostra deste estudo visando a compor o panorama necessário ao estabelecimento da realidade religiosa e identitária no imaginário de negros afirmados no local de poder da tradição religiosa ancestral.

Palavras-chave: Identidade negra. Religiões afro-indígenas. Lei 10.639/03. Lei 11.645/08.

Abstract

This monograph, using a qualitative approach, aims to analyze the intertwined relationship between African-Indigenous religions and the strengthening of black identity. This will be done by the analysis of the social environment, that is the place of interest and relevance hold by these religions in the dynamic and social imaginary, being supported by legal frameworks that influenced the perception of blackness as an important factor of national identity. This approach, complex since its genesis because of its social representation, integrates to the national legislation, especially to the current educational legislation, in the sense of trying to provide a reality where the tensions and prejudgments caused by the ideological divergences can be minimized through a multicultural approach that respects the identities and the conceptions of the multiethnic and multicultural mosaic of the country, conception that in practice has been treated in a different way from that one spread by the Brazilian legal order. This work presents, as an analysis strategy, a discourse analysis methodology seeking to understand the idiosyncrasies of the individuals' experiences that were part of the sample of this study aiming to compose the necessary panorama for the establishment of the religious and identity reality in black imaginary confirmed to be placed in a position of power in the ancestral religious tradition.

Keywords: Black identity, African-Indigenous religions, Law 10.639/03. Law 11.645/08.

Introdução

Há no Brasil uma maciça presença do arcabouço cultural africano, traço indissolúvel dos inúmeros pontos de congruência cultural, das complementaridades econômicas e da história que esses espaços geográficos mantêm ainda hoje em comum, apesar de alguns setores da nossa sociedade fomentarem uma série de tentativas de escárnio ideológico; de envidarem uma postura negativa, do ponto de vista da valorização e reconhecimento da identidade negra. Essa postura busca segregar e impingir a este cabedal de conhecimentos compartilhados a negação de todo sentido histórico e antropológicamente construídos. Isto se dá porque algumas pessoas (e não são tão poucas e inadvertidas assim), mediante o empreendimento da ideia de uma elite eugênica e higienista, desenvolvem uma série de estratégias depreciativas, encabeçadas por movimentos históricos coordenados de negação à influência positiva da cultura afro-brasileira. Essa é uma postura em que ainda se busca colonizar os conhecimentos e sujeitos, visando a torná-los passivos em sua essência através da vivência de determinados axiomas, isto é, sistema de valores. Esta realidade segregacionista tem se mantido mais forte já que a difusão rápida e exponencial dessas ideologias têm tomado tanto espaço que, determinando as influências eurocêntricas por atos de natureza afirmativa em cuja matriz ideológica se mantém de forma imperiosa no imaginário social, acaba tomando partido de maneira a, normalmente, silenciar as demais influências socioculturais em prol de destacar todo arcabouço e historiografia europeias frente às demais matrizes formativas. Este trabalho inicia sua itinerância no sentido inverso à percepção de uma pretensa supremacia sócio antropológica europeia frente às demais influências socioculturais ao longo da história de nosso País, pontuando-se no espaço relegado ao desfavor geral, com maior rigor, à influência negra na dinâmica social, principalmente ao que tange à vivência da religiosidade tradicional, vista com menoscabo e desconfiança, para não dizer ojeriza e distanciamento característicos da vivência dessa lógica higienista.

Dentre todos os traços indeléveis dessa longa realidade de complementaridades entre o povo brasileiro e os povos africanos, o elemento central que tem sido tratado como alvo de inúmeros ataques da forma mais intensa, frequente e intolerante, (podendo até, guardadas as devidas proporções sócio históricas sob pena de incorrer em anacronismo, ser comparadas com verdadeiras cruzadas) direcionadas às religiões de matrizes africanas e religiões afro-indígenas, atos de violência física e simbólica. Essa série de atentados contra essas religiões acontece porque as influências decorrentes da categoria religião detém, em nossa sociedade,

um *status* privilegiado, quase intocável, por dar uma análise dos fundamentos sociais e litúrgicos segundo os quais seus seguidores terão de tomar como *doxia*, isto é, verdade inquestionável, amparados unicamente pelo exercício da fé e pela aceitação dos princípios da identificação com os fundamentos litúrgicos e identitários envolvidos naquela dinâmica essencialmente orgânica.

Este movimento discriminatório, ao ilustrar e inculcar em boa parte dos seguidores de religiões judaico-cristãs (especialmente em alguns setores neopentecostais mais reacionários) uma ideologia em que, no imaginário geral do povo, as religiões afro-indígenas constituem-se de uma série caricaturada do primitivismo cultural (fruto de uma história eurocêntrica, heteronormativa, excludente e altamente preconceituosa) em que os deuses do *panteon* africano e indígena são comumente demonizados e todo seu simbolismo litúrgico e ritualístico jogado para debaixo de um grosso tapete de preconceitos que silencia de forma bastante intensa a religião e os seus seguidores, urge por ser desvelado e a prática do movimento antirracista exequível todos os dias.

Frequentemente colocadas como verdadeiras representações da encarnação do mal na Terra (posição, aliás, que não busca compreender a fisiologia teológica, a ritualística e a magística das religiões afro-indígenas) a prática aberta dos cultos afro-brasileiros tem sido obstada constantemente por sujeitos que não compreendem o seu lugar na vida dos seguidores. Embora seja constitucionalmente defeso o direito à consciência, credo e ao culto, estas religiões têm sido socialmente reprimidas, desrespeitadas e, muitas vezes, seus seguidores, seus templos ou casas de reunião (também denominados barracões, tendas ou terreiros), vêm sofrendo inúmeras, seguidas e crescentes violências. Esta noção do empreendimento de ações de natureza destrutiva aos costumes e tradições afro-indígenas se coaduna com uma visão que, longe de querer estudar e apresentar de forma consistente os fundamentos litúrgicos das religiões ora estudadas, busca disseminar o mais puro e metódico pré-julgamento de exclusão, o estabelecimento de um tabu, o fortalecimento de uma interdição intelectual de maneira a fortalecer da forma mais acrítica possível os preconceitos, reproduzindo irrefletidamente os padrões e estereótipos socialmente segregadores, os quais servem apenas para aumentar o já abissal fosso social entre os sujeitos em nossa sociedade.

Importante é a observação de que analisar o outro através das nossas lentes turvas e impregnadas de preconceitos e sentidos comuns, diferente da verificação duma postura em que se busque empreender a compreensão social e histórica das religiões e dos sujeitos ali

envolvidos, acaba-se por proporcionar aos sujeitos, pelo que foi visto, em nosso brevíssimo debruçamento, a possibilidade do estabelecimento de um desajuste focal, produzindo um conhecimento enevoado, uma percepção obtusa e pouco convencional sobre o fato da inclusão do outro na dinâmica; e um ideário confuso da própria constituição múltipla, senão mosaica, da sociedade brasileira, considerando apenas uma ou outra dimensão de desenvolvimento e elegendo alguns tópicos, grupos e sujeitos para dominarem os melhores lugares desse *lócus* sociológico privilegiado de poder.

Debruçar-se com seriedade e respeito acerca de um tema tão complexo e subjetivo como as religiões enquanto prática social e de vivência simbólica, faz com que possamos trazer, neste estudo, como recorte inicial as religiões afro-indígenas, focando em como influenciam na adoção de uma ética moldada num sistema de pensamento complexo e completo em seu modo de existir. Nesse sentido, a proposta aqui colocada faz com que possamos dar um foco no que é silenciado e esquecido sumariamente isto porque entendemos que este movimento de resgate social e histórico enseja a permitir que temas correlatos, também de grande importância, tem urgência em serem discutidos, sendo de fundamental valor que passem a ser devidamente tratados, expostos e analisados, não mais pelo viés do dominador que, durante todos esses séculos tentou subjugar, diminuir, extinguir os traços afrodescendentes e indígenas. É assim, pela voz daqueles sujeitos que vivem os traços mais cruéis da indelével história e atravessam as mais grotescas amarras da realidade, que sentem os preconceitos, que sofrem os malogros de uma sociedade que, não compreendendo a beleza e a amplitude da palavra diversidade, acaba por tentar (ainda que sem grandes sucessos) padronizar, normalizar e normatizar padrões éticos, estéticos, políticos, religiosos e morais.

Estabelecer as diversas relações que permitam instigar a potencialidade do desenvolvimento pleno das identidades negra e indígena é um compromisso que veio a ser desenvolvido no cenário nacional, com maior ênfase, como reconhecimento do advento das lutas empreendidas dos movimentos sociais indígenas e negros. Estas demandas acabaram por ser formalizadas legalmente mediante alguns marcos legais, destacando a Constituição Federal de 1988 e algumas leis ordinárias esparsas que rebatem, inclusive em legislação educacional específica, às quais falaremos em oportunidade futura. Neste sentido, é importantíssimo observar a teia de elementos constituintes da identidade negra, isto porque, a assunção desta implica numa imbricada relação existente entre sujeitos imersos numa situação real da vida e na qualidade de relações que este mesmo sujeito acaba desenvolvendo com o

mundo, criando significados e implicando em ressignificações múltiplas ao longo dos tempos. Neste sentido, analisar a legislação educacional vigente dá-nos indicativos de como as políticas públicas têm tratado a matéria em tela, isto porque, mostra como o Poder Público tem enxergado e tratado a questão da valorização da pluralidade étnica no País.

Em dados gerais, a pesquisa traz, como elemento central, o seguinte objetivo geral: Investigar como as religiões afro-indígenas têm contribuído para o fortalecimento da identidade negra nas comunidades tradicionais de terreiro. Para que este objetivo fosse alcançado, delineamos alguns elementos básicos de apoio, a saber: 1- Compreender os elementos sacros das religiões afro-indígenas em sua dinâmica litúrgica; 2- Compreender, mediante realização de pesquisa de campo, a dinâmica do lugar social das religiões afro-indígenas; 3- Perceber o espaço e compreender os movimentos de valorização da cultura e identidade negras; 4- Entender como o Poder Público, mediante marcos legais, orienta a valorização da identidade e da religiosidade negras; e 5-Analisar os discursos sobre os elementos constitutivos das religiões afro-indígenas pelos seguidores nas comunidades tradicionais.

Ocorre que, para o desenvolvimento deste trabalho, esboçamos uma estrutura, mais ou menos fluida em que os desenvolvimentos setoriais se comunicam com o tema central deste estudo, assim organizados: 1) Delimitando o objeto de pesquisa: Religiões afro-indígenas; 2) A identidade negra: concepções e construções no imaginário coletivo; 3) Racismos e intolerâncias religiosas: o senhor de engenho que brada aos nossos ouvidos; e 4) Análise de dados: enegrecendo a discussão.

Capítulo I – Delimitando o objeto de pesquisa: Religiões afro-indígenas

Eu sou descendente Zulu.

Sou um soldado de Ogum, devoto nessa imensa legião de Jorge.

Eu, sincretizado na fé sou carregado de axé e protegido por um cavaleiro nobre.

Se vou na igreja festejar meu protetor e agradecer por eu ser mais um vencedor nas lutas, nas batalhas.

Se vou no terreiro pra bater o meu tambor, bato cabeça e firmo ponto sim senhor, eu canto pra Ogum.

Ogum, um guerreiro valente, que cuida da gente, que sofre demais.

Ogum, ele vem de Aruanda, ele vence demanda de gente que faz.

Ogum, cavaleiro do céu, escudeiro fiel, mensageiro da paz.

Ogum.

Ele nunca balança, ele pega na lança, ele mata o dragão.

É quem dá confiança pra uma criança virar um leão.

É um mar de esperança que traz a bonança pro meu coração.

Ogum

(Ogum- Zeca Pagodinho)

A observação de elementos constitutivos de uma cultura faz com que tenhamos uma percepção mais ampla e profunda das relações ora estabelecidas quando da vivência destes elementos dentro de uma dinâmica social que permite estabelecer, de forma geral, as funções diretivas e derivadas existentes naquele *locus* específico. Neste contexto, a sociedade (ou setores mais significativos em virtude de seu poderio econômico), faz com que determinadas ideologias sejam mais amplamente difundidas e, quando falamos da dimensão da religiosidade em nossa sociedade, essa difusão toma um contorno todo especial. Isso se processa porque temos uma abordagem quase hermética e atemporal quanto à publicidade de cultos, crenças e expressões religiosas de prestígio em nosso País. Esse fundamento de estímulo/publicidade baseia-se numa lógica eugênica, numa percepção colonizadora, eurocêntrica, altamente segregadora e incapacitante às outras denominações e religiões, cujo fundamento difere do caminho do conquistador europeu. Essa postura de desconfiança, medo e ou ojeriza, que há muito tem se perpetuado na esfera da vida pública (e tem se refletido intensamente em diversos campos da vida privada), e acaba por retroalimentar um processo sistemático de asfixia cultural ou, de outra via, uma tentativa de invisibilizar práticas sociais antigas, tradicionais e pertencentes àquele ambiente nativo, de tal maneira que se torne quase imóvel por inanição cultural. Quando esse fenômeno social acontece, via de regra, busca reduzir a natureza altamente valiosa e efetivamente importante para a formação desta nossa identidade nacional que, mais do que simples somatório das identidades branca, negra e

indígena, é uma expressão da síntese dos elementos culturais de diversos povos amalgamados nesta construção e paulatinamente ressignificados em nosso contexto específico de vida, em cujos coeficientes tornam a equação desigual e o potencial real pouco efetivo.

Este importante (e contraditório) movimento de “flexibilização” da identidade (antes entendida como estática, imutável e rígida) funda-se na noção premente da inexistência, ao menos no campo da existência humana, de uma identidade fixa e acabada. Isto implica na observação de existir não mais uma identidade indivisível, mas uma percepção permeada pelas noções de papéis sociais, fazendo observar a noção da situacionalidade ou contexto, no sentido de permitir uma grande fluidez de espaços e estruturas [de poder e de vivência] na sociedade contemporânea, fenômeno que Stuart Hall (2014) denomina de descentralização das identidades, deslocamento ou fragmentação das identidades.

Movimentos sociais têm impulsionado muito mais intensamente ao longo deste último meio século, assumir a valorizar a identidade negra e o empoderamento negro em nossa sociedade e, por conseguinte, tem incitado uma valorização de princípios, práticas, ética e estética afro-indígenas. Esse movimento envolve em certa medida a exceção da estrutura étnica padronizada pelo processo de colonização europeia que tem dominado largamente a estrutura ideológica nacional como única e quase intocável. Caminhando no sentido dessa lógica, deve haver foco na pluralidade de saberes, culturas e identidades. Nesta categoria, a condição inerente da afirmação dos adeptos das religiões afro-indígenas é um movimento político de resgate e dos antepassados e conhecimentos ancestrais e símbolo de resistência frente àquela lógica asfixiante de não coexistência de valores e práticas que torna o sujeito isolado em sua “realidade” e alheio à realidade social, essencialmente plural, mosaica de condicionantes de prestígio/vulnerabilidades.

Decorre daí que as relações sociais estabelecidas a partir da vivência particular/subjetiva de uma religião, se desenvolvem num contexto socioantropológico e histórico. Sendo assim, religião é tomada aqui como todo espaço de poder de cunho litúrgico no qual se desenvolvem inúmeras relações de identidade, alteridade e subordinação ocorrendo simultaneamente, indicando, ao mesmo tempo uma relação mista entre elementos e estruturas horizontal-vertical entre os seguidores numa dimensão inter e intraespecífica, bem como as relações traçadas com indivíduos pertencentes a outras religiões. Em congruência com inúmeros outros fatores de ordem política e ideológica nesta busca da religião com o sagrado, a vivência religiosa se mostra como a percepção de profundos marcos individuais, do

respeito a algumas tradições litúrgicas, de construção de um referencial identitário mais profundo que se traduz em determinados atos e costumes. Em outras palavras, em processo de exteriorização de elementos e comportamentos tomados como expressões de vontades conscientes que, muitas vezes, são imbuídos de grande carga axiológica pejorativa em nossa sociedade quando se encontram ancorados nos fundamentos fortemente referendados ao mundo e à construção de uma identidade afroafirmativa.

A dimensão da religiosidade/espiritualidade a ser trabalhada em sala de aula é encarada por muitos professores e professoras como um desafio a partir do momento em que devemos ter uma educação universalista do ponto de vista da provocação à criticidade, empreendendo um ensino em função das necessidades gerais dos alunos, plural em sua concepção mais elementar e, em uma perspectiva de currículo macro, ainda assim, temos que dar conta de inúmeras individualidades sem, contudo, ser parcial, diretivo, confessional e/ou catequético. Este sistema, que durante boa parte de nossa história não dá conta de uma percepção inclusiva, isto é, do estabelecimento da relação necessária à realização do desvendamento das relações sociais através de uma dinâmica social menos conturbada na arena das identidades a fim de reduzir as posturas adotadas, em cuja omissão resultou no reforçamento e intensificação das estratégias danosas, em salas de aula, gerando o majoramento de uma série de preconceitos e discriminações direcionadas principalmente às religiões afro-indígenas, geralmente tratadas como credices, folclore, como fantasia ou um misto de utopia e paganismo. Aos que defendem essa linha argumentativa, que só poderia acontecer no campo do estabelecimento de uma primitiva abstração humana que nada guardava de bom para a humanidade em sua vida prática pós-moderna como que fruto das relações inúteis ou desnecessárias. Essas noções errôneas fizeram frente (e ainda ecoam fortemente em nossa sociedade), distando quase de maneira inequívoca das práticas religiosas e de todo sistema litúrgico empreendido e consagrado pelas religiões afro-indígenas por figurarem no imaginário social uma reminiscência dos tempos da escravidão que, em virtude de representarem um episódio reconhecidamente negativo da nossa história por, grosso modo, focarem num atraso (que nunca existiu) da população e da própria cultura, seriam merecedores da sumária extinção da historiografia e cultura brasileiras.

Para as religiões afro-indígenas, a história (do indivíduo e do povo) e as relações significativas com objetos e práticas reiteradas, denominadas cultura são parte essencial da análise sociológica. Desde que os primeiros negros escravizados foram desembarcados nestas

terras, foram investidas inúmeras tentativas de extinção da cultura e influência negras, tal qual tentou-se com a indígena, mediante uma série de ataques tanto aos seus sistemas simbólicos quanto atentatórios à própria vida e dignidade desses povos. Como permanência histórica dos períodos mais longínquos temos, ainda hoje em dia, ataques que são propostos e acentuados por algumas correntes teológicas reacionárias, dotadas de uma série de ideologias não apenas de controle, mas na proposição da instituição da tentativa de reacender a lógica medieval e formulando estratégias, *mutatis mutandi*, de uma verdadeira cruzada, uma guerra santa em nome de Deus, dizimando paulatinamente a influência e o número de seguidores das religiões que destoam de seu corolário ideológico judaico-cristão, e que dista, na prática, de sua função essencial de amor e acolhimento a todos e todas que assim o busquem.

Estas movimentações político-teocráticas organizam-se, em sua gênese, fortalecidas mediante a utilização de rearranjos belicosos e instrumentos de silenciamento que dão conta de uma postura há muito empreendidas para que toda influência das religiões que não pertencentes ao tronco judaico-cristão sejam sumariamente dissipadas, fazendo surgir e disseminar um período de paz velada (uma paz armada, tensa, prestes a explodir em toda sua extensão e profundidade) porque não encontra ancoragem definitiva em nenhum setor da cognição humana, retorcendo-se nos porões fétidos do senhor de engenho que nos espreita no interior de todos nós. Essa força normatizadora, violenta e sem escrúpulos têm distado fortemente dos ensinamentos que o próprio Cristo, em vida, proclamou ao pregar tolerância, o amor e a fraternidade; e demonstra muito mais uma falta de conhecimentos significativos no sentido de efetivar o discurso através de uma prática libertadora dos preconceitos.

Esta condição beligerante na esfera interreligiosa decorre de uma percepção de choque litúrgico e ecológico já que, nas religiões afro-indígenas, o ser humano é um complexo biopsicossocial imerso na dupla dimensão etérea (Orun-Ayé/Aiê), ou seja, encontra-se num *lócus* particular entre o Céu, morada dos orixás (Orun), os territórios dos encantados e espíritos desencarnados (èguns) e a Terra, morada dos humanos (Ayé/Aiê), e que o intercâmbio entre os mundos dos orixás e humanos só pode se dar mediante processo de possessão. O transe de possessão nada mais é do que a utilização do corpo do iniciado para manter a comunicação entre os dois mundos, o dos orixás e o dos humanos. Sendo assim, o ser humano está embebido de elementos e cenários políticos, religiosos, sociais, etc., não podendo jamais ser reduzido a uma esfera intelectual autônoma como se pensava (e ainda tem forte presença no pensamento ocidental da maioria das instituições de educação formal, em

especial àquelas que possuem aporte confessional) para que o estímulo das potencialidades humanas seja desenvolvido em suas esferas cognitiva, social, espiritual, afetivo em oposição ao pensamento constituinte das religiões europeias, via de regra, que põe o fator cognitivo em primazia aos demais. O ser humano é um complexo que, para que funcione a contento dentro da lógica da ancestralidade, deve se desenvolver de forma complexa, isto é, mobilizando as suas capacidades e potencialidades com aportes teóricos e práticos embebidos numa lógica de complementaridades existentes entre essas partes.

Não se pode segregar os espaços, os sujeitos e as práticas haja visto que somos unidade frente às diversidades na vida. Uma unidade composta por inúmeros fatores da vida como por exemplo elementos éticos, morais, estéticos, etc. Neste sentido, é importante a observação de que o ser humano, na lógica de sua existência no mundo, segundo o que se refere à cosmologia/cosmogênese afro-indígena, é parte integrante da natureza, não cabendo subjugar as demais espécies, mas conviver tão-somente da forma mais pacífica, equilibrada e respeitosa possível, buscando estabelecer laços cada vez mais profundos, proximais e significativos com a terra que nos dá suporte e proteção e com as forças nela existentes. Decorre daí a noção de uma religião ecológica no sentido de que busca resgatar esse fenômeno religioso no trato com o meio-ambiente para que seja equilibrado e dê conta dos diversos domínios e zonas de poder.

Esta percepção implica, em última análise que, em sendo os mais diversos pontos da natureza caracterizados como domínios sacralizados de atuação dos orixás, a sua proteção constitui, para os devotos, o exercício necessário do cuidado com os espaços sagrados de culto e, desta forma, constituem-se como merecedores de preservação e respeito por serem locais de morada das divindades. Importante salientar que, na dinâmica homem-natureza, a preservação do meio-ambiente em sua totalidade é obrigação de cada um e de todos para o “povo de santo”, essa obrigatoriedade se funda numa noção de solidariedade que se transmuda no duplo etéreo, ou seja, é preciso cuidar dos pontos de energia naturais de cada divindade ou entidade e perceber que, ao proporcionar o cuidado para com suas obrigações e interditos religiosos, desempenham também uma função socioambiental muito importante. Isso acontece porque, não sendo o cuidado e a preservação restritos unicamente aos domínios de força dos orixás regentes de um indivíduo, zelar pelo meio ambiente é uma obrigação comum. Isso se dá porque apesar de ser o universo um todo indivisível, há comunicações. Há em tudo interação e inter-relações, verdadeiras teias em que se ancora saberes, não cabendo a nós

eximirmo-nos da obrigação de cuidar e preservar todas as moradas das divindades sagradas, delegadas a nós aqui no Ayé (Terra), pelo criador, Olodumaré, que, do Orun (Céu), nos acompanha em todos os nossos passos e decisões para que estejamos no caminho da felicidade e da paz interferindo neste complexo sistema integrado do cosmos.

Apresentamos a seguir um esquema que nos parece ser o movimento dos orixás para a criação do Universo, espelhado, naturalmente, na construção da própria Terra, considerando os domínios dos principais orixás cultuados em solo brasileiro, entendidos aqui conforme a organização nos quatro grupos dos princípios elementais, do fogo (tal qual o núcleo da Terra) ao domínio do ar (tal qual a atmosfera):

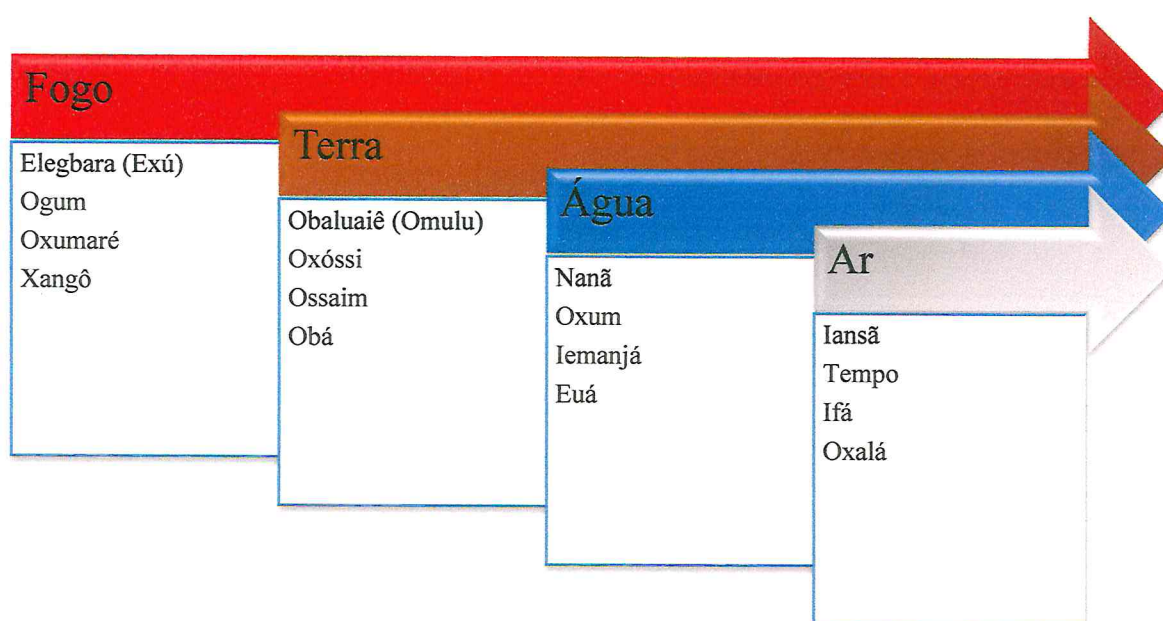


Figura 1 Elementos geradores e seus respectivos orixás.¹

¹ Considerando o fogo como o elemento formador e o princípio criativo que decorre da energia primordial, o esquema acima busca, através do elemento gráfico, demonstrar os quatro grandes elementos, como categorias geradoras, compreendendo assim seus respectivos orixás como corresponsáveis pela criação, que se fez solidariamente. Sob esta ótica, compreendida neste trabalho como correlata ao processo de formação do planeta Terra, leva-se em consideração a formação da massa mais quente, decorrente do agrupamento da massa superaquecida, conforme intensidade de calor do sentido do núcleo (o mais quente, representado pelo orixá Exú-Elegbara) à atmosfera (o mais frio representado por Oxalá). A existência desse esquema é um elemento meramente didático, mostrando possíveis fases de maior atividade de cada um desses orixás, sem considerar, entretanto, a necessidade de que trabalhem sozinhos, afinal de contas, na lógica da dinâmica religiosa afro-indígena, a solidariedade é um fator de ordem.

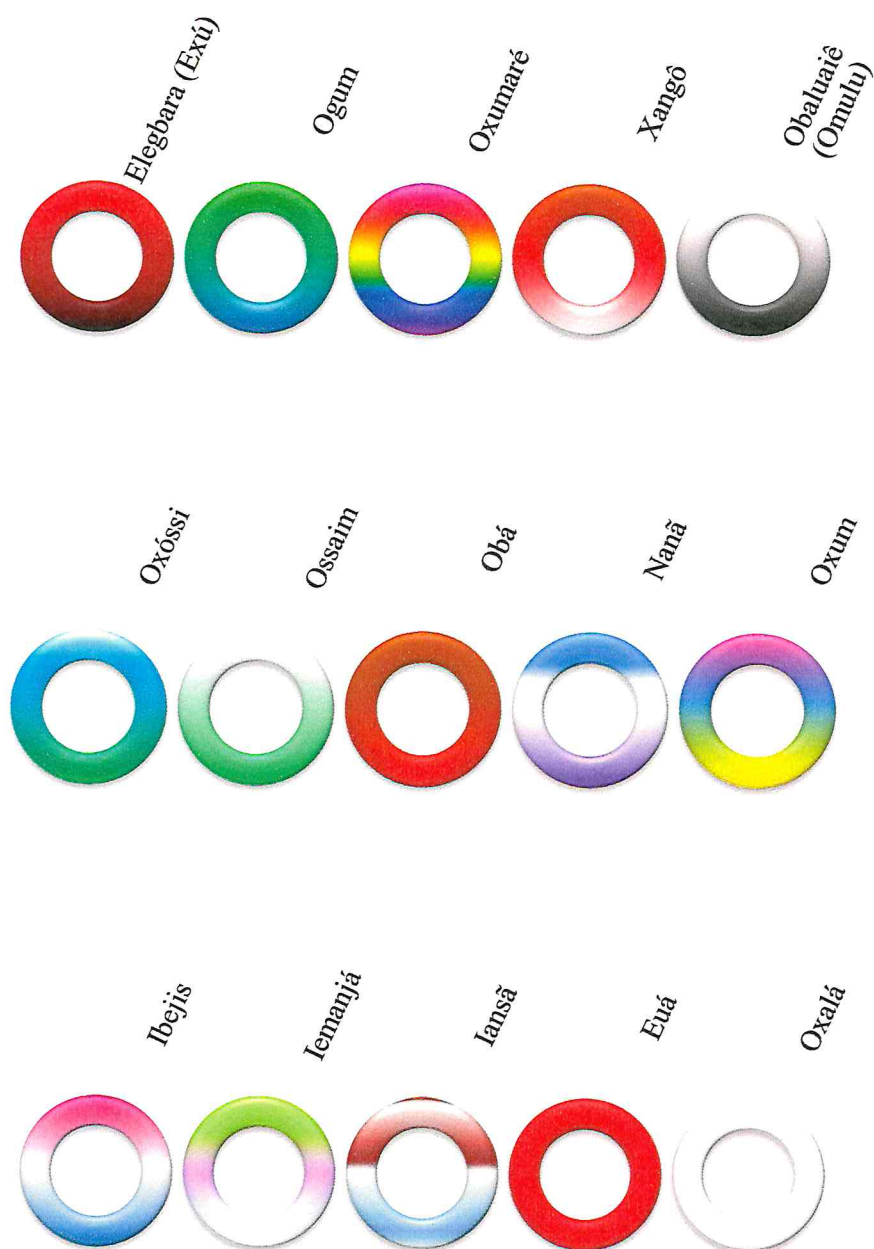


Figura 2 Cores comumente ligadas às vibrações dos orixás.²

² Os orixás, no Brasil, recebem inúmeras características. Suas cores, dias da semana, notas musicais e outras tantas informações constituem parte da cultura e da dinâmica desenvolvida em nosso País, fato fartamente noticiado sem, contudo, manter grandes sistematizações. As cores ligam-se às frequências vibratórias a que essas divindades mais se aproximam, mais gostam. Nesse sentido, percebe-se uma proximidade bastante importante quanto à visão humana de beleza, ornamentos, através de uma estética que, antes de tudo, preocupa-se com a relação existente entre o sagrado e a vaidade humana. Importante salientar que, na lógica das religiões afro-indígenas, os ornamentos e paramentos fazem parte dos elementos de embelezamento do processo de vida religiosa e social, de tal forma que essas esfera jamais são desvinculadas, mediante o pensamento da complementaridade das relações e espaços de vivência em comunidade.

As religiões afro-indígenas, a despeito de tudo que é comumente veiculado por não-iniciados, seguem uma tradição monoteísta e, considerando a dimensão do trabalho com o povo yorubá, os orixás decorrem de uma energia fundamental, denominado *Olodumaré*. A seguir, um esquema demonstrando a decorrência das divindades do Criador, *Olodumaré*, e os seus principais domínios:

Olodumaré, a energia criativa	Está em toda parte porque é a causa primária da existência de todas as demais energias e seres na constituição do Universo.
Oxalá	Praia deserta ou colina descampada
Nanã	Águas profundas, cemitérios, lama, lagos e pântanos
Exú	Encruzilhadas, passagens
Ogum	Estradas e caminhos, estradas de ferro, meio da encruzilhada
Oxum	Cachoeiras e rios
Xangô	Pedreiras
Iansã	Bambuzal
Iemanjá	O mar
Oxóssi	Matas
Omulu	Cemitérios, grutas e praia
Obá	Rio de águas revoltas
Euá	Linha do horizonte, recebendo entregas em rios e lagos
Ossaim	Clareira das matas
Oxumaré	Próximo a quedas de cachoeiras
Ibejis	Cachoeiras, jardins, matas, praias e outros

Figura 3 Sistema ecolitúrgico das religiões afroindígenas.³

³ Quadro montado conforme informações extraídas do livro *O essencial do Candomblé* de Ademir Barbosa Júnior, (2011a), demonstra o complexo sistema ecolitúrgico, característica primaz inerente aos elementos das religiões afro-indígenas por observarem a noção de casa comum em que tudo se inter-relaciona. A complexidade da formação como forma de interação essencial transforma os elementos da religião em fator agregador do ponto de vista da sociologia da religião.

Ter em mente que a dimensão litúrgica das religiões afro-indígenas depende da saúde ambiental e da preservação do planeta, de uma forma geral é compreender o que, de fato é essencial na prática ritualística: a manutenção de um espaço ecologicamente equilibrado que passa pelo entendimento do compromisso do povo de santo em preservar o meio ambiente para promover as condições essenciais a seus cultos e, em certa medida, cumprindo os termos contidos no texto da Constituição Federal que dá a todos e a todas direito ao meio ambiente ecologicamente saudável. Neste sentido, o povo de santo atua como sendo credor do texto constitucional, no que tange à preservação do meio ambiente ao exigir que o Estado atue de forma positiva na preservação dos sistemas ambientais para que as suas práticas religiosas possam acontecer no espaço adequado às suas liturgias, quais sejam os domínios sagrados dos orixás. Essa percepção de preservação ambiental (entenda-se por meio ambiente qualquer lugar em que se possa haver, com habitualidade, atividade humana ou não – incluindo-se, por exemplo, o meio ambiente do trabalho). Se coaduna com a visão estrutural da relação espaço-tempo como um todo indivisível em que as partes são eternamente comunicantes e, desta maneira, constituem um sistema digno de proteção para que se possa permitir que a tradição permaneça vivendo em suas condições plenas, praticando os cultos nos pontos da natureza concernente a cada divindade e/ou entidade espiritual em cada culto. Além de um exercício de respeito com a criação, é um compromisso assumido com a ancestralidade em prol do meio ambiente equilibrado para todos e todas.

Pensar nessa dimensão coloca a todos como corresponsáveis pelo cuidado do mundo, pela consciência necessária ao trata-se quaisquer seres, humanos ou não, como parte da Criação e dignos de respeito. Nesse sentido, o cuidado é parte de sua premissa religiosa de acolhimento e resignação com o divino Criador.

1.1.Do Candomblé

O Candomblé é uma religião monoteísta, originalmente vinda das terras africanas e ressignificada pela situação do cativo sofrida pelos adeptos candomblecistas em terras brasileiras, tendo como principal expoente reconhecido em solo brasileiro, o legado do povo yorubá, que habitava a região do Dahomé, atualmente entre a Nigéria e a República do Benin. Esta religião tem por objeto de adoração a veneração aos *orixás*⁴, forças da natureza personificadas em seus seguidores, denominados de iaôs ou cavalos. Segundo Ademir Barbosa Júnior (2011a, p. 31) “os Orixás são agentes divinos, verdadeiros ministros da Divindade Suprema (Deus, Princípio Primeiro, Causa Primeira, etc.) e estão presentes nas mais diversas culturas e tradições espirituais/religiosas, mediante nomes e cultos diversos, como os Devas indianos.”. Conforme BARBOSA JÚNIOR (2011a, págs. 6-8), o Candomblé é uma religião em cujos fundamentos encontram-se num decágono, conforme passa a expor:

1. Holismo;
2. Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso;
3. Valorização da vivência/experiência pessoal;
4. Fé e cotidiano: a concretude da fé;
5. Fé e Ciência: uma parceria inteligente;
6. Simplicidade;
7. Leitura e compreensão do simbólico;
8. Cooperativismo;
9. Liderança: autoridade não rima com autoritarismo; e
10. O exercício do livre-arbítrio.

⁴ No candomblé *yorubano*, as divindades são os *orixás*; na tradição *fon* as divindades são os *voduns/voodunces*; e, na tradição *bantu*, as divindades são as *inques/inkices*. Como o sistema brasileiro é extremamente complexo, há uma interconecção entre as nações de candomblé, isto porque os caminhos que os fizeram chegar aqui foram relativamente iguais: forçados pelo tráfico a abandonarem terras, família e tradições, renegar seus nomes e ancestralidade para serem vilipendiados, em terras alienígenas, com a imposição de novo nome e novos costumes, fizeram a revolução de manter em si viva a tradição religiosa aprendida em África e ressignificada na terras em que foram sendo depositados para executarem trabalhos. Como complexo sistema de crença que não se encerra em um determinado local específico de culto mas que transborda para todas as searas da vida privada e pública, permite que as nações de candomblé mantenham similitudes e diferenças sem, entretanto, buscar impor uma a outra, o peso de uma religião mais autêntica ou melhor.

Ao contrário do que é comumente divulgado, o candomblé (como as demais religiões afro-indígenas abordadas neste trabalho) é uma religião monoteísta, uma das mais antigas, (talvez a mais antiga delas), sendo o Deus supremo da mitologia yorubana denominado de *Olodumaré*. Por esse sistema litúrgico, *Olodumaré* é a energia criativa e criadora; e todos os demais orixás são manifestações desta energia criadora e criativa do Universo. Como uma religião direta e profundamente ligada às forças da natureza, tem como fundamento a solidariedade, o cuidado com o meio-ambiente e as relações sociais e a percepção de respeito à ancestralidade como valores fundamentais à vida em sociedade.

De maneira inequívoca, o candomblé, ao longo dos anos, tem sido uma das principais frentes de resistência da população negra em solo pátrio no sentido de que se torna elemento centralizador de todas as *práxis* de um setor importante da sociedade, servindo de paradigma inclusive para a observação de elementos políticos e sociais para fora dos domínios sacros decorrentes do terreiro. A vivência nesse núcleo familiar que extrapola o nível sanguíneo para se cristalizar a partir de uma dimensão espiritual dá um sentido ainda mais forte aos laços afetivos e religiosos na vivência em comunidade.

Saliente-se, de pronto, que não há fragmentação nem segmentação dentro da lógica do candomblé, isto porque, para o candomblé, o indivíduo não se desvincula de sua identidade religiosa ou política ou familiar, estando todas essas “identidades” contidas num mesmo terreno comum mediante a observação e cumprimento do papel social de tal maneira que, na sua vida pública e privada, existem relações temporais específicas que mantêm de forma intensamente alocadas em sua história pessoal que constitui como intercorrência ao longo de toda a História da humanidade mediante uma relação de circularidade e causalidade específicas aos povos africanos e indígenas.

O Candomblé é uma religião telúrica à medida em que exerce uma relação muito proximal com os elementos da natureza, tendo nela o ponto de partida, o exercício e o produto das interações sacras e políticas desenvolvidas com o meio. Perceber a idiosincrasia dessa religião é dar visibilidade à complexidade do panteão yorubano e se fazer notar que como as divindades necessariamente são partes de um todo integrado. Elas são um corpo sagrado segundo o qual todo o “povo de santo” deve preservar como a unidade se constrói na noção de uma multiplicidade seria quase impossível deixar de atentar para um fato importante: o universo, tal como conhecemos, só existe assim porque os orixás (na lógica yorubana) são corresponsáveis por essa construção e reconstrução. Os *orixás* são divindades com pensamentos, estratégias e sentimentos, tais quais os humanos, e as homenagens a todos e

todas devem ocorrer de maneira sistemática e inclusiva, conforme prescreve o costume, para que flua o *axé*, isto é, a força vital pela qual todas as coisas foram feitas.

Neste sentido, os cultos aos orixás exigem uma relação complexa no sentido de que todos são necessariamente saudadas e homenageadas em cada gira (ou xirê), isso é sessão religiosa do candomblé, porque é necessário render homenagens a todos aqueles a cuja natureza divina permitem que quem os procure com humildade, amor e compaixão possam ter uma resposta afetuosa, nos termos do que o indivíduo necessitar passar para evoluir, resgatar.

Para esta religião, Olodumaré, o Criador, delega aos outros orixás um pouco de sua força vital isto porque entende que a solidariedade é fator importantíssimo para a boa condução da nossa realidade plural em sua essência. Importante é se fazer notar que a complexidade neste sistema que congrega ecologia e liturgia religiosa encontra ancoragem na noção da complementaridade das culturas e povos, porque entende o ser humano em sua complexidade sistêmica (em ordem inter e intra-específica). Nesta organização, onde a diferença marca o principal eixo da identidade desses processos criativos e recreativos na cosmovisão da africanidade candomblecista, o sistema simbólico decorrente desta comogênese constitui, sem dúvidas, o movimento, a interação como fator de integração do tempo, do espaço e das formas no mundo.

Neste sentido, é a preservação dos espaços litúrgicos (inclusive fora dos terreiros – lugares sagrados), que permite aos adeptos realizarem suas oferendas (seus *ebós*) para os orixás, em sinal de respeito, pedido e agradecimento concomitantemente. Esta percepção de um mundo em que os pontos de força e energia não se encontram somente nas casas de culto extrapolam, de certa forma a noção de religiosidade na ocidentalidade fortemente influenciada pela corrente europeia que percebe a vivência religiosa fora dos espaços comuns de culto como sendo invasivos desproporcionais, desrespeitosos em alguns casos e, às vezes desorganizados.

As religiões afro-indígenas, ao estabelecerem princípios, liturgia e outros componentes importantes na dinâmica social próprios, acabam por delimitar os seus espaços de poder, as suas identidades e, com isso, a conectar os saberes, experiências, ancestralidade e relações com o sagrado que dispõem da história do povo negro, quer em África, quer em terras brasileiras. Com grande influência no cotidiano dos seus seguidores, os valores basilares da religião a que seguem, tais como a solidariedade, o respeito à diversidade, o cuidado com o

meio-ambiente equilibrado, a vida em comunidade, e a felicidade como bem comum. Passam a ser compromisso e lição de vida para cada seguidor de forma bastante pessoal.

No candomblé o caminho pelo qual há o intercâmbio de energias superiores, representadas pelos orixás, só pode acontecer mediante a possessão que, conforme nos afirma Altair T'Ògún:

Essa possessão é bastante notável durante as festas públicas nas casas de Candomblé, quando se exibem os toques, as danças e as cantigas rituais para criar um clima que possa produzir um estado de êxtase quando os filhos são possuídos e acredita-se que as divindades incorporam neles, quando então elas se manifestam diretamente na pessoa incorporada. (T'ÒGÚN, 2015.)

É a possessão um dos mais fortes fenômenos que acontecem no cerne de uma gira, para que os indivíduos que ali estão possam ser reenergizados com a força e os conselhos dos orixás e, estando na presença deles, possam religar-se à natureza primal desta relação há tanto perdida. Para compreender a relação estabelecida entre Orun-Ayé (Terra-Céu), é necessário recorrer a um mito, contado por Reginaldo Prandi, mediante narrativa normalmente de natureza oral bastante comum nas tradições africanas e assimiladas nas tradições afro-indígenas como *modus* de ressignificação do mundo.

E foi inventado o candomblé...

No começo não havia separação entre
o Orum, o Céu dos orixás,
e o Aiê, a Terra dos humanos.
Homens e divindades iam e vinham,
coabitando e dividindo vidas e aventuras.
Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê,
um ser humano tocou o Orum com as mãos sujas.
O céu imaculado do Orixá fora conspurcado.
O branco imaculado de Obatalá se perdera.
Oxalá foi reclamar a Olorum.
Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo,
irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais,
soprou enfurecido seu sopro divino
e separou para sempre o Céu da Terra.
Assim, o Orum separou-se do mundo dos homens
e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida.
E os orixás também não podiam vir à Terra com seus corpos.
Agora havia o mundo dos homens e o dos orixás, separados.
Isoladas dos humanos habitantes do Aiê,
as divindades entristeceram.
Os orixás tinham saudades de suas peripécias entre os humanos
e andavam tristes e amuados.
Foram queixar-se com Olodumare, que acabou consentindo
que os orixás pudessem vez por outra retornar à Terra.
Para isso, entretanto,
teriam que tomar o corpo material de seus devotos.
Foi a condição imposta por Olodumare.

Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres,
dividindo com elas sua formosura e vaidade,

ensinando-lhes feitiços de adorável sedução e irresistível encanto,
 recebeu de Olorum um novo encargo:
 preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás.
 Oxum fez oferendas a Exu para propiciar sua delicada missão.
 De seu sucesso dependia a alegria dos seus irmãos e amigos orixás.
 Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta,
 banhou seus corpos com ervas preciosas,
 cortou seus cabelos, raspou suas cabeças,
 pintou seus corpos.
 Pintou suas cabeças com pintinhas brancas,
 como as penas da galinha-d'angola.
 Vestiu-as com belíssimos panos e fartos laços,
 enfeitou-as com jóias e coroas.
 O *ori*, a cabeça, ela adornou ainda com a pena *ecodidé*,
 pluma vermelha, rara e misteriosa do papagaio-da-costa.
 Nas mãos as fez levar *abebés*, espadas, cetros,
 e nos pulsos, dúzias de dourados *indés*.
 O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas
 e múltiplas fieiras de búzios, cerâmicas e corais.
 Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de *ori*,
 finas ervas e *obi* mascado,
 com todo condimento de que gostam os orixás.
 Esse *oxo* atrairia o orixá ao *ori* da iniciada e
 o orixá não tinha como se enganar em seu retorno ao Aiê.
 Finalmente as pequenas esposas estavam feitas,
 estavam prontas, e estavam *odara*.
 As *iaôs* eram as noivas mais bonitas
 que a vaidade de Oxum conseguia imaginar.
 Estavam prontas para os deuses.

Os orixás agora tinham seus cavalos,
 podiam retornar com segurança ao Aiê,
 podiam cavalgar o corpo das devotas.
 Os humanos faziam oferendas aos orixás,
 convidando-os à Terra, aos corpos das *iaôs*.
 Então os orixás vinham e tomavam seus cavalos.
 E, enquanto os homens tocavam seus tambores,
 vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás,
 enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam,
 convidando todos os humanos iniciados para a roda do *xirê*,
 os orixás dançavam e dançavam e dançavam.
 Os orixás podiam de novo conviver com os mortais.
 Os orixás estavam felizes.
 Na roda das feitas, no corpo das *iaôs*,
 eles dançavam e dançavam e dançavam.
 Estava inventado o candomblé. (PRANDI, 2001, 526-528)

A religião, conforme demonstra o texto acima, ocorre mediante o transe de possessão, momento em que, em virtude do fenômeno ritualístico, há a comunicação entre o orixá e o médium e/ou consulentes através do médium. Este fenômeno faz com que os pontos energéticos espalhados no corpo dos filhos de santo ou iniciados, encontrem-se alinhados, dado momento, em virtude das cantigas e rezas, pela música e permeado por todo aquele trânsito energético facilitado pelas emanções coletivas, vivenciadas ali, e materializadas, em níveis bastante concentrados, com os pontos energéticos de seus orixás regentes.

Essa noção de equilíbrio entre o *Elégùn* (aquele que é montado pelo *Òrisà*) e o orixá é importante para que se possa perceber a forte influência de todo sistema simbólico como herança ainda muito presente na lógica brasileira. O orixá e o iniciado mantêm uma relação de filiação e reconhecimento que objetivam estabelecer grande proximidade e a vida passa a ser, na verdade, um cenário que propicia a vivência desse amor fraternal e ancestral em que o desenvolvimento espiritual só pode se dar mediante a prática de caridade. Nesse sentido é o exercício caritativo da partilha, facilitado pelo aspecto da convivência, isto é, do compartilhamento de experiências, vivências e afetos, que dá sentido à vida. Como nas demais religiões afro-indígenas, a musicalidade, a dança, e a gastronomia são elementos fortes no sentido desta religião: agradecer e agradecer para honrar as divindades.

1.2. Da Umbanda Sagrada

A Umbanda Sagrada é uma religião brasileira que congrega elementos do Candomblé, do Catolicismo, do Espiritismo e da Pajelança Indígena. Foi criada em 15 de setembro de 1908 por Zélio Fernandino de Moraes, o Pai Zélio, que, incorporado do Caboclo das Sete Encruzilhadas e auxiliado pelo preto-velho Pai Antônio, não admitiam a segregação existente na doutrina espírita kardecista praticada naqueles tempos, que impedia a incorporação, nos centros denominados de “mesa branca”, daquelas entidades como caboclos e caboclas, ciganos e ciganas, marujos, exus e pombas-gira, benzedeadas, vaqueiros, boiadeiros e pretos-velhos e pretas velhas, em virtude de haver grande preconceito forçando um lugar de subalternidade àqueles espíritos benfazejos. Isso acontecia porque, atribuindo-lhes uma condição de falso primitivismo e impingindo-lhes uma falta de evolução espiritual que os “impedia” de trabalharem satisfatoriamente em favor da corrente do bem, constituíam entidades de espectro nefasto, de atuação “esquerdista” e de contato possessivo indesejável. Esses espíritos fundam a Umbanda para que os necessitados de prestação do serviço caritativo pudessem obter acesso sem preconceitos, sob os aportes do acolhimento fraternal inspirado no cuidado com o indivíduo nas suas relações sociais.

Essencial é perceber algumas similitudes com o candomblé: a Umbanda também é uma religião monoteísta que reconhece nas diversas divindades e entidades um caminho à iluminação para se chegar a Deus mediante prática caritativa gratuita. É uma religião de natureza ecolitúrgica, ou seja, tal qual o candomblé mantém como elemento central da religião uma vinculação grande com a preservação da natureza, sem a qual não se pode praticar de forma plena a os fundamentos práticos da religião. Depreende-se daí a necessidade

de manter os espaços naturais preservados, pois estes se constituem como espaços ritualísticos, segundo os quais residem os pontos de força e atuação dos orixás e entidades sagradas. Estes espaços formalizam um *locus* em que os seguidores podem exercitar seus direitos de consciência, culto e credo religiosos e, neste sentido, praticar essa dimensão da proteção do meio ambiente podendo observar como o indivíduo interfere na qualidade da relação com os orixás e com a própria religião.

Seguem, com grande amplitude, a crença nos orixás, guias e entidades como sendo representantes da benevolência divina no cumprimento do mandamento cármico, conforme preconiza o pentateuco de Alan Kardec. Traz como elemento de fundamento prático a necessidade de evolução espiritual que se aplica tanto ao espírito em ascensão no plano espiritual quanto ao médium (também chamado cavalo ou aparelho)⁵ para que possa reconduzir-se ao caminho da luz, da esperança e da salvação. Apresenta o transe de possessão, tal qual nas giras do candomblé, direcionadas para consultas e à prática da caridade. Entretanto, aliado a esse fundamento religioso, temos a percepção de outras ordens como elementos fundantes desta nossa religião espiritualista brasileira que, ao contrário de outras, busca aproveitar a diversidade da formação do povo brasileiro, valorizando o conhecimento das entidades que se mostram como portadoras das vontades, da personalidade e da misericórdia divina no cumprimento dos arbítrios de encarnados e desencarnados mediante práticas atitudinais e afetivas e não apenas mediante uma dimensão retórica de produção de discursos. O discurso, se não embasado e comprovável na prática caritativa e instrucional, torna-se letra morta, mera formalidade dotada de ilegitimidade ética em virtude do desfavor do exercício dos preceitos religiosos da Umbanda.

Ademir Barbosa Júnior, analisando a questão dos fundamentos essenciais da Umbanda nos fala que:

A Umbanda é uma religião constituída, com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos. Suas sessões são gratuitas, voltadas ao atendimento holístico (corpo, mente, espírito), à prática da caridade (fraterna, espiritual, material), sem proselitismo. Em sua liturgia e em seus trabalhos

⁵ Os médiuns podem ser denominados, a depender de seu nível de evolução espiritual, de cavalos (são aqueles que precisam amansar seus corações e abrandar suas paixões para que possam exercer de forma mais adequada ao plano divino a prestação do trabalho caritativo inerente à sintonia vibratória das entidades que executam o trabalho no plano terreno) ou de aparelhos (neste nível de evolução e afinidade espirituais, os médiuns são instrumentos de fruição da benevolência e ação divinas, logo, encontram-se mais próximos do ideal ao trabalho ali desenvolvido) e recebem, por meio da possessão, as entidades espirituais que se manifestam para prestar o auxílio da caridade àqueles que necessitam, através de consultas, nos templos de Umbanda.

espirituais vale-se do uso dos quatro elementos básicos: fogo, terra, ar e água. (BARBOSA JÚNIOR, 2011b, p.5)

Isto significa que, apesar de ser a Umbanda uma religião que representa muito bem essa nossa realidade de miscigenação brasileira, não pode ser configurada como um simples recorte e colagem, um *mix* de religiões. A religião possui uma teologia que é de fundamental importância ao estabelecimento da sua independência religiosa, sua autonomia política e litúrgica por meio da qual os adeptos podem exercer o arbítrio dado por Deus. Acreditam na existência de orixás, de caboclos e caboclas de pena, de pretas e pretos velhos, de ciganos e ciganas, de exús e pomba-giras, de baianos e boiadeiros demonstrando um imbricado sistema de referenciais e identidades sociais e religiosas frente a um pretense nível eurocêntrico de higienização das “qualidades” do espírito existente até sua gênese nas religiões cultuadas no Brasil e contrapondo-se à postura que, via de regra, vinculava uma valoração negativa à realidade miscigenada existente em nosso País como fator de desprestígio social.

BARBOSA JÚNIOR (2011b, p. 11) enuncia que a Umbanda é “um sistema religioso formado por várias matrizes”. Isto se dá porque, para o autor, existe um entrelaçamento das três grandes matrizes culturais existentes em nosso País e, para analisar esta informação, ele traz o quadro a seguir:

Matrizes	Elementos mais conhecidos
Africanismo	Culto aos Orixás, trazidos pelos negros escravos, em sua complexidade cultural, espiritual, medicinal, ecológica etc.; culto aos Pretos-velhos.
Cristianismo	Uso de imagens, orações e símbolos católicos (a despeito de existir uma Teologia de Umbanda, própria e características, algumas casas vão além do sincretismo, utilizando-se mesmo de dogmas católicos).
Indianismo	Pajelança; emprego da sabedoria indígena ancestral em seus aspectos culturais, espirituais, medicinais, ecológicos, etc.; culto aos caboclos indígenas ou de pena.

A Umbanda é, essencialmente, um espaço de resgate de poder em que a espiritualidade, inconformada com a organização litúrgica existente até então com a usurpação de poder mediante práticas intolerantes, pode desenvolver visando a prestar, de forma mais livre, o auxílio da caridade àqueles que procuram a fim de exercer suas atividades cármicas, sem a necessidade de atender a determinados arquétipos elementares exigidos em outras correntes religiosas. Nas atividades de prestação do serviço caritativo, os espíritos passaram a desenvolver esta dinâmica de forma mais confortável, assumindo a corrente vibratória que achassem conveniente ao caso prático do consulente, sem que lhes fossem exigidos tomar este ou aquele arquétipo para prestar auxílio.

Pai Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas e Pai Antônio Fundam a religião de Umbanda. As “três raças predominantes” do País entrelaçam-se na dimensão espiritual dos Cosmos para delinear a força advinda da Umbanda. Zélio Fernandino de Moraes foi um médium que, em sua juventude, era acometido de doenças que não se explicavam pela medicina terrena. Levado, a convite de um primo, em 1908, à Federação Espírita do Rio de Janeiro, incorpora os Espíritos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que passa a ser recebido, pelos presentes, com maus olhos, chegando ao desdém, ao anunciarem ser um espírito involuído em virtude da roupagem vibratória que admitia.

Naquele momento, enuncia a fundação de uma nova religião, uma religião primaz brasileira, a Umbanda e estabelecendo ali a fundação da primeira Tenda, denominada Tenda de Nossa Senhora da Piedade, na própria residência do médium. Pai Antônio foi um dos responsáveis pela esquematização e orientação doutrinária inerente à esta religião, além dos fundamentos de acolhimento comumente atribuídos aos pretos e pretas-velhas, contribuindo grandemente para a percepção da Umbanda como religião do povo brasileiro, congregando os elementos estruturais do Espiritismo, as tradições de canções católicas e a tradição magística do *axé* dos orixás e das demais entidades acolhidas pela Umbanda.

Seu trabalho, que se expressa mediante exercício da dimensão caritativa, sem grandes observações quanto ao consulente, levando-se em consideração o binômio merecimento e pedido no que se refere à proteção e desígnios divinos no cumprimento a determinados preceitos que extrapolam a simples dimensão do querer limitado das funcionalidades humanas.



Figura 4 Zélio Fernandino de Moraes, fundador da Umbanda Sagrada.

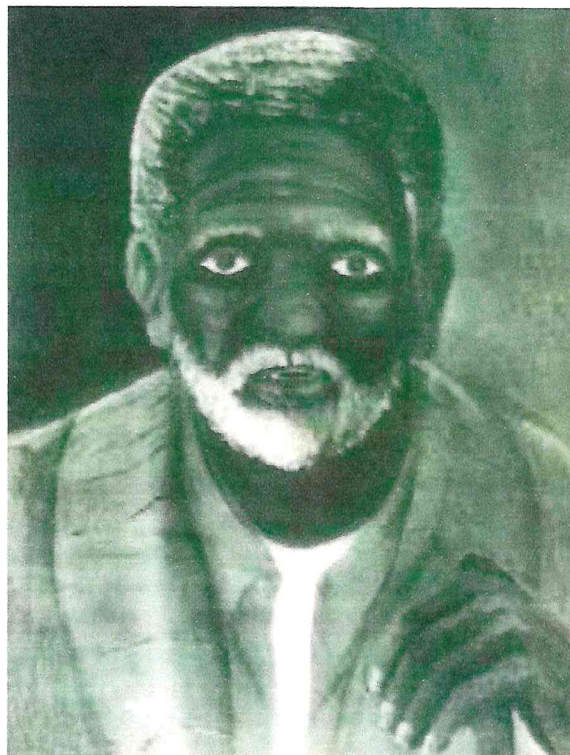


Figura 5 Pai Antônio, primeira entidade incorporado por Pai Zélio.



Figura 6 Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Os rituais de Umbanda têm, em sua grande maioria, um forte sistema simbólico que consegue trabalhar com as energias do universo vegetal, animal e mineral de tal forma que, no manejo com essas forças, existe também um pouco da presença da bruxaria europeia tradicional. Nesta forma, a Umbanda consegue congrega as raízes africanas do Candomblé, a raiz europeia do espiritismo Kardecista e da bruxaria tradicional, a linha cigana no Oriente, a força dos habitantes nativos com a pajelança e o xamanismo sem, entretanto, ser um mero emaranhado de fios soltos. A Umbanda se constitui como unidade litúrgica muito bem construída, edificada pelo amor e pela caridade com o próximo.

1.3. Jurema Sagrada

A Jurema Sagrada tem a crença em espíritos iluminados que possuem radicação na cultura afro-indígena brasileira. Apresenta forte influência dos povos nativos (povos indígenas), guardando em si grande complementaridade com arcabouço ancestral negro, ressignificados através das danças e práticas religiosas de cura e aconselhamento possivelmente pela questão do tratamento dado pelos europeus e as estratégias de resistência adotadas pelos dois, sendo a aglomeração em quilombos, talvez, um dos maiores símbolos ainda perceptíveis em nossa história, desta interação.

Importante salientar na história de Pernambuco a forte presença dos terreiros da Jurema Sagrada. Em dados estatísticos de 2010, considerando-se cerca de 70% das casas que

praticam os cultos das religiões afro-indígenas são de Jurema ou praticam-na em sistema de complementaridade a outras religiões conforme de depreende dos estudos de Alexandre Alberto Santos de Oliveira (L'Omi L'Odó) (2012). Segundo se observa com breve e sistemática análise, nos terreiros e barracões mais ortodoxos na prática da Jurema, não há veneração aos orixás já que, para os mais antigos, constituem um sistema de crenças a parte. Apesar da veneração aos orixás, há, entretanto, o culto a outras entidades que, pertencentes ao propósito da Jurema, fazem parte deste maravilhoso sistema litúrgico como, por exemplo, os caboclos e os pretos-velhos, boiadeiros e ciganos. Esse amalgamado pluriétnico é fruto da interação dos povos indígenas e africanos que, convivendo em agrupamentos como quilombos, acabaram por aproximar as similitudes que permitiram desenhar um tronco comum de reflexão e ação a fim de traçar estratégias próximas de resistência e de resgate das tradições que, em determinado estágio, recebeu ancoragem na interseção cultural proveniente da condição de escravos e/ou análogas a esta.

Na composição desta realidade brasileira de meados do século XVI, das práticas africanas e indígenas sendo fortemente reprimidas perante uma força padronizadora empreendida pelos jesuítas, fez surgir a necessidade de ressignificar aquele sistema simbólico litúrgico. A partir dali, a vivência no campo da religiosidade tornou-se mediada por uma noção mais intensa da solidariedade para que a unidade pudesse garantir maior força resistiva e a partir de então a prática da pajelança fundiu-se ao culto aos ancestrais trazidos e ressignificados pela africanidade em terras brasileiras. Esta relação fez surgir uma religião igualmente telúrica e ecológica, cujos fundamentos litúrgicos e concepções identitárias acumulam-se em torno de uma organização inclusiva por ajuntar inúmeras características dos grupos étnicos aqui contidos sob um mesmo sistema de orientação e valores.

A Jurema é uma religião muito influente nas terras nordestinas, tendo a cidade de Alhandra, na Paraíba, uma grande influência no rol das cidades sagradas da Jurema; salientando também a importância do quilombo do Catucá e a influência de Malunguinho (indivíduo que comandava o quilombo, ora tratado como título “o rei do quilombo”, ora tratado como indivíduo e o deus) na história da resistência negra e indígena em terras pernambucanas.



Figura 7 Árvore da Jurema Sagrada, fundamento sagrado da religião e símbolo da resistência do povo de terreiro.

Malunguinho, que é Reis (Reis porque congrega em si mesmo uma série de pessoas centradas sob um mesmo nome e título honorífico)⁶ e Deus, constitui elemento fundamental à compreensão da dinâmica da Jurema em nosso estado, sendo, de fato, um herói que, incompreendido por muitos, é tido como um indivíduo malévolos. Isto porque, nos tempos da escravidão em que a história era contada (e ainda permanece assim sendo) pelo branco europeu, quaisquer atos de resistência consistiam na rebeldia, na tirania, na intransigência de um povo ou povos, isto porque se reificavam os negros, de uma forma geral, buscando doutriná-los à subserviência. Alexandre L’Omi L’Odó (2014), nos fala que:

Provavelmente o título honorífico Malunguinho, que era dado aos líderes do Quilombo do Catucá (na primeira metade do Século XIX em Pernambuco), vem do possível vocábulo Malungo do tronco lingüístico Kimbundo (Bantu), que significa amigo, companheiro, camarada ou companheiro de bordo e ainda irmão de criação; nome com que os escravizados africanos tratavam seus companheiros de infortúnio nos navios negreiros e nas senzalas. Possivelmente para uma etnia Bantu, segundo Victor Cajiganga, O sufixo “inho” colocado ao final do termo Malungo, antroponimicamente, em lato sensu, dentro da perspectiva de hipocorístico africana, não significa um diminutivo carinhoso, como é típico no nordeste do Brasil, mas sim conota grandeza e poder, notoriedade e transcendência. Quanto menor a palavra para determinar o título de um líder, ou um diminutivo, mais esta agrega força, contexto e méritos. Malunguinho era o possível título genérico para as lideranças no quilombo

⁶ Na concepção de OLIVEIRA (2014), como Malunguinho é, também, uma concessão honorífica em virtude de representar a liderança do quilombo, representa a coletividades dos reis, os Malunguinhos, como uma categoria de identificação no imaginário coletivo da época, como um título de força e merecimento pelos feitos da resistência, que permeava o imaginário coletivo da época e, ressignificados, assume a dimensão simbólica e litúrgica em terras pernambucanas.

do Catucá, e também é o líder quilombola que “baixa” nos terreiros de Jurema, foi o líder (líderes) negro/índio que revolucionou e marcou a história da luta por liberdade do povo negro e indígena no Catucá. Ascendeu ao panteão das divindades da Jurema Sagrada, religião de matriz indígena segundo os juremeiros e juremeiras. Hoje é motivo de auto-estima para o povo negro e indígena de terreiro ou não, pois é tratado também como herói, após as descobertas recentes dos historiadores que retratam uma gama de informações importantes para a história das revoluções e lutas do povo afro descendente por liberdade em Pernambuco. (OLIVEIRA, 2014) grifos nossos.

A Jurema é, ao mesmo tempo, a dimensão ampla do tempo se perpetuando no espaço, a representação dessa complementaridade cósmica e, especialmente no culto pernambucano, guarda grande proximidade com Malunguinho, deus, herói, guerreiro do quilombo do Catucá. A complementaridade imagética de Malunguinho é expressa também sob a forma como ele é percebido nas imagens em que comumente ele é representado⁷. Esse movimento de resistência, empreendido por Malunguinho, mostra em certa medida, a natureza revolucionária e libertária da Jurema e do seu povo.

É essa resistência que fortalece a Jurema. Malunguinho é o Reis que observa tudo o que acontece, como uma criança, que parece indefeso, embora possa estar também preparando-se para um possível contra-ataque e, como adulto, imponente, astuto, ágil, forte, o verdadeiro representante da força da natureza vindo das cidades sagradas da Jurema. É essa condição quase telúrica de Malunguinho com a Jurema pernambucana que faz com que ela seja tão significativa. Essa relação altamente conflitiva retrata a inconformidade do povo que é escravizado de todas as formas e que consegue se libertar com o trabalho, neste e no plano espiritual, no cuidado com os irmãos de fé, com as obrigações para com as entidades e na prestação dos cultos.

⁷ Sobre este assunto, ver OLIVEIRA A. (2016).

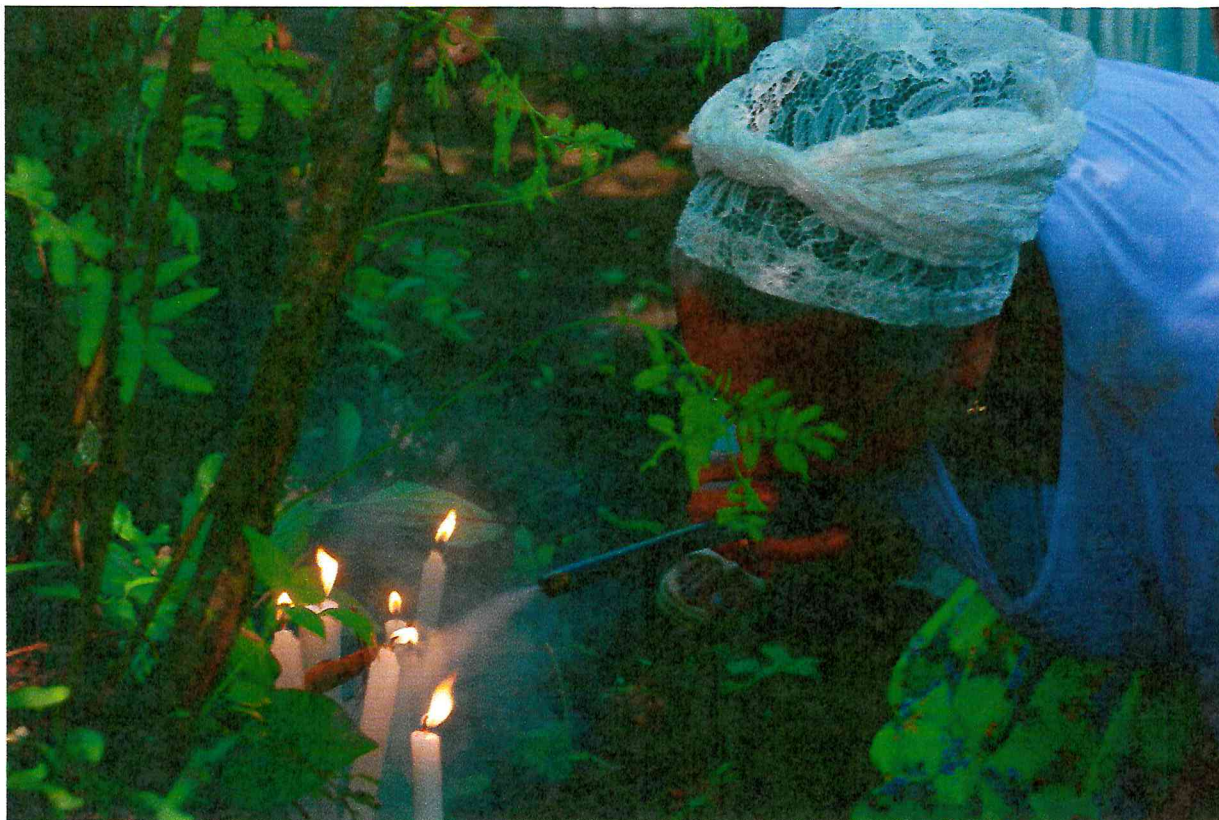


Figura 8 Defumação na cerimônia preparatória para abertura de gira de Jurema.



Figura 9 Malunguinho, entidade que é ao mesmo tempo caboclo, exu e orixá na lógica da Jurema Sagrada.

Malunguinho, o “Reis”, é o símbolo da tradição forte de Jurema pernambucana, símbolo da resistência do povo nordestino na prática deste culto na dinâmica do povo e, assim como Alhandra, e outras cidades sagradas, guardam o mistério da ciência sagrada que reside sob o solo brasileiro. Malunguinho é o rei da mata e especula-se ter vivido em meados do século XIX, compondo a realidade imagética da resistência negra nas terras pernambucanas. Aqui representado como uma criança, talvez em virtude do tom diminutivo comumente atribuído ao “inho” que, conforme visto anteriormente, pode caminhar no sentido inverso a esta noção como bem definiu Alexandre L’Omi L’Odò (2016).

Capítulo II – A identidade negra: concepções e construções no imaginário coletivo

O complexo conceito de identidade é elemento muito particular das discussões das ciências sociais. Isto porque, ao se perceber uma forte tendência, na contemporaneidade (ou na pós-modernidade), em ensejarmos a percepção das identidades amparadas na noção de papéis sociais e da assunção de múltiplas identidades em contradição com a noção iluminista de essência ou identidade única, indivisível e imutável empreendemos uma modificação expressiva na forma com que nos percebemos no mundo.

Sobressai-se, portanto, a noção de identidades, realidades situacionais, de poderes fluidos, de relações instáveis e, mais ainda, sobre inúmeras interações que, mesmo não sendo deterministas, têm a noção de uma intensa relação entre o sujeito e as correlações que os indivíduos estabelecem com o meio sociocultural em que vivem. É a qualidade destas relações que indicará (e não determinará, se contrapondo à noção hermética de determinismo) a assunção de determinados posicionamentos e identidades revelados de forma sutil nas experiências que o sujeito tem na sua vida. Stuart Hall (2012) nos afirma:

A questão da “identidade” está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo. (HALL, 2012, pág. 9.)

Pensar na existência destes novos conceitos de identidade e nos novos arranjos de sociedade é entender “que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.” (HALL, 2014, pág. 9) o que nos faz repensar sobre as relações que nos colocam na percepção principiológica da sociedade enquanto arena em que se desenvolvem os discursos e *práxis* embebidas de uma série de conjunturas situacionais sem as quais o processo de significação ficaria incompleto. Desta forma, o grande mote destas organizações identitárias são oportunizadas e ampliadas pelos sujeitos imersos na realidade social e da experiência e percepção que tiveram quando da própria relação intra e interpessoal. Um fenômeno complexo e primordial para a percepção do próprio lugar do sujeito na sociedade, quer abordado numa lógica local, nacional ou global. Nesta esfera de identificação, a organização de múltiplos esquemas mentais de diferenciação e reconhecimento estabelecido com seus pares e deus díspares.

Identidade negra e suas implicações socioeconômicas ao longo da história brasileira: fotografias recortadas no jornal da vida

Pensar em identidade negra nos leva necessariamente a repensar o nosso lugar no mundo. Durante um bom tempo, na história do mundo, os povos africanos permaneceram considerados como povos primitivos, sem muita importância ao “avançado padrão dos costumes europeus” que, em decorrência de uma série de elementos históricos fartamente enunciados pela historiografia, acabou por predominar frente a uma série de povos cujas culturas preexistiam e (coexistiam até então), algumas destas etnias convivendo em nível bastante amistoso, nas plagas africanas.

Esta estratégia de domínio, fragmentação e sobrepujança era dotada de grande força centrípeta normalizadora, isto porque buscava aniquilar toda organização política, social e cultural das sociedades que ali se organizavam originalmente em prol da acumulação desmedida de capital. A identidade negra vem, neste sentido, como ponto de convergência de vulnerabilidades históricas, se traduz num misto de resistência e orgulho, repressão e empoderamento. E os negros e negras que se assumem nesse papel político encontram desafios diários nos mais diversos campos de vida, inclusive na omissão de políticas públicas direcionadas às necessidades básicas, como saúde, educação, segurança pública e outros serviços essenciais garantidores da mínima condição de dignidade humana.

O homem europeu, ao empreender o processo de colonização através do Mercantilismo, no início da modernidade, escolheu um modelo de “gestão de pessoas” em África bastante duro: o tráfico e a escravização de seres humanos, tomados e tornados como coisas, sequestrados, forçados a negar suas raízes, sua identidade, a ser repatriado, ser renomeado, ser invalidado (porque minado em sua principal esfera de reconhecimento étnico-racial) para a lógica africana para ter de abraçar forçosamente novos costumes que nada mantinham de proximal consigo e com seu sistema de crenças. Evidente que esse processo não se deu sem resistências, mas criou-se no imaginário social brasileiro, de uma forma geral, uma noção de precarização ao se olhar os povos negros.

Neste contexto, rebaixados à condição de seres moventes, tendo negada a sua condição humana, eram como animais que trabalhavam horas a fio nos engenhos e casas de farinha, vivendo em condições completamente insalubres de trabalho, higiene e alimentação (esta afirmação se dá em tal ferocidade, na verdade, porque para os donos de engenho, os escravos valiam menos que seus animais). Os negros escravizados eram apenas mão-de-obra barata e,

de certa forma, de fácil obtenção, apesar da desumana travessia que normalmente trazia a óbito mais de 50% dos embarcados. Sobrevém, como reminiscência deste período, o pensamento infamante de que o negro só serve para trabalhos eminentemente braçais e com pouca complexidade intelectual, tendo por base um discurso eugênico e higienista.

FANON (2008, p. 26), nos convida a fazer uma seríssima reflexão quanto à construção e o *lócus* que a identidade negra acaba por possuir em nossa sociedade. Vejamos:

Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem.

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos.

O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente.

O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.

O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro.

Tenazmente, questionaremos as duas metafísicas e veremos que elas são frequentemente muito destrutivas.

Não sentiremos nenhuma piedade dos antigos governantes, dos antigos missionários. Para nós, aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra.

Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco. Grifos nossos

Este não-pertencer, este não-lugar determinado para a população negra é uma estratégia que há anos vem sendo desenvolvida e, no Brasil, conseguiu marginalizar, favelizar boa parte da população considerada negra (preta e parda). Esta percepção de ausência ou inaptidão a ocupar determinadas esferas de poder ou de inferiorização vem também de uma pretensa noção de superioridade europeia que é inversa e concomitante difundida pela historiografia dominante. Para ilustrar tal pensamento até aqui construído, lanço mão da necessidade de evocar Edson Gomes que, de forma brilhante, sintetizou as agruras impostas aos povos africanos em solo pátrio na música “História do Brasil”. Pode até parecer que esta música retrata de forma bastante parcial a noção da escravidão, mas ela tem dado conta de um assunto que muito tem sido silenciado: o deslugar do negro nas posições sociais de prestígio. Vejamos:

Eu vou contar pra vocês
Certa história do Brasil
Foi quando Cabral descobriu
Este país tropical

Um certo povo surgiu
 Vindo de um certo lugar
 Forçado a trabalhar neste imenso país
 E era o chicote no ar
 E era o chicote a estalar
 E era o chicote a cortar
 Era o chicote a sangrar
 Um, dois, três até hoje dói
 Um, dois, três, bateu mais de uma vez
 Por isso é que a gente não tem vez
 Por isso é que a gente sempre está
 Do lado de fora
 Por isso é que a gente sempre está
 Lá na cozinha
 Por isso é que a gente sempre está fazendo

O papel menor
 O papel menor
 O papel menor
 Ou o papel pior
 (História do Brasil – Edson Gomes)

O processo de associação à condição de sub-humano, de mercadoria, de coisa (ou ser movente), acaba por frustrar algumas das estratégias de fortalecimento da identidade negra. Socialmente falando, existem inúmeros fatores de reforçamento de uma postura excludente fartamente divulgadas numa amplitude e velocidade cada dia maiores. E isto é essencialmente a postura de manutenção daquele *status quo ante* que em nada tem ajudado no desenvolvimento de questões sociais relevantes para o coletivo. É importante de se fazer perceber que não se diz aqui que há condicionamentos à aceitação ou negação desta ou daquela identidade, mas que, mediante deliberada difusão, há de forma farta o estímulo a que os indivíduos reconheçam-se pertencentes a uma identidade com a percepção de que determinadas ideologias funcionam como condicionantes sociais, interpelando o processo de fortalecimento da identidade negra. Nasce, desta maneira, um pensamento de reforma dentro da sociedade brasileira para combater mui fortemente as razões que dão causa aos racismos e intolerâncias direcionadas às religiões afro-indígenas em solo pátrio, expostos nos instrumentos normativos 10.639/03 e 11.645/08, além da lei 12.288/10 (Estatuto da Igualdade Racial) e do próprio texto constitucional. Esses documentos jurídicos importantes no sentido de reconhecer todo traumático processo de sequestro, da reificação dos povos africanos, da marginalização em solo pátrio (principalmente com o advento da Lei Áurea, que, juridicamente não teve valor algum, mas que socialmente teve o poder de alijar toda uma população), fazendo-se margear e intensificar o processo de favelização e empreender uma

política de branqueamento através da imigração de povos europeus, considerados mais capacitados ao trabalho em nossa tardia industrialização.

Sobre este movimento de segregação e marginalização da população negra, a Procuradora Federal Indira Ernesto Silva Quaresma, quando do julgamento das Políticas Afirmativas de Cotas no Supremo Tribunal Federal (STF), assim nos brinda com sua sabedoria:

A Lei Áurea não teve o condão de transformar ‘coisa’ em gente da noite pro dia. Ela não conseguiu apagar do imaginário coletivo, nem de brancos, nem de negros, mais de 350 anos de história e cultura de escravidão. Ela não avançou no sentido de dar o mínimo de condições para que negros e negras começassem a trilhar um verdadeiro caminho de igualdade formal e material. Deixar os negros à própria sorte foi, sim, vontade governamental. Aos negros negou-se terras e educação, as duas únicas formas de ascensão social e promoção da dignidade da pessoa humana na época em uma franca política de branqueamento da população brasileira, optou-se por trazer imigrantes europeus, que chegaram aqui tão pobres quanto os nossos negros, mas deu-se àqueles o que se negou a estes. E os europeus vicejaram e sem dúvida alguma foram responsáveis por nos alçar ao patamar de país moderno, mas os negros foram aliados das riquezas econômicas e intelectuais do País. Quase 124 anos após a abolição os dados estatísticos de instituições sérias, públicas e privadas, demonstram, sob qualquer perspectiva ou fator analisado que ser negro no Brasil continua sendo motivo para continuar aliado das riquezas econômicas e intelectuais. Nós vivemos anos no domínio de um mito, de uma ilusão, de uma hipocrisia – democracia racial – que nos impediu de termos uma visão nítida sobre a situação do negro no País. E ainda hoje, quando todos os indicadores sociais e econômicos retumbam que essa democracia racial não existe, e nunca existiu, a quem insista em tentar oblihar o debate, escamoteando o racismo sob a pobreza. Falar abertamente sobre racismo no Brasil parece que toca os medos mais profundos. Por outro lado, não enfrentar a questão tem sido uma das razões do fracasso do nosso projeto de uma nação livre, justa, solidária, fraterna. Racismo, pobreza e desigualdade e sexismo estão na base das questões estruturantes do País. A forma de enfrentar cada um desses problemas é diferente, mas o primeiro passo, na solução da sua resolução é identificar sua existência. Grifos nossos

Esta condição de humanidade, roubada dos negros escravizados, marcou a história de lutas desde o sequestro em África até as grandes revoluções em esfera local aqui em terras pernambucanas. Essas relações doentias se reproduzem ferozmente até estas datas de hoje, cheias de inúmeros condicionantes e irradiadas em diversas searas da vida privada e, inclusive, em meios institucionais e públicos. Ora, essa questão, longe de ser de simples resolução, é uma realidade intensa, que reflete desde sua gênese, uma percepção pouco convencional no sentido das construções e representações sociais. A negritude é. Dessa forma, o universo concentrado de valorização das lutas da ancestralidade e o compromisso de manutenção da luta em busca de melhores condições de vida.

Interseccionalidades e Vulnerabilidades

Nesta imbricada relação que mescla preocupações sacras e humanas, permeia com muita fluidez o elemento identitário negro, tal qual uma relação de complementaridade ou uma percepção política dos elementos sociais que se mantêm como balizadores de uma construção de identidade que se afirma também nos tambores, no toque e nos terreiros, barracões, tendas ou centros. Uma identidade que não se finda no estereótipo, numa “roleta russa” fenotípica, ou na identificação de uma teoria genética autenticamente eugênica e higienista. Esta identidade que, ao mesmo tempo herdada pela cultura da ancestralidade e reconstruída na gênese dos processos de exclusão, requer muito mais o fortalecimento dessa identidade em (re)construção, isto é, um movimento interno, político em sua gênese, cultural e social em seus fins, ético e estético em suas expressões.

Pensar identidade negra não pode se desvincular de uma abordagem de gênero, muito menos de uma abordagem de classes. Isto se dá porque existem interseccionalidades, isto é, existem entrecruzamentos de uma série de condicionantes, imersos numa lógica que imprime no indivíduo rótulos que o fazem ter chances aumentadas ou reduzidas de obter sucesso e visibilidade sociais a depender do poder de hegemonia depositado nos traços físicos. Isto encontra fulcro na matriz ideológica brasileira, que, desde os tempos do Brasil-Colônia têm se intensificado mediante mecanismos cada vez mais sutis e eficazes de marcar um indivíduo, tal qual literalmente faziam (com alguns) nas fazendas de cana de outrora.

Essa marcação visível aos demais imprime, como insígnia, nos negros uma condição de desigualdade, tendo em vista a sua posição de desprestígio no sistema opressivo da colonização. Soma-se a este fator, a existência de uma proteção aos valores de uma cultura machista, na qual o homem vale mais do que a mulher. Sem nos afastarmos muito, numa esfera de classes, temos fatores como escolaridade e renda como importantes à observação neste contexto; e, quanto à percepção cultural, de um modo geral, essas insígnias se demonstram de forma mais efetiva quando da assunção de um posicionamento religioso que destoa do padrão eurocêntrico (judaico-cristão). Extraí-se, daí, uma conclusão interessante para analisar as vulnerabilidades, conforme podemos perceber a seguir⁸:

⁸ Relação estabelecida mediante esquema de LIMA, 2014, ao analisar as questões relativas à concorrência de fatores de discriminação na sociedade brasileira.

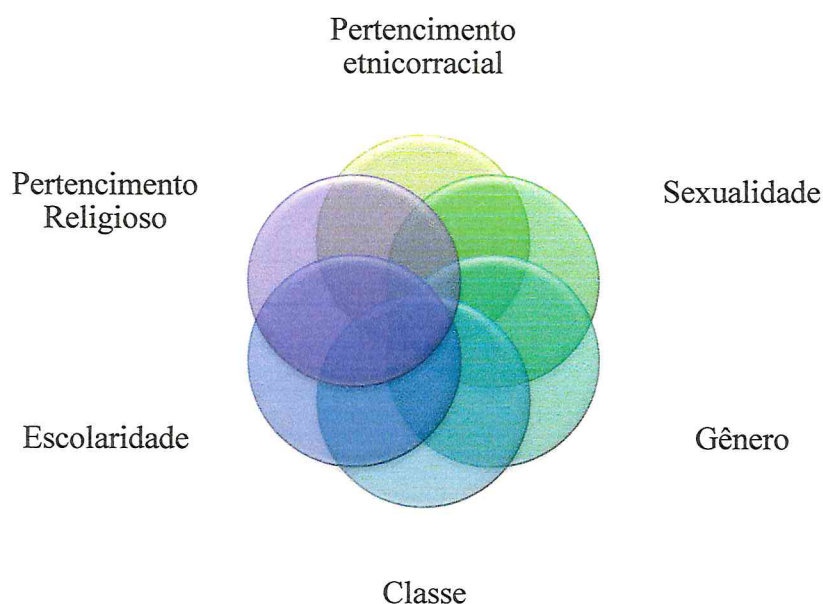


Figura 10 Intersecções e vulnerabilidades

O esquema acima, embora muito simples, dá conta de uma realidade multifacetada, um retrato da estrutura visceral dos preconceitos e um indicativo estruturante da máquina nefasta da discriminação fazendo-se necessária a análise combinada desses condicionantes como sendo reforçadores da adoção de um lado calma/amena, quanto desprestigiada/negada doutro com inúmeras violências decorrentes. A presença dessas intersecções, isto é, desses condicionantes, isolados ou não, demonstram uma ação positiva (fazer) ou negativa (não-fazer) na prestação de determinados serviços e o acesso a direitos básicos de todo cidadão é justificado de tal forma que quanto maior o índice de vulnerabilidades que um sujeito possui, maior a sua possibilidade de insucesso em determinadas condições sociais.

Embora não haja nenhuma disposição expressa para determinismos, existe uma grande tendência de que não essas formatações adquiram socialmente posições de prestígio. Pensando assim, quanto maior o desvio do padrão hegemônico, maior o peso a ser suportado em virtude da presença de organização de múltiplas identificações e como elas interferem no imaginário individual do sujeito negro, imerso nessa seara de vulnerabilidades.

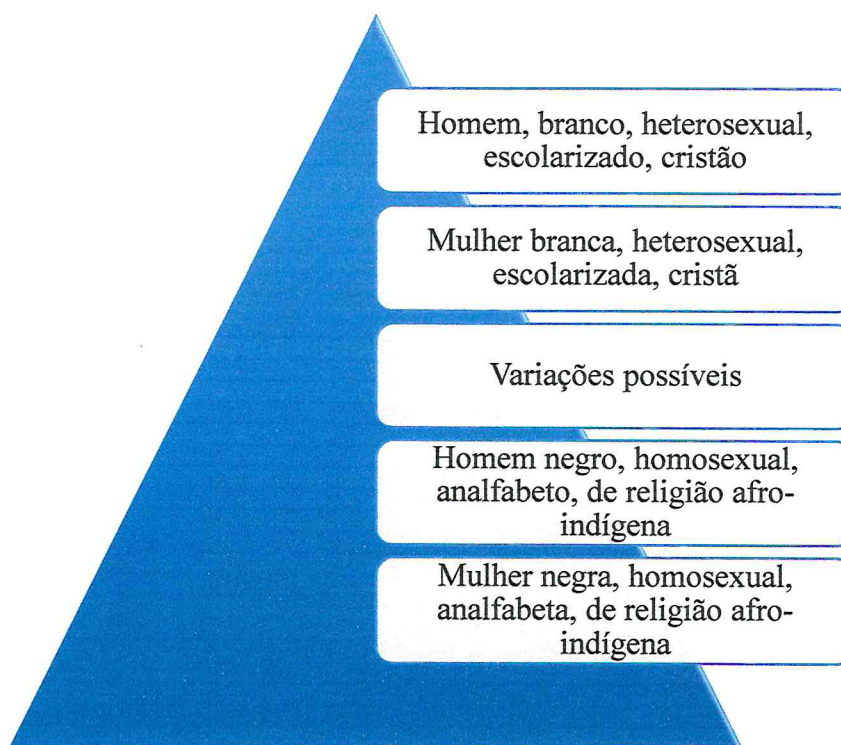


Figura 11 Características de prestígio e de desprestígio no imaginário social brasileiro.⁹

Ora a grande dificuldade de termos em mente o esquema retromencionado com bastante clareza se dá porque a ideologia dominante normaliza esta estrutura e promove o pensamento de que grandes modificações são indesejadas, são desnecessárias e, normalmente, danosas à sociedade por pôr em evidência sujeitos que não deveriam originalmente ocupar aqueles espaços de poder é uma reengenharia da manutenção de *status*. Essa noção, que reverbera tanto nas lutas dos negros como nas lutas das mulheres e de uma série de outras lutas tão importantes e significativas quanto evidenciam essa preocupação em manter no microespaço, isto é, o apego e cuidado com a reprodução da microfísica desse poder estrutural que tem aprisionado de forma cada vez mais sutil (mas não menos perversa) e minado progressivamente a ascensão de muitos sujeitos ao poder. Essa prática é uma verdadeira afronta à necessidade de igualdade em seu sentido mais visceral, à liberdade de sonhar com condições melhores, com a possibilidade de alcançar essa tão falada dignidade da pessoa humana, constitucionalmente enunciada e pragmaticamente negada. São atos atentatórios sucessivos e de grande repercussão para a projeção que o indivíduo faz de si e da sociedade.

⁹ Retirado de LIMA, 2014, p. 41.

A negritude como fator de resistência ideológica

A assunção de uma identidade é um processo normalmente conflituoso que se dá ou pela modulação/reprodução ou pela negação/contrariedade de um padrão normalmente hegemônico e estigmatizador. Tentando contextualizar, é um sistema que, tal qual se pretende uma grande agroindústria, ao manusear agrotóxicos numa plantação, exterminar (não mais as pragas orgânicas de uma plantação neste caso, mas aqueles elementos desagregadores do sistema) tratando-se assim quaisquer tipos de desvio que não tragam de forma imediata um retorno suficientemente lucrativo para que os mais poderosos julguem os sujeitos socialmente eleitos a uma determinada zona de prestígio construída por essa população negra.

A fragilidade de identidades fragmentadas sob os aportes do chicote e da pena, que desfiguram e retalham sujeitos e sonhos, assombra ainda hoje a nossa sociedade que, doente das mais profundas esquizofrenias sociais, parece oferecer aos cidadãos construções virtuais e efêmeras do *locus* quase epílogo na formação escatológica, (quase em castas) nessas relações etnicorraciais balizadas como economicamente ou politicamente viáveis. Esta noção nos faz pensar na questão dos espaços de poder e da própria noção de identidade. Desde o período dos sequestros em África inúmeros foram os exemplos de resistência empreendidos pelos povos africanos e por seus descendentes porque quando aqui chegavam, sofriam também inúmeras agruras para que a manutenção de algumas de suas funções biológicas básicas pudesse ser organizada a contento em função da alimentação de um sistema quase antropofágico.

Neste sentido, desde que o negro foi sequestrado e, principalmente quando, junto com os donos das terras originais, embrenharam-se mata adentro buscando recuperar a sua liberdade tomada de assalto, viu nos ajuntamentos populacionais em quilombos, os mecanismos de resistência mais conhecidos e no sistema simbólico de resistência sendo fortalecidos em alguns pilares dentre os quais a religiosidade, a vida em comunidade e necessidade da intensificação das relações interpessoais como garantidores de uma sociedade mais justa em que o simples exercício da vida privada não constituísse uma limitação imposta por um senhor de engenho que percebe-os como coisas, produtos, ou mão de obra barata e desqualificada, merecedora de castigos gratuitos.

Conforme se viu em capítulo anterior, a relação dos silenciamentos acabou por gerar uma relação esquizofrênica, de negação da própria relação da corporeidade com a identidade e enfraqueceu a relação telúrica entre o homem e os sistemas simbólicos que diferem daquele que corrobora, tendendo, na atualidade, à exclusão sumária aos “desvios” como fruto dessa

relação patológica instituída. Nela se expressa na questão da assunção de uma identidade social, religiosa, de gênero e em inúmeras outras funções componentes da identidade humana, mutável e mutante.

Capítulo III – Racismos e intolerâncias religiosas: o senhor de engenho que brada aos nossos ouvidos

Formação científica, correção ética, respeito aos outros, capacidades de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusa-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar. FREIRE, Paulo. 2008, pág. 17.

O ranço escravista como elemento de estruturação do racismo e intolerâncias contra as populações afro-indígenas

A questão da negritude envolve a análise sistêmica de um universo envolto em complexidade de tal forma que a dimensão política não está desvinculada da dimensão da religiosidade. Tudo é essencialmente conectado porque o mundo é um conjunto de coisas ordenadas jamais isoladas. São contingências que se complementam. Entretanto, estando nosso Estado ainda fortemente vinculado à dimensão eurocêntrica, inúmeros são os casos de racismo e intolerâncias contra as populações afro-indígenas e considerando as expressões religiosas, torna-se mais forte.

Embora bastante recorrente, ainda não se sabe como atacar de forma intensa e precisa o racismo e as diversas intolerâncias que se aglutinam em instrumentos de repressão cada vez mais elaborados pelo Estado ou por parte da sociedade que, ainda mantém acesa as luzes de uma casa grande falida e de uma senzala que mais os aprisiona que os coloca em posição sobrepujante. Ora, estando no Brasil, País de ideologias no mais das vezes abissais, é preciso estabelecer que para o atendimento a determinados fins de ordem constitucional, é preciso que se assegure, nos termos da própria Carta Magna, a construção de uma sociedade mais justa, pluralista e fraterna. Disso decorre a necessidade de eliminação de toda forma abusiva e degradante pela qual possa o ser humano ter contato numa relação social: machismo, racismo, intolerâncias religiosas, preconceitos inúmeros, etc.

Embora seja sabido que muitas dessas construções discriminatórias são antiquíssimas e não possuem nenhum tipo de embasamento científico, sendo pautada em ideologias rasteiras e em instrumentos retóricos de eficácia duvidosa, estes discursos ainda se mantêm como juízos de valor expressos, não apenas pela pessoa comum, mas, como veremos a seguir de pessoas com um grande cabedal de informações de todos os tipos. Uso aqui, a título de ilustração, um trecho da decisão prolatada pelo Juiz Eugenio Rosa de Araújo, da 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro em julgamento dos autos do Processo nº 0004747-33.2014.4.02.5101 (2014.51.01.004747-2), uma Ação Civil Pública que versava sobre a

vinculação de vídeos da Igreja Universal que representava os seguidores das religiões afro-indígenas como indivíduos vinculados a demônios, fato pelo qual se entrou com a representação contra empresa que hospedou os vídeos. Eis alguns trechos da sentença que trata sobre as expressões Candomblé e Umbanda, *in verbis*:

No caso, ambas manifestações de religiosidade não contêm os traços necessários de uma religião a saber, um texto base (corão, bíblia etc.) ausência de estrutura hierárquica e ausência de um Deus a ser venerado. Não se vai entrar, neste momento, no pantanoso campo do que venha a ser religião, apenas, para ao exame da tutela, não se apresenta malferimento de um sistema de fé. As manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões, muito menos os vídeos contidos no Google refletem um sistema de crença – são de mau gosto, mas são manifestações de livre expressão de opinião. Quanto ao aspecto do direito fundamental de reunião, os vídeos e bem como os cultos afro-brasileiros, não compõem uma vedação à continuidade da existência de reuniões de macumba, umbanda, candomblé ou quimbanda. Não há nos autos prova de que tais “cultos afro-brasileiros” – expressão que será desenvolvida no mérito – estejam sendo efetivamente turbados pelos vídeos inseridos no Google. Enfim, inexistente perigo na demora, posto que não há perigo de perecimento de direito, tampouco fumaça do bom direito na vertente da concorrência – não colidência – de regular exercício de liberdades públicas. Não há, do mesmo modo, perigo de irreversibilidade, posto que as práticas das manifestações afro-brasileiras são centenárias, e não há prova inequívoca que os vídeos possam colocar em risco a prática cultural profundamente enraizada na cultura coletiva brasileira.

É importante analisar que essa sentença leva em consideração uma noção bastante reduzida do que vem a ser religião, focando não mais no conjunto eurocêntrico de sentidos que o ser humano convencionalmente desenvolve neste sistema valorativo que adquire em sociedade de tal maneira que reduz o termo a uma análise de um texto escrito, sabendo, entretanto, que a religião extrapola esta dimensão tão restrita e sem sentido. Se o termo religião deriva de *religare*, o processo de religação com o que foi antes perdido é um fenômeno que ocorre independente da imposição de textos e esquemas outros.

A identidade transgressora: religiões tradicionais e resistência ao sistema

Pensar o lapso temporal decorrido desde o período da Invasão Portuguesa, historicamente denominada de “Descobrimto do Brasil” até nossos dias é embarcar numa viagem visando compreender os fenômenos sociais. É como se, por um momento de nossa história, pudéssemos observar os períodos da historiografia como fotografias de nossas experiências sociais. Desde a fundação deste Estado nacional, organizado mediante a lógica eurocêntrica, trazida de além-mar com suas influências religiosas fizeram com que não-europeus estivessem fadados a ser suprimidos deliberadamente mediante estratégias de genocídio e aculturação dos povos nativos e africanos. Ora, este extermínio cultural que foi sendo estimulado ao longo de nossa história recebeu um reforço ainda mais forte no campo da

religião: com a adoção de um estado confessional, as práticas divergentes atentavam quanto à própria dimensão política decorrente do elemento soberania.

Não se pode negar que o campo social da religião dá um caráter especial ao se concentrar em uma dimensão não palpável e, em virtude disso, possuir uma força de natureza mais forte ao figurar um núcleo mais cristalino no cerne do ser humano e no corpo social por incutir uma questão de instalação no inconsciente. Inúmeros são os motivos para a assunção de uma religião: a tradição dos antepassados, a necessidade de estabelecer novas relações com o sagrado, a necessidade de completude, etc., mas, quando esta noção se vincula às religiões afro-indígenas em nossa sociedade, apesar da existência de leis que procurem incentivar o ensino da história e culturas africana e indígena (respectivamente 10.639/03 e 11.645/08) ela parece sempre estar localizada numa zona de perigo.

Trabalhar as religiões tradicionais, nesta produção configuradas como o Candomblé, a Umbanda e a Jurema Sagrada, parece ser uma tarefa de garimpagem de informações e um movimento até transgressor à medida em que damos espaço a outros saberes e outras práticas de natureza inclusiva aos filhos e filhas de santo. As religiões dos orixás, dos guias e outras entidades, têm florescido em nossos tempos apesar de todo esforço empreendido por alguns setores da sociedade que ainda não se deram conta da importância das diversas expressões religiosas no Brasil. Há, ao mesmo tempo, uma visibilidade (que ainda guarda alguns traços de retração, quando não se ancora em inconsistências de natureza racista) e um movimento de afirmação afro-litúrgico que decorre da condição de resistência pretendida pelos movimentos sociais negros e indígenas, pela escolha consciente politicamente de uma postura inclusiva de fato e não apenas de Direito. Essa percepção faz emergir a necessidade de ampliar a discussão, as informações, permitir-se estar no lugar do outro de maneira respeitosa.

O Candomblé, a Umbanda e a Jurema são patrimônios da resistência, símbolos incontestes da presença marcante da escravidão e, ao mesmo tempo, símbolo de afirmação da condição humana de produção de cultura e tradição. Não se permitiu, mesmo com a carne marcada pelo açoite, pela fome e pelos abusos mesmo com os castigos mais pesados, que a tradição se perdesse. O amor aos orixás, a percepção acertada de seus cultos e credos e a relação entre eles e a manutenção das identidades negra e indígena nos mostram a riqueza desta cultura tão especial.

Assumir a pertença religiosa de matriz indígena e/ou africana é uma atividade principiologicamente transgressora. Afasta a relação obrigatória imposta durante muitos anos

pela força da espada e da cruz, aos pertencimentos à tradição judaico-cristã, especialmente a tradição europeia, socialmente prestigiadas que assume um papel de desvalorização dos conhecimentos ancestrais, da movimentação do *axé*, da preocupação com cada pessoa, com cada elemento envolvido naquela dinâmica litúrgica.

As leis 10.639/03 e 11.645/08 na luta em favor do fortalecimento da identidade negra

As leis 10.639/03 e 11.645/08, que versam respectivamente sobre a inclusão da História e Cultura Negra e Indígena no universo formal da escola se constituem como elementos de políticas públicas de inclusão social, e intensificam, como ferramentas de fortalecimento no marco jurídico, as questões relativas à noção das lutas dos povos negros e indígenas, perpassadas pela majoração da necessidade de formalizar temáticas essenciais da ligação entre estes povos (negros e indígenas) na relação com a sociedade atual que, via de regra, tem se constituído muito mais como elemento de contingenciamento de vulnerabilidades do que de reconhecimento e exaltação de fontes louváveis de história e cultura ancestrais, formalizadas mediante uma tradição que mantém, como traço comum, a oralidade, a ludicidade e o respeito às questões socioambientais como elementos de manutenção das representações no mundo.

Nesse contexto, as leis retromencionadas (a 10.639/03 e 11.645/08), que modificam a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), incluem esses temas geradores como essenciais ao desenvolvimento e compreensão da própria história na nação brasileira, promovendo, decerto, uma tentativa de fortalecimento das identidades e difusão dos conhecimentos produzidos pelos povos que ainda cultivam as tradições ancestrais. O movimento de resgate, conseguido com tanta luta e formalizada através de instrumentos de coercibilidade, isto é, de força estatal, através da figura das leis, nos dá um breve indicativo de que, com a promulgação das leis, o que há tanto vem sendo requerido passa a ser parcialmente provido, assim o Estado passa, a partir dali, a encarar a questão da educação formal que dê conta de uma dimensão não-européia em sua exclusividade, ao menos institucional.

Obviamente não é a edição de uma lei, ainda que educacional, que sanará as relações doentias e sanará as mazelas sociais decorrentes de tantos anos de execução de um projeto de sociedade amparado, quase exclusivamente na noção de prevalência de um sistema de organização social hermético observável mediante organização hermenêutica europeia. Esse movimento indica a necessidade de implementação de medidas práticas para que as tensões relativas às divergências decorrentes da vinculação a outros sistemas simbólicos permitam um

ato reflexivo que enseje a desorganização de estruturas seculares de poder institucionalização por leis e costumes.

Desta forma, as leis trazem a relação com a importância da temática assim expressas:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003.)

Seguindo essa linha de pensamento, cujo objetivo se firma na relação inversa à imposta pela lógica do dominador ao longo de todo nosso lapso temporal em que os colonizadores impuseram suas leis, seus pensamentos e práticas de ver, representar e estar no mundo e que, em virtude dessa expansão ideológica, consiste tentativa de reparar, minimamente, os atos que desfiguraram e feriram gravemente as culturas dos povos autóctones e escravizados, promoveram genocídios e se utilizaram de outras tantas técnicas de invisibilidade e silenciamento quantas fossem possíveis para suprimir as influências sociais.

O intento do surgimento destas leis, para além do suprimento das questões de ordem retórica que lhes buscam atribuir, se firma como elemento normativo positivo segundo o qual procura-se demonstrar todo cabedal de influências afro-indígenas na cultura e educação brasileiras, no sentido de elevar à sua real importância merecida todas estas influências, condensadas, na esfera das políticas educacionais, como conquistas frente a um discurso eurocêntrico, vazio e sem propósito benéfico segundo o qual estas leis apenas serviram para aumentar a força discriminatória da matriz curricular nacional. Ora, se pensarmos num currículo cuja fonte principal se coaduna com os currículos importados das metrópoles europeias, que não levam em consideração as diversas matizes culturais, quaisquer tipos de desvios constituirão, decerto, um descompasso discriminatório em virtude de fugir da centralização do mundo pelo instrumento europeu.

A promulgação destas leis inicia, juridicamente falando, uma propositura de buscar perceber que os elementos constituintes do que se denomina comumente como cultura brasileira, como por exemplo as influências das múltiplas línguas, das artes, as organizações

políticas, as ideologias, e, em especial para este trabalho, as religiões constituem elemento importante da dinâmica social e exigem uma relação respeitosa e, quando possível, harmônica a fim de que a tolerância (estado de tensão forte mas ainda pouco aparente) seja transfigurada em respeito (estado mínimo de tensão em que as diferenças são consideradas fatores positivos de identificação de cada grupo). Essa perspectiva de um não-reconhecimento com as culturas afro-indígenas, se torna bastante evidente principalmente quando se fala das religiões afro-indígenas visto que há mais de 500 anos existe um planejamento para sufocar cada religião que difere do tronco judaico-cristão, hoje mais fortemente empenhadas em alguns grupos das religiões neopentecostais.

A educação se faz mediante a assunção de uma postura que vê na diversidade uma possibilidade de crescimento. Perceber na multiplicidade de práticas religiosas e culturais como sendo elemento possível de enriquecer a relação identidade-alteridade, é, para o (a) professor(a), a possibilidade de ter em mente a noção de dialética entre os seres no mundo, isto é, a noção da necessidade de convivência para o estabelecimento de uma relação mais segura em seus fundamentos, e permite aos alunos alargarem seu cabedal de conhecimentos possibilitando-os o contato com outros pensamentos, sujeitos e práticas. Há de se ficar claro que, embora as leis tratem também dos traços da religiosidade tradicional indígena e africana, não se pode, a título de promover um maior foco nos constructos socioculturais dos povos tradicionais, empreender uma lógica confessional e, desta forma, romper com o princípio da laicidade do Estado. A laicidade significa que o Estado Brasileiro não possui uma religião oficial, mas não é somente isso. Significa também que ele não pode preterir uma religião em favor de outra ou ainda abolir o que se chama de ateísmo ou combater a “falta de fé”. A laicidade é a possibilidade de que culturas espirituais, pensamentos e práticas litúrgicas possam coexistir em determinado espaço de poder e enquanto pertencentes a um estado de consciência coletiva sem que dessa relação decorra a possibilidade de acabar sendo ferida por ausência de respeito às práticas ou seus seguidores.

Perceber a existência das leis como sendo indicativo da necessidade de fazer emergir neste contexto a complexidade social decorrente da história de complementaridade a que os povos indígenas e africanos foram sendo historicamente organizados nos faz perceber a função sociológica que busca integrar à sociedade aquela percepção da dinâmica de formação pluriétnica nacional. Para isso, se torna necessário dar visibilidade a todas as práticas culturais e fortalecer cada uma delas por seus elementos constitutivos sem, entretanto, torná-los fatores

que justifiquem embarreiramentos, *apartheids* conforme a história mundial (e nossa história de forma aparentemente mais sutil) tem promovido. Perceber na relação identidade-alteridade os fatores que aproximam as culturas é muito mais intensamente ligada à noção da humanidade como espécie que necessita de convivência, quanto os que diferenciam. Dessa forma é necessário, para que se possa traçar um espaço de experiências salutareis comuns, desenvolver uma educação antirracista que permita aos diferentes não apenas o direito à existência confinada, mas o direito do livre expressar-se. A educação, figura, neste sentido como um elemento fundamental para que se consiga chegar, aos poucos, numa relação de proximidade, de respeito, de companheirismo que perceba os valores inerentes à humanidade como substrato sobre o qual se edificarão as bases para um país menos desigual.

Não se pode negar um passado de lutas na construção de um futuro de igualdade. Assim sendo, não podemos anular a construção sofrida que os movimentos negro e indígena, através dessa grande história de lutas, reivindicaram de forma enérgica e bastante ampliada suas demandas e expondo seus motivos, trazendo à sociedade uma série de questões que nos fizeram, juridicamente, instituir uma relação de construção deste referencial que dá ao professor mais um aporte para a educação das relações etnicorraciais. Essa modificação, de caráter jurídico-educacional, tem dando indicativo e permitido uma flexibilização para além daquela estabelecida pelos dominadores e elevadas ao *status* de fruição completa das vivências em espaços públicos e privados exercitando livremente a noção de liberdade de consciência e credo como sendo elementos de natureza quase exclusiva das religiões europeias, em especial às cristãs. Neste sentido, é obvio que a lei amplia o caráter quase inflexivo rotulando durante anos os seres humanos segundo seus fenótipos, posicionamentos político-ideológicos e suas escolhas, promovendo essa quase imobilidade, quando relacionada a um especial dado de composição das práticas sociais. Ocorre que a lei alarga em muito o repertório tanto do educador, quanto do pesquisador e do próprio estudante para que se possa dar conta das relações todas em ordem de respeito e conservação dos espaços de memória e cultura

afro-indígenas.

Capítulo IV – Caminhando pela metodologia: uma viagem ao interior da pesquisa

Falar sobre a metodologia de pesquisa numa monografia é expor a coluna dorsal segundo a qual toda estrutura se mantém e, sem a qual, nenhum tipo de informação ou dado preciso seria possível dado que a estruturação não seria de fato palpável e nenhum resultado decorrente do processo poderia ser considerado, nem a título de condição parcial e transitória, por ausência de credibilidade. Pensar em metodologia é, desta forma, estruturar que tipo de informações, sujeitos e o próprio universo em que a pesquisa irá se arvorar e, em função disso, quais métodos, técnicas e instrumentos são possíveis e desejáveis para obtenção e análise de dados para que possamos tentar compreender a realidade intensa, múltipla e complexa. Ao se tratar de um tema fluido e controverso como é a questão da identidade social, em especial quando está articulado ao critério religião torna-se ainda mais necessária a organização de uma metodologia bem alinhada, que leve em consideração os referenciais normativos e a prática educativa, tendo em vista que nosso trabalho de conclusão de curso é na área da Educação e se ancora especialmente na legislação educacional.

Para a consecução deste trabalho monográfico, a título de objetivo geral, resolvemos investigar como as religiões afro-indígenas têm contribuído para o fortalecimento da identidade negra nas comunidades tradicionais de terreiro. Este tema se tornou, para mim, bastante significativo quando estudei a disciplina de Educação Afro-brasileira ofertada pelo curso de Licenciatura em Pedagogia, com a Professora Denise Botelho, que orienta este trabalho; bem como pelas contribuições fantásticas dos professores Aristeu Portela, ao ministrar o componente curricular Educação das Relações Étnico-Raciais e Rebeca Duarte, ao ministrar o componente Educação Indígena, tendo o estudo desse tema se adensado quando adentrei (ainda que em pouquíssimas intervenções, em virtude do processo de construção deste processo monográfico e de outras atividades acadêmicas correlatas) no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq), muito mais como leitor, em virtude do pouco tempo disponível à construção de um pensamento mais profundo e extenso, escasseado em virtude de concorrentemente estar desempenhando atividade em curso de pós-graduação, somado ao fato desta monografia ter sido iniciada há brevíssimo prazo, já que o tema apresentou-se-me como possível a partir de março deste ano, oportunidade em que peço vênha à professora Ana Paula Abrahamian pela confiança no desempenho das atividades do PEPE VII.

Como Bacharel em Direito, cujo tema defendido em monografia versava sobre as políticas afirmativas de cotas entendido como elemento positivo de atuação do Estado frente a

grupos socialmente alijados da sociedade e seu compromisso, mediante o emprego de uma política educacional compensatória e temporária, que se reafirme o caráter transitório das políticas em questão, de reaver os séculos de invisibilização da população negra, é importante olhar para a educação como fator de desenvolvimento de um País e enxergar nas políticas públicas um instrumento de garantia de efetivação de determinados espaços de poder. Conhecimento é, sem dúvida, um forte instrumento de poder que permite a ascensão de forma mais equânime!

Perceber que a discussão ética (e multicultural) tem sido traduzida de forma mais intensa, juridicamente, há pouco mais de uma década, vez que a temática das identidades só veio a ser discutida com mais intensidade na esfera educacional a partir da edição das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que alteram a LDBEN, de tal forma que estas têm promovido o intenso desenvolvimento teórico-metodológico e de estratégias de assunção e fortalecimento de identidades sobre a influência da cultura e história indígena e africana no cenário das identidades nacionais. Somado às prerrogativas emanadas em nossa Carta Constitucional de 1988, sobre as liberdades de culto e credo, amparadas por uma dinâmica social quase mosaica em termos de cultura e ainda tão insipiente no que se refere à tolerância religiosa e ao respeito às práticas litúrgicas afro-indígenas.

Para que o objetivo deste trabalho fosse devidamente alcançado, foi importante o empreendimento em compreender os elementos sacros das religiões afro-indígenas em sua dinâmica túrgica; houve a necessidade de compreender, mediante a realização de pesquisa de campo, a dinâmica do lugar social das religiões afro-indígenas no sentido de integrar elemento identitário negro; bem como perceber o espaço e compreender os movimentos de valorização da cultura e identidade negras foi um tópico sem o qual esta pesquisa não teria fundamento; buscando entender a dinâmica do Poder Público, buscou-se sumarizar os principais marcos legais que orientam a valorização da identidade e religiosidade negras buscando analisar sua eficácia quanto à aplicabilidade social no ramo da educação e; por fim, decidimos analisar discursos sobre os elementos constitutivos das religiões afro-indígenas pelos seguidores nas comunidades tradicionais.

Isto posto, o trabalho de inspiração metodológica qualitativa busca agregar conteúdos aliadas a uma análise das informações compiladas na fase exploratória em extensão e profundidade, tendo como instrumento de análise e categorização a análise de discurso. Neste sentido, trabalhar com a livre argumentação de cada entrevistado, permitindo sua expressão para que possa organizar seu pensamento no tempo que julga necessário e o deixando

confortável para expor seu ponto de vista é manter o compromisso ético de fazer emergir a necessidade individual de permitir a expressão dos sujeitos da pesquisa em compromisso com o desenvolvimento das atividades encampadas com todo arcabouço teórico pesquisado. A caminhada no sentido de fortalecer a identidade negra mediante o estudo e a adoção de práticas tolerantes do ponto de vista social, é uma necessidade que urge, em nosso País, por ser instaurada e isto se torna ainda mais sensível na área de concentração deste trabalho.

O universo da pesquisa

Como universo a ser pesquisado, escolhemos ir a campo para entrarmos em contato com os seguidores para poder ouvi-los em seu espaço de representações e, quando possível, estando no seu *locus* de prática. Conhecer, portanto, as casas de culto parecia ser parte importante nesse processo de recepção e captação de informações. Infelizmente não foi possível ir ao estado do Piauí para ver o ilê de Lívia, mas a entrevista, que foi realizada em uma sala do Departamento de Educação, fez com que ela rememorasse e descrevesse com muita tranquilidade as suas experiências religiosas. Essencial, ainda pensando nesse movimento de delimitação do universo da pesquisa é que onde há o axé, isto é, naquele espaço consagrado à prática religiosa como templo de oração e obrigações, as energias que emanam do local são especiais. Denotam a presença factual de um trânsito intenso das energias elementares. Não podemos deixar de indicar e fazer perceber que, em virtude de ser esta uma pesquisa de natureza qualitativa em que a entrevista é um dos instrumentos utilizados, a autorização prévia da veiculação dos nomes aqui neste trabalho, inclusive com o uso de pseudônimos, foi dada para os fins que esta pesquisa busca alcançar.

Poder conversar com Lívia e escutar com cuidado seus relatos, sua trajetória e sua percepção da religião de Umbanda Sagrada foi essencial à construção imagética da estrutura fundamental aqui desenvolvida na perspectiva da dialética inerente a esta religião. A passagem no Palácio de Yemanjá, a fim de realização de entrevista com Juliana Bison, que sempre traz inúmeros sentimentos com relação à história de resistência do candomblé e da força dos seus seguidores no Brasil deu novo ânimo a esta pesquisa e a este pesquisador. Ter o prazer de ir à Casa das Matas do Reis Malunguinho e poder conversar com Alexandre L'Omi L'Odò foi fantástico e sua simplicidade carregada daquela sabedoria calma e encharcada de toda história mística da tradição indígena e nagô, como bem me foi frisado, me fez despertar para inúmeras questões segundo as quais exigem-me mais atenção, estudo e respeito à tradição nagô pernambucana.

Sob esta condição, a observação dessa delimitação de sujeitos e espaços foi muito importante para que a pesquisa pudesse ganhar corpo e prosseguir. Escolhemos não apenas fazer uma análise bibliográfica, mas dar voz ativa às pessoas que compreendem a vivência da religiosidade tradicional, que sofrem diuturnamente a condição preconceituosa de uma sociedade que não aceita, grosso modo, a diversidade religiosa e a constituição do mosaico pluriétnico que caracteriza tão bem a realidade brasileira, construída ao longo de tantos séculos da história nacional. Poder ouvi-los foi, para mim, uma experiência ímpar que me transportou de maneira muito mais intensa para um cenário de lutas e indignações que sempre se fizeram presentes na minha vida para a construção de uma sociedade que alcance, através da educação, um patamar de respeito e amor.

Os sujeitos da pesquisa

Para que esse trabalho pudesse ser desenvolvido a contento, precisávamos definir quem seriam os sujeitos da nossa pesquisa de campo, isto porque, ao se trabalhar na atividade de pesquisa em educação, buscando o enfoque de levar em consideração a dimensão humanista de respeito às histórias e aos discursos emanados deles, precisávamos entender como os sujeitos entendem o mundo e se entendem nestas dinâmicas relações de poder que formam um imbricado sistema do tecido social que muito parece estar há tanto esgarçado pelas tensões provenientes de um *status quo* referenciado a algumas religiões e grupos socialmente privilegiados e transmitidos como herança de forma tão prejudicial. Levando-se em consideração o tema em tela, a religiosidade afro-indígena e o fortalecimento da identidade negra, precisamos manter contato com seguidores das religiões aqui trabalhadas, quais sejam, o Candomblé, a Umbanda e a Jurema Sagrada, em especial com os seus líderes espirituais. Esta escolha se deu, entre outros critérios, pelo que Frantz Fanon, no livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008) nos advertiu ainda na introdução:

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais.
 Não venho armado de verdades decisivas.
 Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais.
 Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.
 Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. (FANON, 2008.)

Na interação com esses sujeitos o conhecimento adquirido com os mais velhos acaba sendo ao mesmo tempo reverenciado e respeitado à medida em que se é compartilhado, inclusive com as revisitações e atualizações do pensamento, adequando a realidade aos preceitos de outrora. É, portanto, um elemento bastante importante em virtude dessa

organização de significados antigos em que os mais experientes dão suporte aos mais jovens. Elemento da condição de aquisição do conhecimento na tradição oral empreendida nas culturas africana e indígena que influenciaram grandemente a cultura brasileira.

Dos instrumentos da pesquisa e do método de análise

A arte de pesquisar exige a utilização de instrumentos que nos facilitem a consecução dos objetivos ali determinados. A nossa pesquisa foi concebida como uma imersão na literatura especializada como um artífice usa os escritos para ter noção de determinada construção a se fazer. Daí, surgiu a necessidade de ir a campo para que as informações coletadas na fase de referencial teórico pudessem ser aprofundada e personificada pelas experiências das pessoas envolvidas na dinâmica da realidade da vida. Neste sentido, acredito ser propedêutica a reprodução integral de poema de Olavo Bilac, por, em nossa visão, demonstrar um pouco deste trabalho de pesquisa:

A Um Poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplicio
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Em sendo a natureza desta pesquisa qualitativa, não caberia a força do apego a uma concepção eminentemente positivista, que silencia e trabalha no sentido da imutabilidade, distanciamento e frieza inerentes ao estudo de objetos. Buscou-se, a título de fundamentação de ordem metodológica desenvolver trabalho no sentido de uma perspectiva etnológica, conforme MICHALISZYN e TOMASINI (2009, pág. 50). Como técnica de pesquisa, escolheu-se a entrevista dirigida na modalidade semiestruturada. Em sendo a pesquisa executada com sujeitos, e não com objetos, propusemos a utilização de entrevistas semiestruturadas, para que, trabalhando com temas tão fluidos como identidade e religiões

afro-indígenas, pudéssemos ter uma percepção clara, envolvida em emoções e experiências de cada um dos entrevistados, levando em consideração que “o objeto das ciências sociais possui *consciência histórica*” (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2012, pág. 13) e, nessa perspectiva, a necessidade de fortalecer as bases científicas que dão ancoragem a esta pesquisa demonstram a preocupação que se deve ter ao se conduzir uma pesquisa científica com sua rigurosidade peculiar mas dando voz àqueles que foram sendo esquecidos. Como instrumento de análise das entrevistas, escolheu-se a análise de discurso porque conseguimos perceber as minúcias relativas às percepções idiossincráticas dos envolvidos por permitir uma análise mais sistemática, estabelecendo interrelações mais profundas e seguras ao redor do tema.

Capítulo V – Análise de dados: enegrecendo a discussão

Pensando na gama de informações disponíveis que tangenciam a questão da identidade negra em interseção com a própria noção da religiosidade tradicional, aqui denominada afro-indígena, embora seja relativamente fácil encontrar biografia disponível, em grande medida temos questões que ainda permanecem encobertas sob a carapaça da interdição, do medo (da pesquisa e da receptividade acadêmica) e da intolerância e, em certa medida, do sentimento de temor decorrente de inúmeros casos de violência contra os seguidores das religiões afro-indígenas, este trabalho se esquematizou de forma a dar vazão não apenas a uma necessidade acadêmica de produção de conhecimentos que, *per si*, já é importante mas é necessário. Bem, é importante saber que existe grande probabilidade da obtenção da informação apenas a espera de sua captação, categorização e análise, mediante trabalho de campo estruturado e devidamente conduzido mediante orientações metodológicas desenhadas ao longo do trabalho. Segue abaixo, quadro que relaciona as questões elencadas para a pesquisa de campo com os seguidores das religiões afro-indígenas e os objetivos expostos neste trabalho.

Questão

Objetivo correspondente

Questão	Objetivo correspondente
<input type="checkbox"/> Trajetória na religião	<input type="checkbox"/> Objetivo 5
<input type="checkbox"/> Fundamento/organização litúrgica	<input type="checkbox"/> Objetivo 1
<input type="checkbox"/> Relação religião e identidade humana	<input type="checkbox"/> Objetivo 3
<input type="checkbox"/> Elementos essenciais da definição de negritude	<input type="checkbox"/> Objetivo 3
<input type="checkbox"/> Influências da cultura afro-indígena para a cultura brasileira	<input type="checkbox"/> Objetivo 5
<input type="checkbox"/> Análise do caso jurídico do Juiz federal negando a característica de religião às religiões afro-indígenas	<input type="checkbox"/> Objetivo 4
<input type="checkbox"/> As relações entre as religiões e a lei 10.639/03	<input type="checkbox"/> Objetivo 4
<input type="checkbox"/> A escola e os seguidores	<input type="checkbox"/> Objetivo 2
<input type="checkbox"/> Preconceito religioso	<input type="checkbox"/> Objetivo 5
<input type="checkbox"/> A escola e as religiões afro-indígenas	<input type="checkbox"/> Objetivo 2

Este quadro-síntese nos mostra um panorama segundo o qual se organizou toda a dinâmica das relações encontradas ao longo da pesquisa de campo, dando margem a uma análise mais apurada, uma concentração de forças direcionadas à transformação das informações para que, em relação com a própria literatura especializada, possam dar conta de criar dados coerentes e inteligíveis. As categorias abaixo deram conta, ainda que parcialmente, das percepções básicas estruturais da análise mediante a percepção do discurso empreendido pelos sujeitos a fim de que pudéssemos extrair as informações e, de posse delas, construir os sentidos enunciados em correlação com o fortalecimento da identidade negra, ponto elementar desta pesquisa. Vejamos, portanto, a organização do trabalho.

<u>Categoria</u>		<u>Questão</u>	<u>Participantes da Entrevista</u>		
			<u>Livia Cristhina</u>	<u>Juliana Bison</u>	<u>Alexandre L'Omi L'Odô</u>
Caracterização dos terreiros (casas de culto)	Qual o nome do seu terreiro?	Ilê OyáTade	Palácio de Iemanjá. O Ilê Axé Yemanjá Sessu	Casa das Matas do Reis Malunguinho e Ilê Obá Ogunté (Terreiro de Pai Adão)	
		Onde ele fica?	No bairro do Itapiru, zona norte de Teresina.	Alto da Sé, sítio histórico de Olinda	Próximo ao Nascedouro de Peixinhos, Olinda.

<u>Categoria</u>	<u>Questão</u>	<u>Participantes da Entrevista</u>		
		<u>Livia Cristhina</u>	<u>Juliana Bison</u>	<u>Alexandre L'Omi L'Odô</u>
Informações pessoais quanto à percepção das religiões a que se vinculam e suas experiências na vivência social dos sujeitos	A que religião você se vincula?	Agora, eu me vinculo à Umbanda, mas já passei pelo Espiritismo, não me encontrei.	A duas matrizes: a matriz africana e a indígena. Ao candomblé e à Jurema.	Eu tenho dupla pertença religiosa ou tripla: Sou da Jurema, sou do culto nagô de Pernambuco, ou do Candomblé de Pernambuco. Sou também ateu, me considero ateu, mais por uma postura política contra o universo judaico-cristão ocidental, do que especificamente como uma prática de ateísmo. Ateísmo é apenas não crer nesse Deus. Sou Sanyasi, porque eu comungo e pratico a meditação ativa de Osho, porque faz parte do meu, da minha formação de vida, de fazer parte disso.

	<p>Como foi a sua trajetória dentro da religião?</p>	<p>Minha mãe sempre foi extremamente católica, de ir pra romaria em Canindé, e sempre negava esse lado dela. Ela sempre soube, mas ela nunca me disse. Eu descobri tudo há três anos, mas desde os doze que eu vejo, ouço, sinto; mas ela nunca me dizia o que era essas coisas, aí eu fui achando que era outras coisas aí juntou com a adolescência, início de depressão, mas ela nunca me falava o que realmente era. Aí há três anos, ela resolveu falar sobre o avô dela, que era pai de santo, e ofereceu ela, que ela era a primeira filha mulher, ofereceu para Iemanjá e ela herdou tudo que ele tinha e aí ela o andar dela. E agora ela tá se aceitando mais, ela ainda tem muita resistência. Ela vai ser mãe de santo, a pretinha dela já me disse, mas ela ainda tem muita resistência. Ela tem medo da família. Ela já teve mais, agora as pessoas têm medo, muito medo dela. Aí como eu tô longe, e a pessoa mais próxima dela sou eu, aí ela fica bem insegura, mas ela já tá batendo o pé, dizendo que toda quarta-feira ela tem que ir pro terreiro; todo sábado ela tem tambor e ela tem que ir, ela não pode se afastar que ela sabe que, se afastando, prejudica a ela e prejudica a mim.</p>	<p>Rapaz, eu acho que não foi, assim... Não sei se pode dizer trajetória porque eu já nasci, nem nasci aqui dentro, eu já vim antes de nascer. Eu cheguei aqui na barriga da minha mãe biológica, entendesse? E aqui nasci e aqui fiquei e cresci nesse meio, acreditando, né? Nem sempre a gente, isso acontece, né? Uma criança que cresce num meio religioso nem sempre fica no mesmo meio que cresce né, mas no meu caso eu fiquei porque eu gosto e porque eu acredito. Porque eu tenho motivos para acreditar, entendesse?</p>	<p>Bom, comecei com 13 anos de idade e comecei na Jurema, porque Peixinhos é um bairro muito ativo culturalmente, tem uma presença de várias manifestações culturais aqui muito fortes e que a gente aqui já nasce dentro da cultura então não foi diferente pra mim. Comecei aos 13 anos lá no terreiro de Dona Leide, Leide de Simbamba, que é minha madrinha de Jurema até hoje, foi ela que fez minhas primeiras iniciações na Jurema, e foi o mestre dela que disse que eu era filho de Oxum e que eu ia ser sacerdote um dia e assim o foi. Não foi Ifá que me falou que eu era filho de Oxum, foi a Jurema, o mestre Sibamba, né, então essa trajetória se consolidou naturalmente por conta da minha presença dentro da cultura, dentro da cultura popular, sobretudo através do balé afro Magê Molê, que foi a primeira atuação artística minha. Antes eu já era percussionista, já tocava, mas de participar de um grupo mesmo, foi nesse período. E aí passei por muitos grupos, muitas bandas, contribui com muita gente, me autoformei né, porque eu sou um autodidata, no ensino na língua, história e cultura ioruba. Eu ensino língua ioruba hoje em dia, eu sou professor, já dei cursos</p>
--	--	---	--	---

	<p>Já pertenceu a outras religiões? Se sim, qual(is)?</p>	<p>Já pertenceu ao Espiritismo, conforme dito na resposta à primeira questão desta categoria.</p>	<p>Não. Tenho formação, eu acho que como a maioria dos adeptos também do Candomblé e da Jurema, do povo de santo, né? A gente tem formação bem generalizada, por sinal, é uma formação católica. Todo mundo é batizado, comungado e crismado.</p> <p>Aí eu estudei em colégio de freira, fui</p>	<p>tanto aqui no Brasil como fora do Brasil sobre isso. Foi uma coisa que eu quis saber sozinho e acabei que consegui conseguir um patrimônio de bibliografia sobre o tema e estudar tudo isso, aprender. Não falo ioruba fluentemente, porque seria impossível, mas a gramática, o universo, a maior parte das palavras e faço tradução de letras de toadas também, né. Hoje passei, fui pra casa da minha mãe Lucia, passei 18 anos lá, foi ela que fez meu santo e depois sai de lá, depois de 18 anos, pra casa da minha mãe Lu, que também é Lúcia né o nome, Maria Lúcia Filipe da Costa, que é minha mãe Lu Omi T'Ogun, que é de Lemanjá-Ogunté, que é herdeira de Lemanjá-Ogunté do sítio de Pai Adão, é a trajetória da tradição mesmo, mais nagô daqui de Pernambuco. É a casa mais tradicional daqui.</p> <p>Nunca.</p>
--	---	---	--	--

			<p>batizada na Igreja Católica, fiz primeira comunhão e fui crismada. A formação é católica, mas a prática é só do Candomblé e da Jurema mesmo</p>	
	<p>Como você define sua religião?</p>	<p>É amor, caridade, fraternidade. É isso.</p>	<p>Do meu ponto de vista? Rapaz, é uma, eu como filha de santo adepta, num é, fiel e crente do Candomblé, eu acho que, eu enxergo muito como uma religião além de não ser cristã, né, ela é um pouco, não é que seja materialista, mas ela se preocupa com o agora, com o agora. O que importa é que você tá aqui, vivo, que você tem que alimentar a sua matéria e praticar enquanto a gente tá aqui, não se preocupa muito com o depois, com o além né, e, não sei se pela filosofia de vida, primitiva, porque querendo ou não é milenar, é uma prática milenar, tanto da parte indígena quanto da parte africana, mas eu enxergo como um patamar, com um patamar, com uma sabedoria. Uma crença que tem uma sabedoria ampla e, modestia à parte, assim, sem pretensão nenhuma, mas infinita. Assim uma sabedoria que todo dia a gente aprende.</p>	<p>Eu defino minha religião como a do acolhimento, a religião que me acolheu, que eu faço parte dela, eu sou ela. Eu sou minha religião! Entendeu? Eu SOU minha religião. Eu não sou dessa religião, eu sou minha religião. Porque ela está em todos os momentos da minha vida, totalmente. A minha religião ocupa 24 horas do meu dia, 24 horas do meu dia. Tudo que eu faço é em função da minha religião, todas as coisas, por incrível que pareça. Eu não recorro, na minha vida, de ter feito outras coisas desde que eu tomei mais consciência desse processo, que foi dos meus 13 anos de idade, eu muito jovem é que eu sou precoce mesmo, sempre fui. Sempre fui uma criança diferente do meu tempo porque comecei a minha espiritualidade com 7 anos de idade ou antes, lendo mão e botando carta sozinho. Fiz muito isso, coisa que até hoje eu faço sem ninguém nunca ter me ensinado. Então tudo na minha vida é pleno dessas coisas, porque sempre que estou dentro do recado dos meus orixás, sempre tô dentro</p>

	<p>Qual o fundamento da sua religião, ou seja, como ela é organizada?</p>	<p>Pra mim, eu vejo como caridade. Basicamente caridade, mas eu vejo muitas coisinhas no terreiro que eu frequento que eles levam mais para o lado do dinheiro. O pai é muito orgulhoso, porque o terreiro é famoso e vai muitas personalidades, muitas pessoas da alta sociedade. Ele é bem orgulhoso, cobra consultas bem caras às segundas-feiras, muitas coisinhas que ela [a mãe] não gosta e eu também não gosto. Pra mim, eu acho que você tem que ajudar, você tá aqui pra servir, você veio pra servir. E tem essas, esse lado dele de cobrar dinheiro que ela não gosta. Tanto que ele tava usando ela [a mãe], usando a pretinha dela que é muito boa. Quando tinha atendimento de preto-velho, a fila ficava enorme só na pretinha dela. E a pretinha percebeu e não desceu mais. E ela disse pra ele: só desço quando eu quero, e parou de usar ela. Porque ela [a mãe] tá hierarquicamente acima dele. Ele tem medo dela, medo dela sair. Já disse que nunca vai quebrar as correntes dela, mas eu sei que ela [a mãe] vai ter o terreiro dela. E o terreiro do pai dela tá lá né, ele já morreu há oito anos. Quando completou sete, tinha que fazer alguma coisa lá, desenterrar, não sei, uma coisa assim, com sete anos da morte. E ela ganhou a Nossa Senhora da Conceição que ele tinha. Que ele disse pra mulher dele que só era pra dar pro filho dele que seguisse a linha dele. Ele tem muitos filhos, seis, de várias mulheres</p>	<p>do recado da minha Jurema, tudo que eu faço, qualquer coisa, até essa entrevista.</p>
	<p>Rapaz, a gente diz que é uma religião com hierarquias, com cargos. Ela tá organizada em cargos na forma de clãs.</p>	<p>A nossa religião ela não é uma religião somente. Ela é uma tradição de matriz africana e é uma tradição de matriz indígena. Como já havia provocado Makota Valdina, tantas pessoas importantes, a própria Denise, tantas outras pessoas conhecidas sobre isso e a gente tem essa consciência de que nós somos uma tradição que vai muito além da religião. Nós fazemos parte da sociedade como um todo, temos uma presença na diversidade, na forma de ser desse mundo, então, nós somos uma tradição. Sendo assim, ela contribui fortemente na formação, né, cosmológica das pessoas que fazem parte dela porque ela muda seu paradigma de visão, ela muda seu campo de visão, na verdade, sobre o Universo. Ela tira você do Ocidente. Ela é a única religião dentro do Ocidente que consegue tirar você de dentro do Ocidente. Porque ela transporta você pra um universo completamente da religiosidade tradicional mesmo tendo elemento do cristianismo presente nela mas são elementos falsos do cristianismo, porque é transformado, a gente não pode</p>	

		<p>diferentes. Tem um que só trabalha com quimbanda; tem um que, que é o que eu mais gosto, que é um dos irmãos dela, que tem o mesmo nome do meu avô, que toca e tal, ele ficou até enciumado, porque ele não ganhou a Nossa Senhora da Conceição. Ela ganhou e ganhou todas, todos vestidos. Ele tinha uma linha de ciganos pesada né, a mulher dele deu pra ela todos os vestidos. E isso.</p>	<p>dizer que existe um cristianismo dentro da nossa religião porque não existe. O que existe é um elemento transformado do cristianismo na nossa religião. Transformados porque? Porque por exemplo na Jurema, Mãe Tamain, que seria a Deus, que a Jurema tem uma deusa, não tem que ser um macho porque a própria Jurema já é fêmea, é mãe Tamain. Mãe Tamain é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Só que não é Nossa Senhora da Conceição, é Mãe Tamain. É apenas o símbolo imagético usado nos altares por conta, de inclusive, o processo de perseguição dos terreiros que era importante você dizer que tinha um altar católico dentro de casa senão a polícia vinha e quebrava tudo. Ai você tinha que ter essas coisas, ai isso ficou no imaginário das pessoas, na memória das pessoas e isso tudo influencia, né, faz parte desse universo. Ela [a religião] ajuda muito as pessoas, porque, por exemplo, a nossa religião ajudou muito gente a sair das drogas, tira muita gente da fome, a tirar da miséria, arruma emprego pra muita gente, alimenta, nós fazemos de fato uma religião com uma tradição muito forte de alimentar, de cuidar, de</p>
--	--	---	---

			<p>acolher.</p> <p>Nossa religião é uma religião de pobres que estão nos recônditos, nos arrabaldes dos grandes centros à margem dos processos de inclusão social e que vem lutando através desses últimos 14 anos do PT, no Brasil para mudar essa trajetória. Na verdade, há muito antes mas teve visibilidade política e acesso a algumas coisas nesse período de gestão do PT, e isso tem que ser dito porque de fato nós tivemos um avanço e um acréscimo muito grande na nossa trajetória de vida, no Brasil, depois do PT na Presidência da República e essas religiões hoje têm uma inserção social mais revelada, mais posta publicamente, contudo ainda sofre profunda dificuldade e desqualificação em diversos âmbitos por conta dos sacerdotes e sacerdotisas que não têm acesso a políticas públicas de educação e saúde, etc. sendo assim, essas religiões elas acabam que querem e se mantêm suprindo as necessidades das políticas públicas. Eu costumo dizer que a</p>
--	--	--	--

	Para você, o que é ser	Eu acho que é mais do	<p>termos pra se identificar mas não deixa de ser uma coisa só que é o brasileiro. Ai contribui nessa forma de formar, de se identificar no seu próprio meio né, seja na igreja, na periferia, em qualquer meio que faça parte da vivência da pessoa em sociedade, família, que a gente chama antes coloridas, que eu tenho um irmão que é loiro, ai, não porque a gente também tem um termo que se usa muito que é assim, é um pouco infeliz, já foi um termo criticado: é dizer também que tem o pé na senzala como se fosse, é... Uma coisa pejorativa, mas não é o pé. Eu acho que todo mundo tem o sangue mesmo, né, num é nem a questão do pé. Até por causa dessa mistura do DNA, isso contribuiu na formação, porém, agora é que está contribuindo para a autoafirmação da gente num é, na autoafirmação, se identificar: não, eu sou negro e dizer: não, não sou espírita. Antigamente a mãe se dizia que era espírita. Não! Espiritismo é outra vertente. Uma filosofia de vida, né. É dizer: não, eu sou candomblecista e deixar de dizer que é pardo e dizer eu sou negro. Não tem essas denominações pra aliviar uma tensão até mesmo de não se reconhecer como tal, né, como negro. Acho que contribuiu bastante e vai contribuir, mesmo que demore, acho que mais uns 500 anos, né, pra a gente se reafirmar, mas deu um pulo, um salto acho que de, um salto grande, de uns 10 anos pra cá, pra a gente se reafirmar a partir dessa raiz afro-indígena. Contribuiu bastante, né?</p>	<p>muito bem centrado numa coisa chamada liberdade e respeito à diferença do outro. Tanto é que nossa religião é capaz de receber evangélicos, católicos, ateus, bandidos, heróis, qualquer pessoa independente da classe social porque o terreiro é simplesmente para acolher, e resolver os problemas, curar os problemas, as missões espirituais são pra isso. [...] Naturalmente ela fortalece sim a identidade, por que ela tem dança, tem característica linguística própria, tem língua própria, tem história própria, tem luta própria e tem uma forma de ser própria. Então, isso forma sim quem faz parte do Candomblé, não deixaria jamais de ser, não é uma pessoa igual às demais porque só o ato de você usar uma conta no pescoço, já é uma postura diferenciada nesse universo nosso que não usa conta no pescoço, usa gravatas ou colar de peruas. Mas uma conta de um orixá é uma mudança no comportamento social. Só um indício muito pequeno de como isso interfere na identidade das pessoas.</p>
	Eita. [Breve silêncio] Jonathan, num... A gente	Em primeiro lugar, pra mim, ser negro é você		

	negro?	<p>que o tom da pele. Eu acho que eu carrego toda uma história, toda uma ancestralidade e nós começamos tudo né? Eu me sinto tão negra, como me sinto tão índia, como branca também. Eu sou uma mistura de tudo. E sou negra num jeito como, ser negro ser só como a cor da pele. Eu me vejo como um ancestral de todo mundo, como as pessoas que realmente conhecem tudo desde a natureza e, é... tudo. Toda a espiritualidade, essa energia desenvolvida, que eu acho que tudo envolve energia, e é isso.</p>	<p>nunca, eu mesma nunca, eu dificilmente eu faço essa, essas indagações, assim. Porque isso já tá, já tá, infelizmente, já tá enraizado na gente. Botar o pé na rua e não poder sair caracterizado de uma certa forma por causa dos olhares, né, da intolerância. Caracterizada com a minha cultura, né. Que seja um colar, que seja um adereço na cabeça aí, assim, isso é ser negro. Não, eu acho que seria quase a mesma coisa de perguntar o que é ser branco pra você, mas o que é ser negro pra quem foi escravizado no caso, porque, quem sofreu a escravidão aqui, no Brasil, foi o negro né, se for pra outro país aí que os italianos, é um exemplo, que o branco foi escravizado, é mais pela questão histórica. O fardo de carregar o peso dessa ferida social que nem o judeu, por exemplo. Como os judeus sofreram, né? Entendesse? Aí, então, o que é ser negro, pra mim? O que é ser negra? Acho bem complexo, viu, disse, dizer assim, primeiro porque eu não acredito muito, infelizmente eu não acredito muito, não estou mais acreditando, no momento, mais Movimento Negro, eu prefiro dizer que eu sou uma negra em movimento, entendesse, do que o Movimento Negro. Até porque o Movimento tá falido aqui na região da gente, aqui em Pernambuco. Falido mas não assim, afundado, digamos assim, mas de certa forma um pouco defasado, desgastado por questões políticas, por questões sociais, questões econômicas, questões geográficas. Porque ser negro, ser negro, infelizmente é ser desfavorecido socialmente, desfavorecido economicamente, desfavorecido, inclusive, academicamente porque se eu tiver num curso superior. Eu faço faculdade, aí vai ter alguém com certeza, alguém na multidão, ou alguém no singular, no mínimo, mas com certeza, isso é no</p>	<p>compreender que você é negro, entender que você é negro, aceitar que você é negro. Em segundo lugar, ser negro é estar numa sociedade racista e perceber o que essa sociedade faz com você. Em terceiro lugar, ser negro é assumir o compromisso histórico de combater o racismo. O negro que não se compromete com isso ele não tá bem negro não, ele não é negro, talvez. E, em outras, em outros lugares a gente tem aí a questão de ser preto. Ser negro pra mim não é uma questão de ser preto, ser preto é muito importante nessa luta, ser preto na pele. É fundamental. Mas ser negro é mais do que isso. Ser negro é muito mais que ser preto na pele. É você ter consciência dos seus antepassados. Meu avô era negro, meu pai era negro, todo mundo era negro, e eu sou branco porque eu tenho a cor mais clara? Tem nem condições. Eu sou negro de cor clara. Eu sou negro da pele clara, somente isso.</p>
--	--------	---	--	--

			<p>plural. E que vai olhar pra mim e vai dizer, e vai se indagar: Eita, seria que tem cota, será que entrou por cota aqui? Ser negro é até nisso que é uma coisa que eu não sou contra, mas pela questão social, se fosse, tudo bem, a gente sofreu muito, não tem como reparar. O Holocausto nunca vai ser reparado e a escravidão também nunca vai ser reparada. Nunca vai ser reparada podem passar mil, dois mil anos, não tem como colocar políticas públicas imediatistas, que é a questão das cotas, pra resolver uma coisa que não se resolve assim, soltar uma bomba e tá tudo resolvido, distribuir cesta básica nos terreiros e tá todo mundo, tá tudo bem. Não tá tudo bem não, pow. Não está tudo bem. Não tem nada bem. Ai ser negro é botar o pé na rua numa caminhada de terreiro e as pessoas reclamarem: olha ai esse povo, esse bando de catimbozeiro parando a avenida por causa de bombo, entendesse, pra bater esses tambores ai. Ser negro é difícil. Sem vitimismo, porque a gente pode, o negro pode conseguir fazer uma carreira tanto acadêmica, uma carreira social digamos assim, né. Ser um cidadão muito bem sucedido da mesma forma que uma branca só que é mais difícil, querendo ou não, tem que reconhecer e frisar isso porque a gente sabe que se colocar duas pessoas negras, dois homens negros, de terno e gravata, colocar duas pessoas: um branco e um negro, de terno e gravata, vão achar que o empresário é o branco e que o negro é o segurança. Nunca, dificilmente 1% das vezes alguém vai dizer: Não, eu acho que o segurança é o branco, é o clarinho, é o gaiego de olho azul, entendesse? Que o advogado, que o doutor é o negão. Não, pô, a gente, em pleno século 21, com leis e mais leis e políticas públicas afirmativas e decretos, o estatuto de igualdade racial, pouca</p>	
--	--	--	---	--

			<p>coisa, infelizmente, mudou. Entendesse? Ser negro nos dias atuais, apesar de não ter mais... De ter mudado, a única diferença que tem é que a gente não vive na senzala, a gente é livre. A gente é livre, mas numa liberdade... [Interrupção da entrevista] Ser negro pra mim é alguém olhar pra mim e eu ficar com raiva porque a pessoa me pergunta porque eu não vou alisar o cabelo, entendesse? É alguém chegar pra mim, saber da minha religião e, com toda aquele impacto da curiosidade, dizer: e é, é? Mas tem esse negócio de galinha, entendesse? Você sente assim como um peixe fora d'água na sua própria sociedade né, que a sociedade é de todo mundo, entendesse? E você não se reconhecer junto com uma pessoa negra, por exemplo um policial negro tá revistando outro negro, estudante, mas tá revistando e não é com a desculpa de um padrão, de uma rotina, de um procedimento padrão, mas que não é padrão que ele, como policial negro, está revistando um estudante de mochila e caderno só porque é negro, porque se passar um playboyzinho com duas dólar na mochila, ele não vai revistar porque o playboyzinho é branco. É, ser negro pra mim, eu amo ser negra, mas é revoltante. Eu sou extremamente indignada com a questão do negro na sociedade. E de a gente ter esse problema de reafirmação já de não se, muitos, muita gente ainda não se reafirma, sabe? E isso é triste de saber: Ah, eu tenho uma, minha vó era negra, menina, se teu cabelo é crespo, se tu tem o nariz do tamanho do meu, entendesse, porque, assim, esse? Tais entendendo? Mas aí você não vai abrir a cabeça de ninguém e enfiar as coisas na marra né? Mas é, é um pouco complicado, delicado a questão a consciência do ser humano, né de criar um nível de consciência sobre si mesmo, sobre a sua identidade</p>
--	--	--	--

	<p>Qual a importância da cultura africana na relação com a cultura e sociedade brasileiras?</p>	<p>Carra, é quase berço né? A gente deve muito a eles. Todo sofrimento e essa maneira que eles foram trazidos até aqui ajudaram a construir nossa identidade. A gente deve muito. A gente deve toda aquela dor de cativo e</p>	<p>cultural, religiosa, né, até porque tem muito choque de realidade, a gente vê muita coisa na televisão, né, e quer ser praticar, o padrão que é, os padrões que são repassados pra gente através da mídia, né? Propagandas, tudo isso. Ser negro é maravilhoso, mas é difícil. Quer dizer que negro... O negro é o mais rápido. O atleta mais rápido, o homem mais rápido do mundo é negro, né? Olha aí, ser negro é uma maravilha. O rei do futebol é negro, o rei do pop também era negro, né. Ainda dizem que o rock, o rock n'roll nasceu nas plantações de algodão enquanto os negros cantavam colhendo algodão no Texas. Ainda tem essa questão. Ser negro é incrivelmente, é absurdamente incrível mas é complicado, é você lutar todo dia por um ideal pra se afirmar, se auto-afirmar todo dia de que a coisa é muito mais ampla do que as pessoas imaginam, do que a gente mesmo acha, né, a coisa é muito mais, mais, mais, mais concreta, não, muito mais ampla mesmo, do que a gente imagina, tanto na literatura, tem muita coisa da cultura negra que a gente desconhece né, o que a gente usa mas não sabe que, que é... Tem gente que é negro e não sabe que é também, né? Ainda tem esse, essa questão, esse nível de consciência.</p>	<p>Total. Nós estamos em todos os lugares dessa sociedade, com a arquitetura trazida pelos negros, com a marcenaria trazida pelos negros, com a agropecuária trazida pelos negros, com a língua, com a dança, com a forma de ser, com o imaginário, com a forma de fé trazida pelos negros e fortalecido pelos indígenas aqui também. Porque a gente não pode falar só falar de negros. Eu acho que</p>
--	---	--	---	---

	<p>No julgamento de uma ação civil pública proposta pelo</p>	<p>É... Eu acho que ele tá errado né? Eu acho que</p>	<p>Absurda, absurda. Com uma falta de argumento porque é um ser instruído, porém nem todo ser, nem toda criatura com um grau de instrução</p>	<p>quando a gente fala de negro a gente tem o compromisso também de, conjuntamente, falar de índio porque foram duas trajetórias de vida nesse universo brasileiro que se autoajudaram durante todo o processo, entender? Não existiria quilombo se não fosse o índio pra ensinar o negro a saber, a chegar numa vereda, a aprender a saber chegar nas matas que ele não conhecia, entender? O braço direito do negro sempre foi o índio e vice-versa. Só que hoje a gente não tem isso muito claro pra sociedade mas isso chama-se o efeito da borrachinha branca na nossa cabeça. Que o Movimento Negro cai muito nesse erro, né, de querer apenas centralizar todas as discussões no povo negro. E eu acho isso um equívoco porque nós fazemos parte do mesmo contingente de pessoas que foram massacradas e sofremos holocausto do mesmo jeito, então não tem que diferenciar, porque é negro fica mais no mundo urbano e o indígena mais no interior? Né, não pode, tem que saber equilibrar isso. Tirar a ideia da cabeça do pan-africanismo, daquela coisa que, do negro sendo apenas o protagonismo na luta social pelos direitos humanos, não é. Tem que se abrange os índios totalmente, não é <i>en passant</i> não, é totalmente. São parte da construção do que é Candomblé hoje. São parte e parte importante, né besteira não. As ervas que a gente usa dentro do terreiro hoje, todas, são todas da pajelança daqui. Então porque a gente vai dizer que não é?</p> <p>Isso aí é um completo despautério, uma ausência de saber, uma ausência de</p>
<p>aquela, todo banzo que eles sentiam da terra, e não poder cultivar seus orixás, sua religião, estar aqui. A gente deve muito, acho que a gente deve tudo. Tem uma música que toda vez que eu choro, toda vez que eu ouço eu choro que ele fala que ele lembra do tempo de cativo e ele não gosta de lembrar do tempo de cativo. Ah isso me dói tanto essa música. Parece que eu sinto, que eu tava lá, nesse ponto.</p>	<p>Pais, né. Só pelo fato de serem a quantidade de milhões de escravos, tinham época que tinha mais escravos do que habitante, que não tinha mais lugar pra colocar ninguém na senzala, imprensados, espremidos, não tinha. E contribuiu de tal forma que até hoje, tá aqui a gente né, um País miscigenado. E, assim, contribuiu na música, na dança, na comida, na religião, de todas as formas, todos lados, todos os ângulos, contribuiu pra formar a sociedade, a nação brasileira, junto com o europeu e junto com o índio também. É indiscutível isso, a gente nem, é nítido e não tem quem ache que tire ou nenhum pesquisador que questione isso porque é fato histórico. Eu acho que é isso.</p>			

<p>Ministério Público e julgada em 2014, o juiz da 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro afirmou que Umbanda e Candomblé não eram religião porque, nas palavras dele, “ambas manifestações de religiosidade não contêm os traços necessários de uma religião a saber, um texto base (corão, bíblia etc.) ausência de hierárquica e ausência de um Deus a ser venerado.” Como você avalia essa afirmação?</p>	<p>a gente cultua energias e coisas boas. Acho que ele não conhece. Acho que ele deveria conhecer pra dizer que não é religião, que eu acredito que seja uma religião e das melhores. Eu acho que todas são, todas tem uma mensagem a passar e eu acho que a minha é muito boa.</p>	<p>elevada, como de um juiz, né, tem sabedoria. Sabedoria é diferente de conhecimento, né? Uma pessoa simples aí tá a diferença: eu costumo sempre dizer isso, a diferença de uma parteira para um estudante de medicina, um médico recém-formado. Ela não tem o conhecimento, mas ela tem a sabedoria, ela tem a sensibilidade, o <i>feeling</i>, o tato de só em pegar, ela tem dom, talento e vocação enquanto o outro tem todo conhecimento, teve oportunidade de instrução, mas através da chance que foi dada a ele na vida. Talvez se não fosse essa chance, o indivíduo nem alfabetizado seria, quicá médico. Tanto é que tem, às vezes, absurdos profissionais, o cara é formado mais aí, alguém: Ai eu esqueci uma tesoura na barriga de alguém, né. Ai pronto, voltando: Ele é juiz né?</p> <p>Eu: É, juiz federal.</p> <p>J: Federal. (Risos). Qual a, o grau, primeiro, segundo, terceiro grau?</p> <p>Eu: Primeiro grau.</p> <p>J: Primeiro grau, né. Ai assim, Ele não, ele usou o argumento de que uma religião pra ser considerada religião, com essa palavra, é... tinha que ter um texto base, né? Ai quer dizer que as religiões agrafes, sem uma grafia, sem uma escrita, não é religião? Primeiro, eu nem sei também qual foi o texto, a peça dele de argumentação, mas até porque religião ele podia ter dado o significado. Religião significa religar né, é você se religar a algo desconhecido e superior, que está acima e que você</p>	<p>consciência, uma ausência de conhecimento absoluta e a pressuposição equivocada de uma pessoa que não conhece o campo, não conhece a religião, não conhece nada. Qualquer pessoa mais inocente, e olhe que é um juiz formado, pra você ver como são desqualificados os juizes a nível de conhecimento, eles tem talvez, talvez, eles tenham o conhecimento jurídico, talvez. Porque ser juiz não é sinônimo de sabedoria, não, pelo contrário. Ser juiz, no meu ponto de vista, é sinônimo de você ter costas quentes, que tem papai e mamãe branco que consegue fazer você juiz. Que consegue ter um amigo pra você passar num concurso. Somente isso. Num é questão de mérito não. Porque os brancos eles sabem armar muito bem pra se locupletarem, pra se elevarem, e fazem nós, pobres, de idióta, pra acreditar nessas besteiras deles, como se eles fossem alguma coisa de importante. Pra mim eles são um bando de merda porque eu converso com gente do Brasil inteiro, pessoas importantes, juizes, promotores, advogados, que é uma classe elitista, entender? E uma classe pobre de espírito, que eles não respeitam ninguém. Se acham superiores mesmo.</p>
---	---	--	---

			<p>tá buscando se religar com alguma coisa que você nem sabe o que é ainda, que você tá buscando saber o que é.</p> <p>Aí o camarada chega e diz um negócio desse, tudo bem. Eu acho um absurdo porque como é que você denomina, aonde é que tá escrito de que as práticas religiosas, as crenças que não tem um texto base não podem ser consideradas religiões, principalmente quando são milenares, que são costumes que não precisam de um texto, não é que não precisam, é que não precisaram de um texto-base para se reafirmar; se até hoje persistem no mundo, sem um texto, não tem ninguém que possa questionar isso. Não há um único ser humano, um único indivíduo. Ai o que é que a gente faz, vamos mandar ele pra Índia, né, onde não tem um texto-base, o hinduísmo lá né, e a gente não tem o que, muita coisa o que questionar. O hinduísmo não tem, budismo também não, né? Mas que são práticas, práticas religiosas e que ninguém questiona com tamanha prepotência e arrogância. Isso é, pra mim, uma expressão, é uma demonstração explícita de arrogância e ignorância. Tantos anos de estudo desperdiçados numa argumentação dessa. O camarada tem inteligência pra ser juiz, capacidade, ou seja lá o que, mas e qual foi o propósito? Porque ele tinha que, com que objetivo ele tinha que fazer essa... Entendesse? Que objetivo, com que propriedade, também, ele pode, ele pode julgar isso porque ele não é teólogo, ele é jurista.</p> <p>Eu: Foi uma ação proposta contra a Google© porque...</p>	
--	--	--	--	--

	<p>Como as religiões afro-indígenas podem contribuir para a inserção da história e cultura africana e indígena na escola?</p>	<p>Primeiro eu acho que infelizmente a gente não tem tantas pessoas capacitadas pra fazer isso, porque a gente, nós temos ótimos professores universitários, mestres e doutores em sociologia e antropologia aqui em Pernambuco, inclusive, Roberto Mota, na Federal, um dinossauro, tem outro professor que eu esqueci o nome, enfim, tem toda uma, tem Eduardo Fonseca também, tem todo um leque, mas precisamente para esse assunto específico, porém é amplo, a gente não tem pessoas academicamente falando, até porque, não é puxando a sardinha pro meu lado não, entendesse, mas eu acho que seria mais interessante de dentro pra fora essa passagem,</p>	<p>Bom, eu acho o seguinte: sabe-se, e é de direito saber, que o Candomblé, a Jurema e todas as religiões afro indígenas no Brasil, o Batuque, o Tambor de Mina, o Jaré, o Terekú, as demais manifestações elas são tradições orais, que contém história oral. Então ela tem um conteúdo intelectual dentro delas, histórico muito forte. Mas só que ele está dentro de uma forma de ser que é a tradição oral. Ela não é escrita, né, então a tradição oral ela contempla os diversos aspectos, como a dança, a culinária, a forma de ser, a forma de pensar, a forma de falar, de cantar, de comunicar, de contar história. Então é tudo pela oralidade: como eles se vestem, como eles se se sentem, como eles se veem, então ela tem um conteúdo intelectual dentro dela muito pesado, muito denso, e isso ajudaria muito as escolas a compreenderem a realidade do que é a tradição, sem, inclusive, falar de religião. Porque eu acho que pode fazer tudo isso sem falar da religião. Porque, por exemplo se a gente pode falar em Kronos, porque a gente não pode falar em Exú? É uma divindade de uma tradição do mesmo jeito que a gente pode falar em São Francisco de Assis. Entendeu? Estão todos no mesmo patamar de divindade. Agora as pessoas têm uma visão</p>
	<p>Primeiro eu acho que infelizmente a gente não tem tantas pessoas capacitadas pra fazer isso, porque a gente, nós temos ótimos professores universitários, mestres e doutores em sociologia e antropologia aqui em Pernambuco, inclusive, Roberto Mota, na Federal, um dinossauro, tem outro professor que eu esqueci o nome, enfim, tem toda uma, tem Eduardo Fonseca também, tem todo um leque, mas precisamente para esse assunto específico, porém é amplo, a gente não tem pessoas academicamente falando, até porque, não é puxando a sardinha pro meu lado não, entendesse, mas eu acho que seria mais interessante de dentro pra fora essa passagem,</p>	<p>J: Os vídeos dos evangélicos que faziam comentários pejorativos contra nossas práticas e contra nossas crenças. Escarneando né.</p> <p>Primeiro eu acho que infelizmente a gente não tem tantas pessoas capacitadas pra fazer isso, porque a gente, nós temos ótimos professores universitários, mestres e doutores em sociologia e antropologia aqui em Pernambuco, inclusive, Roberto Mota, na Federal, um dinossauro, tem outro professor que eu esqueci o nome, enfim, tem toda uma, tem Eduardo Fonseca também, tem todo um leque, mas precisamente para esse assunto específico, é específico, porém é amplo, a gente não tem pessoas capacitadas academicamente falando, até porque, não é puxando a sardinha pro meu lado não, entendesse, mas eu acho que seria mais interessante de dentro pra fora essa passagem, esse repasse do conhecimento de dentro pra fora e não de fora pra dentro. A gente fala de Pierre Verger, Roger Bastide, eles eram etnógrafos, né, pesquisadores europeus, brancos, franceses, eles não eram adeptos. Eles não eram nem historiadores, eram pesquisadores, etnógrafos mesmo. Tanto é que Pierre Verger depois passou a ser adepto até pra ficar mais fácil entender essa questão. É muito mais fácil tu pegar um indígena colocar na escola pra falar da cultura dele, colocar, formar academicamente esse indígena, tornar ele um educador do que tu pegar um educador, alguém de fora, que não conhece a cultura, e já tem essa dificuldade que não conhece, pode gostar, pode ter uma mente aberta, mas infelizmente é um pouco já tô, posso até ser tachada como estar discriminando, mas é porque a gente acha que é mais fácil, é bem mais fácil uma formiga falar do próprio formigueiro</p>	

	<p>esse repasse do conhecimento de dentro pra fora e não de fora pra dentro. A gente fala de Pierre Verger, Roger Bastide, eles eram etnógrafos, né, pesquisadores europeus, brancos, franceses, eles não eram adeptos. Eles não eram nem eram historiadores, eram pesquisadores, etnógrafos mesmo. Tanto é que Pierre Verger depois passou a ser adepto até pra ficar mais fácil entender essa questão. É muito mais fácil tu pegar um indígena colocar na escola pra falar da cultura dele, colocar, formar academicamente esse indígena, tornar ele um educador do que tu pegar um educador, alguém de fora, que não conhece a cultura, e já tem essa dificuldade que não conhece, pode gostar, pode ter uma mente aberta, mas infelizmente é um pouco já tô, posso até ser tachada como estar</p>	<p>do que você pegar outra pessoa e inserir e falar sobre aquele meio que ela não conhece. Tem os índios, mas isso é recente, dois dias, eles ficaram dois dias na Secretaria de Educação, lá na Varzea, pedindo e Isaltino fez uma pasta pra eles, fez uma Gerência se eu não me engano. Porque realmente eu não tiro essa, essa razão. Eles foram lá usando a razão de formar professores indígenas pra aplicar essa lei. Você não pode colocar um professor de geografia pra falar sobre Hampâté Bâ né, um escritor africano, tu num pode colocar um professor de matemática pra falar das batidas policiais né, alguém que não, falar das batidas policiais nos terreiros até os anos 70. Fica um pouco.. É uma questão de <i>feelings</i>, tanto que não é que a gente aqui tem esse projeto. Ai, assim, e eu não sou a primeira, não sei se tu já ouviu falar isso, mas muitas outras pessoas falam, tem esse ponto de vista também. Que é muito mais fácil você capacitar academicamente, que nem a questão, de novo, do médico e da parteira: ela não sabe a questão, ela não sabe a forma, como é que se diz, a forma técnica, mas ela sabe fazer. É muito mais fácil você pegar alguém que já sabe e só preparar academicamente do que você pegar alguém que não sabe e só é acadêmico. Vai terminar faltando de uma certa forma, vai ficar faltando, num sei se é tempero, vai ficar faltando, assim, sabe? Eu fui na, eu tive em Entre serras Pankararu, e tem essa questão de ter escolas indígenas, né, dentro das aldeias aí isso é muito importante. Seria muito bom, eu tava falando, antes da gente chegar, do projeto, tanto é que a gente não tem pessoas tão bem capacitadas pra ministrar essa Lei como educadores, né, pedagogos, que a gente tem turmas que vem pra cá, entender, pra gente repassar, fazer</p>	<p>completamente distorcida sobre as tradições, né. Acha que porque a gente tá falando aqui, já tá falando no diabo. A ignorância das pessoas é muito profunda. Então eu acho que pode contribuir sim. A nossa religião não tem tradição de proselitismo religioso, então, no meu ponto de vista, não tem perigo nenhum para as escolas se utilizarem dos conhecimentos afro-indígenas para fortalecer suas tradições, sua educação.</p>
--	---	---	--

	<p>discriminando, mas é porque a gente acha que é mais fácil, é bem mais fácil uma formiga falar do próprio formigueiro do que você pegar outra pessoa e inserir e falar sobre aquele meio que ela não conhece. Tem os índios, mas isso é recente, dois dias, eles ficaram dois dias na Secretaria de Educação, lá na Varzea, pedindo e Isaltino fez uma pasta pra eles, fez uma Gerência se eu não me engano. Porque realmente eu não tiro essa, essa razão. Eles foram lá usando a razão de formar professores indígenas pra aplicar essa lei. Você não pode colocar um professor de geografia pra falar sobre Hampâté Bâ né, um escritor africano, tu num pode colocar um professor de matemática pra falar das batidas policiais né, alguém que não, falar das batidas policiais nos</p>	<p>essa interação, interagir entre escola e não digo terreiro, mas o ponto de cultura. É bem mais fácil porque aqui a gente conversa, disponibiliza material e entra mesmo no assunto, entendesse? É dessa forma que eu vejo, que eu penso.</p>	
--	--	---	--

	<p>terceiros até os anos 70. Fica um pouco... É uma questão de <i>feelings</i>, tanto que não é que a gente aqui tem esse projeto. Ai, assim, e eu não sou a primeira, não sei se tu já ouviu falar isso, mas muitas outras pessoas falam, tem esse ponto de vista também. Que é muito mais fácil você capacitar academicamente, que nem a questão, de novo, do médico e da parteira: ela não sabe a questão, ela não sabe a forma, como é que se diz, a forma técnica, mas ela sabe fazer. É muito mais fácil você pegar alguém que já sabe e só preparar academicamente do que você pegar alguém que não sabe e só é acadêmico. Vai terminar faltando de uma certa forma, vai ficar faltando, num sei se é tempero, vai ficar faltando, assim, sabe? Eu fui na, eu tive em Entre</p>

	<p>Como a escola tem recebido os seguidores das religiões afro-indígenas?</p>	<p>Eu acho que eles aceitam muito mal, quando aceitam. Você sempre é tido de lado, no canto, porque é visto como diferente. Todo mundo acha que você tá cultuando o demônio.</p>	<p>serras Pankararu, e tem essa questão de ter escolas indígenas, né, dentro das aldeias aí isso é muito importante. Seria muito bom, eu tava falando, antes da gente chegar, do projeto, tanto é que a gente não tem pessoas tão bem capacitadas pra ministrar essa Lei como educadores, né, pedagogos, que a gente tem turmas que vem pra cá, entendeu, pra gente repassar, fazer essa interação, interagir entre escola e não digo terreiro, mas o ponto de cultura. É bem mais fácil porque aqui a gente conversa, disponibiliza material e entra mesmo no assunto, entendesse? É dessa forma que eu vejo, que eu penso.</p>	<p>De forma péssima, horrível, sempre vai ter algum... recentemente teve um caso de uma professora de dança, né, de uma casa conhecida, não sei se você sabe, Maria Helena, a filha dela tava fazendo essa questão, né, educadora social também, tava fazendo essa, ministrando aula mas na parte de dança, de expressão, de aula de arte e de expressão corporal, aula de dança e a diretoria, e ela foi, é... E a aula</p>	<p>Algumas escolas muito bem. Eu mesmo tenho tido diversas experiências importantes. Por exemplo, tive o prazer e a sorte, talvez, o presente ancestral de ter plantado o primeiro pé de Jurema numa escola pública do Brasil. Entendeu? Então isso pra mim foi muito especial porque deu noção de que a escola tá aberta mesmo tendo passado por um problema</p>
--	---	--	--	--	---

	<p>Todo mundo só acha isso. Ninguém vê, ninguém vai lá conhecer o que realmente é todo mundo já tem essa ideia na cabeça de que é e ponto final. Eu moro num apartamento com mais três meninas, as três são evangélicas. E ontem eu tava com uma camisa de Iansã e aí elas já me perguntaram duas vezes né, aí eu falei: Iansã é um orixá é o meu orixá e ela, no sincerismo, é Nossa Senhora da Conceição. Aí tem a oração dela (apontando para as costas), mas eu percebo que elas olham de lado, assim, de canto, mas eu não perco meu tempo não. Acho que elas tem a religião delas e eu tenho a minha, sou muito bem resolvida não vou ficar perdendo meu tempo achando o que elas pensam não. Elas não tratam, né. Eu, pelo menos, estudava numa escola católica e aí eu tinha que estudar e no final tinha que ir pra</p>	<p>dela foi repudiada, assim, violentamente, agressivamente repudiada na escola, a diretoria chamou ela e simplesmente, foi particular a escola, disse que não queria esse tipo de aula na escola porque não era, não era lugar pra dançar macumba, entendesse? Até hoje a gente vê, a gente ouve. É difícil, né fácil não! Se tivesse também alguma fiscalização do Ministério Público, principalmente em escolas particulares, né, porque elas são mais autônomas, elas são mais independentes, digamos assim, elas têm o seu próprio corpo docente, né, que ela mesma administra. É o famoso pagou, calou. Pagou, calou. Assim, apesar da decadência que é o ensino, que a educação pública tem, que a gente tem na educação, pelo menos a gente pode, a gente está ali perto, tá ali vendo né e sabe que tá ruim, mas a gente tá ciente mas e nessas escolas particulares que a gente não sabe como é que tá, como é que, com que formação as pessoas, os jovens tão saindo do Ensino Médio. Com que cabeça, se bem que eu tô vendo bem mais, muito os adolescentes com as cabeças bem mais abertas do que os do nosso tempo, há uns 10, 20 anos atrás. Aí a recepção, eu mesmo sofri preconceito na escola e eu acho, eu vejo ainda escolas, jovens da religião, gente, filho daqui de casa, crianças que tem aqui, adolescente, eu já vi adolescente e que era motivo de chacota na escola, entendesse, por causa disso, a gente trabalhava ele, todo o psicológico pra poder ele se preparar e saber argumentar e se defender, né, mesmo, porque o mundo é cruel, ninguém quer saber não. A gente sabe que <i>bullying</i> acaba com a gente, né, a gente quando é criança não tem essa capacidade. É difícil a criança ter o... conseguir se defender sozinha. Quando ela consegue, tá tudo bem, quando ela consegue bater à altura, mas</p>	<p>grave por parte do Estado, que não queria deixar que acontecesse, quis intervir em cima da hora, que protestou e tal, mas a gente fez. A gente tem avançado dentro das universidades, dentro das escolas, dentro de tudo, a gente tem avançado. Então eu acho que as escolas estão aprendendo a receber bem, com exceção de quando a escola tem algum gestor ou gestora evangélico, né, radicalista. Aí encerram-se todas as possibilidades da gente estar construindo alguma coisa, apenas por conta da intolerância religiosa. Mas recebem bem sim. Pelo menos tem recebido nos últimos anos, viu. Nos últimos 10 anos, tem recebido bem e tem ficado melhor a cada ano que se passa porque a gente tem feito trabalho sistemático que está se fortalecendo. Então, quanto mais pessoas sabem, quanto mais pessoas reconhecem, mais vai ser bem recebido.</p>
--	--	--	--

	<p>Qual a importância da vivência religiosa para a formação da identidade humana?</p>	<p>capela. E aí eu tinha que decorar umas orações que eu nunca tinha ouvido na vida. Eu não gostava das aulas de capela, não. Era aquela coisa obrigatória. E aí, quando você lia alguma coisa sobre essas religiões africanas era no livro de História, e era tudo muito resumido, quando falava no tempo da escravidão, que eles cultuavam os orixás e se baseava só nisso e você não tinha muito contato não e eu nunca tive professor que falasse sobre isso não. Era tudo muito rígido, muito sério. Nunca tive não, esse contato. Nas escolas não que eu passei, que eu estudei</p>	<p>quando ela não consegue, você tem que dar um norte.</p> <p>Mentiro, eu acho que, independente de qualquer crença, é... É porque tem gente que não tem essa vivência, né? E mesmo assim, os indivíduos que não tem a vivência religiosa muitas vezes não são... São indivíduos com a conduta positiva, né, mas a meu ver, na minha opinião pessoal de que a vivência religiosa melhora, né, melhora consideravelmente a capacidade do ser humano de se conhecer melhor, sabe? De se identificar, também, no meio em que vive. É importante.</p>	<p>A nossa religião ela não é uma religião somente. Ela é uma tradição de matriz africana e é uma tradição de matriz indígena. Como já havia provocado Makota Valdina, tantas pes soas importantes, a própria Denise, tantas outras pessoas conhecidas sobre isso e a gente tem essa consciência de que nós somos uma tradição que vai muito além da religião. Nós</p>
--	---	---	---	--

		<p>que as pessoas normais tinha explicação que até então eu não sabia, eu sentia coisas, assim, que todo mundo achava que era exagero: - "Nossa como tu tá exagerando, uma coisa tão simples" mas pra mim não era, era muito mais intenso mais forte pra mim esse negócio. Eu me lembro que quando eu comecei a ter pressentimento de morte era horrível. Eu sabia que alguém ia morrer, mas eu não sabia quem era. Ai eu ficava muito ruim, muito ruim, e depois que eu sabia que a pessoa morria, passava. E aí quando eu comecei a estudar e a ler, frequentar, eu me sinto bem melhor. Eu sei que eu pertença àquilo, aquilo faz parte de mim. E vai chegar uma hora que eu vou ter que assumir o que eu realmente sou: ter que botar saia e ter que bater ponto. Por enquanto eu ainda não entrei na gira não, mas sempre que eu</p>
<p>Apesar de ter lido muito Nietzsche, o Anticristo inclusive, em que ele diz que a religião é só um cabresto né, pra manter a gente, o ser humano na linha. Não deixa de ser também, né? Na minha opinião, apesar de, parece contraditório né, mas é porque eu sempre tendo ver os dois lados, entendesse? Os dois lados da moeda, os dois lados de tudo, das coisas. E assim, pra mim é importante, nem que seja uma filosofia de vida. Não uma prática religiosa em si, mas uma filosofia de vida baseada numa crença que seja positiva, que ajude o indivíduo, o ser humano nesse sentido dessa questão de ser mais humano, de ser mais humanitário. É desse jeito.</p>	<p>fazemos parte da sociedade como um todo, temos uma presença na diversidade, na forma de ser desse mundo, então, nós somos uma tradição. Sendo assim, ela contribui fortemente na formação, né, cosmológica das pessoas que fazem parte dela porque ela muda seu paradigma de visão, ela muda seu campo de visão, na verdade, sobre o Universo. Ela tira você do Ocidente. Ela é a única religião dentro do Ocidente que consegue tirar você de dentro do Ocidente. Porque ela transporta você pra um universo completamente da religiosidade tradicional mesmo tendo elemento do cristianismo presente nela mas são elementos falsos do cristianismo, porque é transformado, a gente não pode dizer que existe um cristianismo dentro da nossa religião porque não existe. O que existe é um elemento transformado do cristianismo na nossa religião. Transformados porque? Porque por exemplo na Jurema, Mãe Tamain, que seria a Deus, que a Jurema tem uma deusa, não tem que ser um macho porque a própria Jurema já é fêmea, é mãe Tamain. Mãe Tamain é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Só que não é Nossa Senhora da Conceição, é Mãe Tamain. É apenas o símbolo imagético usado nos altares por conta, de inclusive, o processo de perseguição dos terreiros que era importante você dizer que tinha um altar católico dentro de casa senão a polícia vinha e quebrava tudo. Aí você tinha que ter essas coisas, aí isso ficou no imaginário das pessoas, na memória das pessoas e isso tudo influencia, né, faz parte desse universo.</p>	

		<p>vou falar com um preto-velho eles me perguntam porque que eu ainda não botei uma saia. Mas eu tenho medo ainda. Eu fiquei até com medo da minha mãe um tempo porque a pretinha dela perguntou porque eu era uma médium muito boa, aí ela via aí ela via não, ela lê pensamento e o meu aí eu ficava com medo mas já passou, mas eu gosto. Eu me aceito mais do que ela. Eu gosto muito.</p>		<p>Ela [a religião] ajuda muito as pessoas, porque, por exemplo, a nossa religião ajudou muito gente a sair das drogas, tira muita gente da fome, a tirar da miséria, arruma emprego pra muita gente, alimenta, nós fazemos parte de uma religião com uma tradição muito forte de alimentar, de curar, de acolher. Então os terreiros, não deixa de ser o hospital do Nordeste, o hospital dos pobres. Quando falta a política pública, são os terreiros que suprem as necessidades das comunidades pobres, porque muita gente chega aqui pedindo orientação espiritual, pedindo orientação psicológica, pedindo orientação para curar doenças físicas, das mais diversas e as espirituais, naturalmente. Então nós suprimos as dificuldades quando o Estado falta com a política pública, a gente recebe.</p>
--	--	--	--	--

Análise de dados

Conforme é possível depreender das entrevistas com Livia, Juliana Bison e Alexandre L'Omi L'Odò o movimento de valorização da identidade negra através do amparo da religiosidade tradicional, traz consigo um elemento forte no que se refere à construção da identidade, em especial à identidade negra. Esse processo, via de regra, tende a se chocar com inúmeras outras identidades de pessoas que, envolvidas num universo de alteridade, às vezes embebidos em inúmeros preconceitos, procuram silenciar as expressões das religiões afro-indígenas sob o pensamento de que são religiões inferiores, como foi marcadamente expresso na fala de Juliana Bison, ao se referir ao “demônio”, de tal maneira que se busca reduzir a importância dos referenciais das culturas negra e indígena. Isto se dá porque é com a visibilidade positiva incidindo em maior nível sobre a percepção do arcabouço histórico, sociológico e cultural que essa assunção dar-se-á de forma mais efetiva à medida em que permite uma valorização interna que não necessariamente exige a atuação do outro como elemento promotor ou catalisador desse processo. Dentro da nossa sociedade, em que a história exterminou boa parte dos sujeitos e da cultura deles, essa análise conjuntural é de fundamental importância isto porque reloca esse posicionamento substabelecido das culturas negra e indígena, que são complementares, para nossa formação identitária e histórica, entre si, não apenas pelo lapso temporal em que foram impostas duras penas, castigos diversos de dores, de resistência e lutas, mas por compartilharem de um universo ecologicamente organizado e pensado para as gerações vindouras perante um esquema axiológico válido não apenas à posterioridade, mas num verdadeiro legado deixado pela ancestralidade que merece a observação e o respeito conforme seja a lógica afro-indígena.

Os silenciamentos que as entrevistadas denunciam, e, no caso de Livia, a relação com pessoas com quem divide seu apartamento nos dão uma pequena medida do que é esse sistema opressor que congrega uma série de elementos culturais, como idioma, religião, etc., para a implantação de um sistema múltiplo em que haja uma cooperação. Que a diferença passe a ser vista como fator positivo e não como elemento de sobrepujança e asfixia cultural. Importante salientar, da fala de Juliana Bison, a questão do misto de valorização da identidade negra e as pressões externas no sentido de tentar não deixar emergir essa identidade de forma pública, principalmente quando se fala em relação à utilização de suas roupas ritualísticas em espaços não-litúrgicos, muitas são contendas e, ainda que no espaço litúrgico, temos sabido que atos de depredação de ilês, ameaças e violência gratuita aos seguidores ainda é uma

prática. Como foi bem colocado é uma relação dúplice essa de ser negro: é um prazer (re)nascer negro, afirmar-se, confessar-se seguidor das religiões afro-indígenas, mas é também um desafio, é doloroso, é penoso, é causticante visto as agruras impingidas ao povo negro.

Essas questões de ordem subjetiva, que mais parecem ser parte de uma superestrutura se coaduna à vivência do racismo e das inúmeras expressões de preconceito na sociedade brasileira. Em suma, a informação, a produção, e a conscientização fazem parte desse processo formativo para a cidadania e a pluralidade e, só através da convivência pacífica, amparada por um sistema educacional que permita a reflexão e posterior quebra de paradigmas é que podemos galgar trechos mais equânimes e propor realidades mais efetivas no combate às intolerâncias e racismos na sociedade. Mediante todo arcabouço desenvolvido ao longo da pesquisa, é possível perceber a relação de não pertença estabelecida pela sociedade com os seguidores das religiões afroindígenas, de uma forma geral, mas também se pode perceber a resistência que desempenham essas religiões na construção e valorização perante a sociedade dessa identidade negra. Isto se dá mediante uma relação dúplice estabelecida quando da tomada de consciência da sua pertença etnicorracial, e do correlato movimento de resistência empreendido por aqueles que se autoafirmam frente a uma sociedade que não os recebe com a devida dimensão.

A educação antirracista que deve ser empreendida para que a sociedade possa desenvolver-se centrada na relação de proximidade, em consonância com os valores da pluralidade e da convivência pacífica, nos faz repensar toda a estrutura das relações etnicorraciais e das relações de poder estabelecidas dentro da própria sala de aula que retumbam no currículo, na prática pedagógica, nos programas, projetos e na própria bibliografia que o professor adota como sendo ponto de partida desta realidade plural. Nesse sentido, as posturas pedagógicas de tratamento de informações, de valorização da diversidade e da percepção amorosa das diferenças se constituem como elementos centrais em que as religiões afroindígenas são alicerces desta nossa construção coletiva denominada Brasil. Esse introito nada mais é do que a necessidade de acolhimento das populações e setores excluídos visando a dar-lhes a reparação mínima, na forma de respeito à diferença e valorização das características socioculturais, econômicas e antropológicas, percebendo que, neste jogo, as identidades desempenham papel de fundamental importância ao desvelar em muitos discursos as intenções de natureza danosa, asfíxiante, e permitir o florescer de uma realidade menos

causticante em que a causa primária de toda educação seja a valorização das realidades dos distintos sujeitos no mundo.

As leis, educacionais e gerais, nos dão medida da força de nossas tradições que necessitam da devida dimensão em relação à vivência desta visão inclusiva. A religião, embora não seja pauta essencial na relação de conteúdos escolares, passa por uma relação do ser humano com o divino e, de forma mais transcendental, do ser humano com a sua própria essência, restituindo a busca pelo que se foi perdido não apenas num sentido metafísico, mas no que ele busca dentro de si, são seus sonhos, aspirações, são suas práticas ressignificadas e suas relações definidas neste intenso trânsito de coisas e pessoas numa sociedade que, cada vez menos, tem se preocupado com os valores e tendido a valorizar as coisas. Estabelecer uma educação que valorize as dimensões emocional, social e espiritual, mediante uma prática holística é, antes de tudo, um compromisso com a instauração de um ser completo em sua psicogênese e relações sociais estáveis e seguras. Para que um dia consigamos alcançar esse objetivo de vida, é preciso, obviamente, romper com o padrão de ensino e vida predominantemente judaico-cristão e permitir o aflorar de uma educação que não priorize quase que unicamente as dimensões da intelectual e da técnica em detrimento das dimensões afetivas, sociais e espirituais, tão caras e negligenciadas com muita habitualidade na dinâmica social.

Considerações Finais

A identificação com a negritude é um elemento, no mais das vezes, perpassado por estigmas e silenciamentos e, quando este processo se torna mais intenso mediante a assunção de uma identidade religiosa em cuja ascendência enraíza-se nas matrizes afro-indígena, comporta-se duplo grau de vulnerabilidade em virtude de uma seccionalidade forte nas sociedades ocidentais porque mantém, via de regra, um forte à influência europeia e não reconhece o cabedal de conhecimentos, práticas e experiências decorrentes da vivência de um grupo étnico em cuja influência na religiosidade tem se dado de forma tão rica e avançado para a construção dessa realidade plural. As violências, físicas e simbólicas, parecem ainda resistir, ainda que todo um ordenamento jurídico tenha sido montado objetivando o combate às discriminações e ao racismo, tem como problema fundamental a relação conflitiva de definição de valores mediante posturas afropositivas ou afronegativas, vinculados à percepção que cada cidadão ou cidadã acaba fazendo uso.

Empreender o que denominamos de postura afropositiva incorre necessariamente indica, em consonância com as Leis, em especial àquelas que se interpenetram com a dimensão educativa, a permissão de uma postura ancorada à noção de uma educação antirracista que dê ao sujeito elementos de tomada de decisão consciente, permitindo-lhe aguçar a percepção sobre as realidades múltiplas e presando por uma postura em que se possa ter a escola e a educação formal como espaço segundo o qual se pode empreender debates que esclarecem inúmeros problemas, como a existência dos diversos preconceitos, os racismos, as intolerâncias direcionadas tão largamente aos povos negros e indígenas. Por obvio a atuação em esferas de exercício em espaços não formais, como projetos educativos e outros projetos de intervenção em nosso estado, demandam antes de tudo bastante engajamento, criatividade e sensibilidade, já que a posição habitual do não-lugar acaba por se refletir numa identidade via de regra fragmentada e sofrida.

A educação (especialmente a formal, por se tratar de um modelo que ocupa posição de prestígio) dá fortes instrumentos de modificação de realidades opressoras, e consegue minar aos poucos esse sistema de falsa integração existente entre as pessoas que muito mais intensamente busca dar visibilidade a um grupo de eleitos socialmente como valorados e renega à obscuridade das políticas de assistência (quando muito) outros tantos outros que necessitam também desse papel positivo do Estado frente à necessidade de inclusão social de fato, já que o direito lhes é enunciado em alguns diplomas normativos. Essa questão exige do

educador uma abertura para a organização das premissas essenciais ao estabelecimento de uma democracia de fato, a participação efetiva do povo na tomada de decisão, de consciência e na percepção de que é possível mudar desde que haja não apenas um compromisso individual de um profissional mas a coletividade envolvida com as práticas antirracistas em que a educação desenvolve função especial à organização das estruturas de tolerância, respeito e carinho com os seguidores das religiões afro-indígenas. Não é uma tentativa de tornar o Estado Brasileiro confessional, mas de dar às populações alijadas a possibilidade de tomarem conta desses espaços de poder que lhes foram tão usurpados e perceber a necessidade de libertação de inúmeros grilhões impostos tão duramente a essas populações. A Educação deve, neste sentido, configurar um caminho a ser trilhado para além do mero cumprimento da Lei, passando a ser o instrumento de uma sociedade preocupada com a relação de igualdade existente em todo contexto de lutas e resistências.

A educação antirracista, em especial ao que tange à valorização das religiões tradicionais, permite que os sujeitos que são colocados para escanteio no jogo da vida cotidiana possam empoderar-se e, desta forma, mostrar como, na arena das identidades, a pluralidade se constitui como fator essencial à percepção de elementos da nossa cultura e do nosso mosaico étnico que compõem esta nossa realidade. É através da compreensão da necessidade de caminhar sempre juntos, conviver, de fato, que torna a filosofia de vida dos negros e indígenas (e de seus descendentes afirmados) uma filosofia em que os elementos centrais consistem na cooperação. Em valores de transcendência e de colaboração. Essa vivência nos exige sairmos das caixas e zonas de conforto, porque a empatia é o elemento central dessas vivências e a significação da educação só se pode processar onde a afetividade e a empatia são geradores de práticas plurais que percebem nas diferenças possibilidades de construção de uma sociedade mais justa, pluralista e igualitária. Essa é uma luta que dá força à educação, é por ela ressignificada e passa a ser o *start* de um movimento muito maior de valorização das identidades que convivem em nossa sociedade. Como bem disse Paulo Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. É desse protagonismo, que é negro, que é indígena, que é de todos e todas, na construção de um mundo melhor. A educação precisa ser encaminhada para a pluralidade dos sujeitos e das práticas essenciais a um mundo melhor.

Ademais, reforçando o pensamento da condição de inacabamento e inesgotabilidade do tema nos surgem muitos temas que, esperamos nós, permitam o desenvolvimento de pesquisas futuras para que a prática inclusiva através da valorização da diversidade possa

ocorrer mediante observação das disposições legais nos marcos mencionados ao longo do texto. Desta forma, pensar a formação (inicial e continuada) de profissionais em especial da Educação, já que constitui um campo de investigação e atuação deveras controverso considerando a dimensão escolar e extra-escolar que esbarram em valores pessoais e tomados como roteiros éticos expressos na vida pública e privada através do uso da moral.

Promover formações em que se permita às pessoas ter um contato, preferencialmente empírico, de natureza qualitativa permite balizar a empatia e estimular o senso crítico que permite o estabelecimento do fenômeno de valorização da diversidade e das experiências religiosas como sendo um caminho de combate à intolerância. Este fator dependerá de concepções teórico-metodológicas que deverão dispensar grande parte de seu debruçamento sobre as noções de currículo, prática pedagógica, formação docente, identidade docente, gestão escolar e coordenação pedagógica além, claro, da adoção de outros tantos assuntos que mantém intricada relação e proximal necessidade de pesquisa a fim de tornar essas incoerências fartamente conhecidas, na esfera da educação privada ou pública.

Referências

- ABREU, Marta e MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”:** uma conversa com historiadores. 2008. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1291>>. Acessado em 16/03/2016.
- ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres:** A tradição da jurema na umbanda nordestina. 2010. Rio de Janeiro: Pallas.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O essencial do candomblé.** 2011a. São Paulo: Universo dos Livros.
- _____. **Curso essencial de umbanda.** 2011b. São Paulo: Universo dos Livros.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988.
- BRASIL. **Lei Federal nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN).** 1996.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.639 (História e Cultura Afro-Brasileira).** 2003.
- BRASIL. **Lei Federal nº 11.645 (História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena).** 2008.
- BRASIL. **Lei Federal nº 12.288 (Estatuto da Igualdade Racial).** 2010.
- D'OGUN, Saul. **Umbanda: Um encontro da diversidade racial.** 2011. 1ª Edição. São Paulo: Ícone Editora.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** 2008. Salvador/BA: EDUFBA.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 2008. (Coleção Leitura – edição especial) São Paulo: Paz e Terra
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 2014. Rio de Janeiro: Lamparina.
- LIMA, Jonathan Reginnie de Sena Lima. **RELAÇÕES ETNICORRACIAIS, CONSTITUCIONALISMO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS:** Desconstituindo mitos e legislando para a justiça social. 2014. Disponível em: <<http://docslide.com.br/law/relacoes-etnicorraciais-constitucionalismo-e-politicas-afirmativas-desconstituindo.html#>>. Acessado em: 29/04/2016.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** 2015. 2ª Edição. Rio de Janeiro: EPU.
- MESSIAS, Elizama Pereira. **Educação das relações étnico-raciais: Ações na cidade do Recife, trajetórias e contradições na luta pelo reconhecimento da população negra.** 2010. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- MINAYIO, Maria Cecília de Souza (org.) DESLANDES, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 2012. 32ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MISCHALISZYN, Mario Sergio e TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: Orientações e Normas para Elaboração de Projetos, Monografias e Artigos Científicos.** 2009. 5ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?** 2012. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/358/235>>. Acessado em 16/03/2016.
- NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas Religiosas da Identidade Negra no Brasil.** 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/grem/AlessandraArt.pdf>>. Acessado em 16/03/2016.

OLIVEIRA, Alexandre Alberto Santos de (L'Omi L'Odò). **“A Jurema Manda!” A Jurema Sagrada e sua decisiva representatividade territorial em Recife e Região Metropolitana.** 2012.

_____. **Teologia da Jurema. Existe alguma?** 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1083-1106.pdf>>. Acessado em: 29/04/2016.

_____. **Malunginho: um pressuposto juremólogo de história oral** 2016.

OLIVEIRA, Altair (T'Ògún). **ELÉGÛN: Iniciação no Candomblé - Feitura de Ìyàwó, Ogán e Ekéjì.**

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: Uma análise histórica da construção de uma religião brasileira.** 1ª Edição. Limeira, SP: Editora do Conhecimento.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2012. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

OLIVEIRA, Rosalira Santos. **Guardiãs da identidade? As religiões afro brasileiras sob a ótica do movimento negro.** 2011. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1424/760>>. Acessado em 16/03/2016.

_____. **Religiões afro-brasileiras e identidade negra: construindo a etnicidade.** 2012. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT21/GT21_dosSantosOliveira.pdf>. Acessado em 16/03/2016.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** 2001. 17ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTIAGO, Eliete; SILVA, Delma e SILVA, Claudilene. **Educação, escolarização & identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE| UFPE.**

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religião e identidade cultural negra: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais.** 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/36804/39526>>. Acessado em 16/03/2016.

VIEIRA, Andrea Lopes da Costa e SILVA, Adriana Maria Braga Botelho e. **Estudos acerca da identidade negra afro-religiosa na Baixada Fluminense: a construção histórica de uma relação entre identidade, reivindicação política e religião.** 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300929473_ARQUIVO_textoAdrianaeAndrea.pdf>. Acessado em 16/03/2016.

Apêndice A: Protocolo de entrevistas**PROTOCOLO DE ENTREVISTAS**

Prezado informante,

Ao responder as perguntas abaixo você estará participando do trabalho de pesquisa da monografia do graduando Jonathan Reginnie de Sena Lima, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Botelho no curso de Licenciatura em Pedagogia ofertado pelo Departamento de Educação (DEd) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A presente pesquisa foca na relação existente entre as religiões afro-indígenas e o fortalecimento da identidade negra, no trabalho intitulado “As religiões afro-indígenas e o fortalecimento da identidade negra nas comunidades tradicionais: um recorte da Lei 10.639/2003 e 11.645/2008.”

Nome: _____ Idade: _____

Cor: _____ Religião: _____

Formação: _____ Profissão: _____

Estou ciente de que as informações por mim prestadas serão utilizadas para compor parte do trabalho desenvolvido como dados de pesquisa.

Gostaria de ter pseudônimo? () Não () Sim Qual? _____

Recife, ____ de _____ de 2016.

Assinatura: _____

Apêndice B: Roteiro de Entrevistas semiestruturadas

Roteiro de entrevista semiestruturada

Dados Preliminares:

Nome:
Sexo:
Idade:
Escolaridade:
Profissão:

Dados para a entrevista

- 1- Qual o nome do seu terreiro?
- 2- A qual religião você se vincula?
- 3- Como foi a sua trajetória dentro da religião que você professa?
- 4- Já pertenceu a outras religiões? Se sim, qual(is)?
- 5- Como você define sua religião?
- 6- Qual o fundamento da sua religião, como ela está organizada?
- 7- Qual a importância da vivência religiosa para a formação da identidade humana?
- 8- Como as religiões afro-indígenas influenciam na percepção do fortalecimento da identidade negra?
- 9- Pra você, o que é ser negro?
- 10- Qual importância da cultura africana na relação com a cultura e sociedade brasileiras?
- 11- No julgamento de uma ação civil pública proposta pelo Ministério Público e julgada em 2014, o juiz da 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro afirmou que Umbanda e Candomblé não eram religião porque, nas palavras dele, “ambas manifestações de religiosidade não contêm os traços necessários de uma religião a saber, um texto base (corão, bíblia etc.) ausência de estrutura hierárquica e ausência de um Deus a ser venerado.” Como você avalia essa afirmação?
- 12- Como as religiões afro-indígenas podem contribuir com a inserção da história e cultura africana e indígena na escola?
- 13- Como a escola tem recebido os seguidores das religiões afro-indígenas?
- 14- Como as escolas tratam as religiões afro-indígenas?

Apêndice C: A poesia religada

Se Deus me houvesse falado como falou aos profetas
Teria pedido amor a essa gente indigesta
Que se preocupa com os planos de aumentar o desengano
E diminuir a esperança.

Se Alá me tivesse falado, como falou a Maomé
Teria dito dos rumos que deram àquela fé
Explorando tanto o medo e tirando o sossego
Do mundo que fez com amor e paz

Se Olodumaré me falasse nas cantigas do vento
Teria mostrado o amor que tem em seu pensamento
O respeito e o aconchego que trata todos sem medo
De toda essa intolerância

Se Maria me falasse do seu lugar de amor
E Nanã mostrasse a sua grande sabedoria
Aprenderíamos que o respeito e a nossa harmonia
Que é muito mais importante do que o que nos diferencia

O respeito é essencial, isso nos mostrou Tupã.
A nossa Jurema Sagrada mostra nossa tradição
Os ciganos, pretos-velhos, marujos,
Boiadeiros e estradeiros mostram a ação de nossa oração

Salve Deus em toda forma, adorado por seus nomes
Salve Deus em nosso íntimo, nos seus processos de culto
Salve o amor e o respeito para que em nosso peito
Haja a morada perfeita.

Autoria: Jonathan Reginnie (11/02/17)

Apêndice D: Espectros

E no silêncio dos inocentes
 Pela força dos grilhões
 Renegando nossos nomes
 Nossa cor e tradição,
 Nossos deuses tão presentes
 Nossa voz se faz ausente
 Sangram nossos corações

Que os Orixás nos perdoem,
 Nossas falhas e inconstâncias
 Zumbi, que do alto ecoa
 Como herói que não se cansa
 Ganga Zumba e sua lança
 Sua força e importância
 Emergem dos corações

É na força do guerreiro
 Na cor de nossa lembrança
 Que Xangô demonstra os feitos
 Com as falas, com as danças
 Mostrando riqueza e graça
 A sublime e iluminada
 Cor do povo de Aruanda

Oxalá, meu pai amado
 Me ilumina sempre atento
 Olodumaré nos dá
 Força, fé e provimento
 Iansã, grande rainha
 Olha pela vida minha
 Do alto do firmamento

Ogum, Oxóssi, Ibeji, Nanã
 Iaôs dançam com os atabaques
 O babalorixá reinou
 No terreiro iluminado
 Quanto axé dos agogôs
 Nos guiam em nosso caminho
 E protegem nossos passos

Que o Yroko sagrado
 Nos conecte aos ancestrais
 Que a cultura nos permita
 Viver com amor e paz
 Que a importância de outrora
 Nos permita ainda agora
 Falar com os ancestrais

Respeite minha cultura
Minha cor, minha mensagem
Não desvirtue a realidade
Cor não mede capacidade
Não fragmente a identidade
Nunca tente silenciar
Minha ancestralidade.

Autoria: Jonathan Reginnie